

VOZES Ítalo-brasileiras IV
VOCI Italo-brasiliane IV



Organização / Organizzazione:

Rosalie Gallo



Vozes Ítalo-brasileiras IV
Voci Italo-brasiliane IV



Editor responsável / Capa:

Márcio Martelli

Projeto gráfico e Editoração:

Márcio Martelli

Revisão (Italiano): **Helen Gnocchi***

Revisão (Português): **Cida Micossi**

Tradução para o Italiano:

Helen Gnocchi* / Giada Mattu**

Ilustrações: www.freepik.com

designed by  freepik.com

***Helen Gnocchi** – tradutora juramentada e intérprete em português, italiano e espanhol, inglês. Mediadora cultural, professora.

Contato: helengnocc@gmail.com

****Giada Mattu** – tradutora e intérprete em inglês, português, alemão, russo e italiano.

Contato: giada.mattu@live.com

Todos os direitos desta publicação reservados e protegidos ao Comites SP que detém os direitos autorais da obra para a Língua Portuguesa e Italiana, nos termos da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto nº 1825, de 20 de dezembro de 1907.

O texto aqui reproduzido é uma obra de autoria e responsabilidade de seus autores e não representa, necessariamente, a opinião da Editora.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização por escrito dos organizadores.

Jundiaí, São Paulo, Brasil, abril de 2021.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vozes Ítalo-brasileiras IV = Voci Italo-brasiliane IV / [organização Rosalie Gallo ; tradução para o italiano Helen Gnocchi, Giada Mattu]. -- 1. ed. -- Jundiaí, SP : Editora In House, 2021.

Ed. bilingue: português/italiano.
Vários autores.
ISBN 978-65-86978-60-5

1. Contos - Coletâneas - Literatura brasileira
2. Poesia - Coletâneas - Literatura brasileira
I. Gallo, Rosalie.

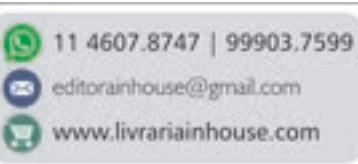
21-62554

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Coletâneas B869.8

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



Para
Eleonora Salvato,

*Conselheira e amiga que me acolheu e apoiou,
todo este amor à italiana.*

Per
Eleonora Salvato,

*Consigliere e amica che mi ha accolto e appoggiato,
tutto questo amore all'italiana.*

Sumário

Apresentação / Presentazione - Filippo La Rosa	6
Prefácio / Prefazione - Renato Sartori	10
Introdução / Introduzione - Rosalie Gallo	12
Homenagens / Tributi	28
Vozes Ítalo-brasileiras / Voci Italo-brasiliane	38
Angélica Royo	40
Camila Gattai Veiga	46
Carmem Teresa Elias	50
Cida Micossi	54
Dalva Baccalá	60
Dalva Inês Michelon	66
Débora Pio	72
Deusdedit Anselmo D'Onofrio	76
Dosmar Sandro Valério	82
Eliana Magrini Fochi	86
Elisabetta Chiacchella	92
Elô Bittencourt	98

Eugenio Bega	104
Fábio Spina	110
Fernanda Nardy Bellicieri	116
Heitor Saporito	122
Helena Domingos	128
Kelly Cristina Galbieri	134
Lorien Marta Zanini	138
Luciana Bannitz Baccalá Righetto	144
Lucila Teresa Papacosta Conte	150
Márcio Martelli	154
Maria Perpétua Silvestrin	162
Maria Rosa Fontebasso	168
Maria Teresa Sponchiado	174
Maricy Montenegro	178
Romildo Gouveia Pinto	182
Valéria Dellome Fougere	188
Vera Maria Mussi Nunes Hage	194
Vilma Pavão Folino	200

Apresentação

A poesia brota sempre de uma emoção forte, não importa que seja filha do sofrimento ou da felicidade. O último ano foi um período difícil, um período de introversão, um período no qual fomos chamados a investigar dentro de nós.

Nem todos tivemos a força e a capacidade de achar as respostas às nossas perguntas. Normalmente quem consegue encontrar essas respostas dentro da oceânica tormenta na qual balanceiam nossas almas tem também a capacidade de expressar seus sentimentos de forma poética.

Esse livro demonstra que tal prerrogativa é atribuída a muitos ítalo-brasileiros. Não é por acaso que nós italianos somos conhecidos, além de navegadores, como um povo de poetas.

E poética foi a resposta que nessa fase de pandemia foi dada por muitos italianos, resposta emblematicamente representada por aqueles corais nas sacadas que muito, há um ano, encheram de esperança nossos corações.

Com o passar do tempo aquela simpática demonstração de otimismo foi substituída por um profundo sofrimento, nem sempre explícito. Aquele sofrimento alimentou desespero e ilusão, colunas da poesia.

Esse é o suco de cultivo dessa nova edição do 4º Concurso literário. Talvez os contos desse livro não sejam o que estamos acostumados a encontrar, a frisar, a espelhar numa produção literária ligada à imigração. Mas nesse ano único na história da modernidade humana não podemos fazer de conta que seja tudo do mesmo jeito. Passamos por um grande sofrimento físico e psicológico e isso não pode não ficar registrado na poesia de qualquer um, seja ele brasileiro ou italiano. O

Presentazione

La poesia germoglia sempre da un'emozione forte, non importa che quest'emozione sia figlia della sofferenza o della felicità. L'ultimo anno è stato un periodo difficile, un periodo di introversione, nel quale siamo stati chiamati tutti a interrogarci nel nostro intimo.

Non tutti abbiamo avuto forza e capacità di dare risposte alle nostre domande. Di solito, chi riesce a trovare queste risposte dentro l'oceanica tempesta che sbaraglia le nostre anime possiede anche la capacità di esprimere i propri sentimenti in forma poetica. Questo libro dimostra che una simile prerogativa è propria di molti italo-brasiliani. Non è un caso che noi italiani siamo noti per essere un popolo di poeti, oltre che di navigatori.

E poetica è stata la risposta che in questa fase della pandemia è stata data da molti italiani, risposta emblematicamente rappresentata dai cori sui balconi che molto, un anno fa, riempirono i nostri cuori di speranza.

Col passare del tempo quella simpatica dimostrazione di ottimismo è stata soppiantata da una profonda sofferenza, a volte sottaciuta. Quella sofferenza ha alimentato disperazione e illusione, fondamenti della poesia.

Questo è l'humus della quarta edizione del Concorso Letterario. È probabile che i versi di questo libro non coincidano con ciò che siamo abituati a trovare, a sottolineare e a riflettere in una produzione letteraria legata all'immigrazione Italo brasiliana. Ma in questo anno così unico nella storia della modernità umana non possiamo far finta che niente sia avvenuto. Stiamo vivendo una grande sofferenza fisica e psicologica che non può non trovare conferma nella poesia di ogni poeta, sia esso brasiliiano o italiano. L'auspicio, come sempre, è di

auspício, como sempre, é de olhar com otimismo para o futuro com imensa esperança que o sentimento que vai fazer brotar a poesia dos próximos anos seja aquele intenso sentimento de felicidade, do qual muito estamos sentindo falta.

Até lá e boa leitura.

Filippo La Rosa
Consul Geral da Itália

guardare con ottimismo al futuro, con l'immensa speranza che ciò che farà sbocciare la poesia dei prossimi anni sia un intenso sentimento di felicità, del quale abbiamo profondamente bisogno.

Ad allora, e buona lettura.

Filippo La Rosa

IL CONSOLE GENERALE

Prefácio

Caríssimo Leitor,

É com muita alegria que escrevo estas palavras. Mais uma oportunidade de deixar meu agradecimento a todos que com muito amor ajudaram a construir este sonho; aos escritores, especialmente.

Quando li o tema do concurso tive a certeza que receberíamos centenas de textos maravilhosos e não foi diferente. Tenho a sensação que nossos jurados sofreram para selecionar os 30 melhores e que sorte a nossa!

Amor à italiana, tema do nosso concurso que deu origem à antologia, muito mais que um clássico ou clichê, é um convite ao sentimento mais puro e mais profundo que provamos em nossa vida. Uma explosão de paixão, carinho e esperança com um toque de saudade.

Em um tempo tão obscuro e difícil em que vivemos, a oportunidade de leremos estes contos que temos em mãos me parece uma forma justa e necessária de suavizar as dores e lembrarmos que o amor sempre vai vencer a dor.

Mais uma vez agradeço a todos os integrantes do Comites de São Paulo pelo apoio e suporte nestes últimos 6 anos em especial à nossa Conselheira Eleonora Salvato, que nos deixou em imensa saudade por partir deste plano ao Alto.

Amor, à italiana ou não, uma deliciosa utopia que nos faz viver e sonhar.

Renato Sartori

Presidente do Comites de São Paulo
@renatosartori

Prefazione

Carissimo lettore,

È con molta allegria che scrivo queste poche parole. Un'altra opportunità di lasciare il mio ringraziamento a tutti coloro che con molto amore hanno aiutato a costruire questo sogno, principalmente agli scrittori.

Quando ho letto il tema del concorso ho avuto la certezza che avremmo ricevuto centinaia di testi meravigliosi e non era diverso. Ho la sensazione che i nostri giudici abbiano sofferto per selezionare i 30 migliori e quanto siamo fortunati!

Amore all'italiana, il tema del nostro concorso che ha dato origine all'antologia, molto più che un classico o un cliché, è un invito al sentimento più puro e profondo che abbiamo vissuto nella nostra vita. Un'esplosione di passione, affetto e speranza con un tocco di nostalgia.

In un tempo così buio e difficile che viviamo, l'opportunità di leggere questi racconti che abbiamo tra le mani mi sembra un modo giusto e necessario per addolcire i dolori e ricordare che l'amore vincerà sempre il dolore.

Ancora una volta ringrazio a tutti i membri del Comites di San Paolo per l'appoggio e supporto in questi ultimi 6 anni, in particolare alla nostra Consigliere Eleonora Salvato che ci ha lasciato in immensa saudade partendo da questo piano all'Alto.

Amore, all'italiana o no, una deliziosa utopia, che ci fa vivere e sognare.

Renato Sartori

Presidente del Comites di San Paolo
@renatosartori

Introdução

Narrar é uma atividade que nos acompanha desde que o ser humano passou a desejar expressar-se a seu próprio modo e independentemente do outro, ouvinte, espectador ou leitor. Narrar grandes feitos através de desenhos nas paredes das cavernas em que habitava levou o homem a perpetuar suas tarefas grandiosas como abater um bisonte, vencer um inimigo que ameaçasse seu núcleo primitivo ou até a cria que havia conseguido até então de forma inexplicável, mas cujo sentimento ainda incipiente o levava a proteger.

A capacidade e a habilidade de narrar feitos heroicos foram consideradas, assim, privilégios de quem habitasse a faixa de vida intermediária entre os homens e a divindade, faixa esta portanto em que transitam os artistas, em sentido amplo.

A pintura é, por conseguinte, a primeira forma de expressão humana artística através da qual o homem registra, nas cavernas, sua ação heroica do dia a dia e o distingue dos demais elementos do grupo objetivando muito mais que a representação da realidade ou a desejada aprovação da fêmea, como pretendiam os primeiros estudiosos dessas manifestações.

Entendidas e respeitadas, desta maneira, como ensinamentos dos deuses, estas expressões artísticas, mais tarde e já em época de serem as ideias registradas através de palavras, façamos um salto no tempo e deparamo-nos com Homero que, em sua Odisseia, exalta a figura do poeta Demódoco, elogiando-lhe a capacidade de narrar, através da poesia, a disputa entre Ulisses e Aquiles.

A cadência, o ritmo, as rimas e as batidas dos pés nos rituais tribais haviam repassado da dança à fala e depois à escrita a musicalidade capaz de atrair e prender a atenção do ouvinte e séculos mais tarde, do leitor. Chega a nós, então, a reconstrução de ações de heróis

Introduzione

La narrazione è un'attività che ci accompagna da quando l'essere umano ha iniziato a desiderare di esprimersi a suo modo e indipendentemente dall'altro, ascoltatore, spettatore o lettore. Narrare grandi fatti attraverso i disegni alle pareti delle caverne in cui abitava ha portato l'uomo a perpetuare i suoi compiti grandiosi come abbattere un bisonte, vincere un nemico che minacciava il suo nucleo primitivo o anche la progenie che aveva creato fino ad allora inesplorabilmente, ma il cui sentimento incipiente lo portava a proteggerla.

La capacità e l'abilità di narrare fatti eroici sono state considerate, così, privilegio di chi abitasse la fascia di vita intermedia tra l'uomo e la divinità, fascia questa in cui quindi transitano gli artisti, in senso ampio.

La pittura è, quindi, la prima forma di espressione umana artistica attraverso la quale l'uomo registra, nelle caverne, la sua azione eroica quotidiana e lo distingue dagli altri elementi del gruppo oggettivando molto più che la rappresentazione della realtà o l'approvazione desiderata della femmina, come hanno dimostrato i primi studi di tali manifestazioni.

Comprese e rispettate, in questo modo, come insegnamenti degli dei, queste espressioni artistiche più tardi e già nel periodo in cui le idee iniziano ad essere registrate attraverso le parole, facciamo un salto nel tempo e incontriamo Omero che, nella sua Odissea, esalta la figura del poeta Demodoco, soprattutto la sua capacità di narrare, attraverso la poesia, la disputa tra Ulisse e Achille.

La cadenza, il ritmo, le rime e il battere dei piedi nei rituali tribali hanno passato la musicalità dalla danza alla parola e poi alla scrittura, musicalità capace di attrarre e catturare l'attenzione di chi ascoltava

através de estratégias em que personagens que se destacam da massa popular galgam o degrau intermediário entre a terra e o céu. O artista passa a ser esse intermediário dos deuses que desejam “ensinar” aos humanos uma realidade além da realidade palpável e desejam sobretudo mostrar que esta realidade mais próxima aos sentidos não é suficiente para o aprendizado da vida; que o encantamento da palavra contendo a experiência alheia traz o que podemos assimilar do mundo, via fantasia e não pela prática pessoal.

Quando esta Antologia foi projetada aspirava oferecer ao leitor exatamente este encantamento, este fascínio, esta magia de transportar o leitor a mundos diversos e não só a mundos reais de apenas trinta escritores; desejava mostrar que há uma infinidade de mundos contidos nas memórias e nas fantasias de todos nós, autores e leitores. O transporte pelo encantamento que provocam as palavras dá-se pelo envolvimento nas passagens relatadas ou criadas, nas expressões espontâneas ou trabalhadas do escritor que despertam no leitor sua memória mais profunda e o ajudam a incorporar experiências jamais pensadas e emoções jamais lembradas, adormecidas que estavam em sua alma.

Este objetivo geral, aliado à natureza pedagógica da obra, agora em sua quarta edição, tem trazido à tona relatos familiares reais e criações literárias bem como tem revelado novos escritores ligados à comunidade ítalo-brasileira que, aos poucos, se firmam no cenário da atual literatura, sobretudo paradidática. Sabe-se que escolas que ensinam português, na Itália, usam esta Antologia para reforçar o aprendizado da língua da mesma forma que, no Brasil, escolas de ensino de língua e cultura italiana também a usam para reforçar suas estratégias curriculares. Contos curtos em páginas *side by side* são oferecidos aos leitores e aprendizes de língua e literatura. Ano a ano o nível literário dos textos cresce como também cresce o número de participantes, o que dá ao Concurso Literário BrasilItália, realizado pelo Comites SP, a perspectiva de uma estrada interminável de sucesso.

A respeito dos contos selecionados neste 2020 desejo destacar algumas reflexões e citações. Primeiro, as relacionadas com o tempo, importante elemento da narrativa. Estreitamente ligado à memória – tempo passado –, à ação principal – quase sempre presente – e

e, séculos mais tarde, del lettore. Arriva a noi, quindi, la ricostruzione delle azioni degli eroi attraverso strategie in cui personaggi che si distinguono dalla massa popolare ascendono al grado di intermediario tra terra e cielo. L'artista passa ad essere questo intermediario degli dei che desiderano “insegnare” agli esseri umani una realtà oltre la realtà palpabile e desiderano soprattutto mostrare che questa realtà più vicina ai sensi non è sufficiente per l'apprendistato della vita; che l'incanto della parola che contiene l'esperienza aliena porta ciò che possiamo assimilare del mondo, attraverso la fantasia, non l'esperienza personale.

Quando è stata idealizzata questa antologia, si voleva offrire al lettore esattamente questo incanto, questo fascino, questa magia di trasportare il lettore in mondi diversi e non solo mondi reali di trenta scrittori; si voleva mostrare che esiste un'infinità di mondi contenuti nelle memorie e nelle fantasie di tutti noi, autori e lettori. Il trasporto dell'incanto che provocano le parole di ha grazie al coinvolgimento nei passaggi raccontati o creati, nelle espressioni spontanee o artificiose dello scrittore che risvegliano nel lettore la sua stessa memoria più profonda, aiutandolo ad incorporare esperienze mai pensate e emozioni mai ricordate, addormentate, presenti nella sua anima.

Questo obiettivo generale, alleato alla naturalezza pedagogica dell'opera, oggi nella sua quarta edizione, ha portato a galla resoconti familiari reali e creazioni letterarie come ha portato alla luce nuovi scrittori legati alla comunità italo-brasiliana che, a poco a poco, si confermano nello scenario della letteratura attuale, soprattutto paradidattica. Sappiamo che, in Italia, le scuole che insegnano portoghese utilizzano questa antologia per rinforzare l'apprendimento della lingua nella stessa misura in cui in Brasile le scuole di língua e cultura italiana la usano per rinforzare le loro strategie curriculari. Racconti brevi con testo a fronte sono offerti ai lettori e studenti di língua e letteratura. Anno dopo anno il livello letterario dei testi cresce come cresce anche il numero di partecipanti, fatto questo che da al Concorso Letterario Brasilitália, realizzato dal Comites SP (San Paolo), la prospettiva di un interminabile cammino verso il successo.

às projeções do porvir – tempo futuro – o tempo, nestas narrativas, aparece trabalhado em duas principais direções temáticas: o país de emigração e a família.

Na primeira vertente podemos citar Maria Perpétua Silvestrin cujo conto retrata o desejo de escapar do país em que grassava a fome quaisquer fossem as possibilidades, como a clandestinidade do garoto protagonista que opta por adotar como suas, no futuro incerto, duas famílias de tios, ao emigrarem para o Brasil. A distância geográfica entre os países e a ausência de terra firme é um lamento: “Água após água, um dia se fez à vista.” E na América que a poucos fez enriquecer, satisfez-se com o que teve: “Minha cama esteve sempre lá, uma em cada casa, para que eu pudesse ir e voltar quando quisesse, sem nunca me sentir um intruso. Eu é que demorei a entender que o amor não precisa de grandiosidades”.

Na mesma linha temporal e criando a imagem da esperança pela cor, Maria Rosa Fontebasso relata que “No lugar onde nasci, todas as árvores se tornavam douradas e depois se despiam à espera da primavera. ...Chegamos aqui onde o verde é perene. ... Há sempre uma música que sussurra em alguma dobra da memória e me alcança, quando lembro de meus pais.” A memória traz então, escrita em cores, a pátria deixada atrás; traz também um retrato em branco e preto do sentimento dessa época: “Não havia exuberância em expressar afeto entre eles [os pais], os gestos eram comedidos, cúmplices.” Era realmente um tempo duro, sombrio, incerto.

Dalva Baccalá cria seu ambiente exatamente sobre a cor que a impressiona: o verde das águas dos canais e da laguna de Veneza, o verde dos olhos do amado, o verde da esperança, o verde da vida.

A respeito do tempo vale ainda citar Deusdedit Anselmo D’Onofrio, ao se referir ao comportamento de nossos ancestrais – avós e pais – porque “naquele tempo, palavras de amor pareciam raras até mesmo na boca dos poetas”. E esse “naquele tempo” está tão perto de cada um de nós! Basta ler Carmem Teresa Elias e sua emoção ao reencontrar, anos depois, o alvo de seu amor, a cantar com ela, na plateia de *Nabucco*, em Roma, o coro dos escravos para o qual não foram selecionados na juventude. Dalva Baccalá, Débora Pio e Romildo Gouveia Pinto também escrevem para confirmarem que somos a

Per quanto riguarda i racconti selezionati in questo 2020 desidero evidenziare alcune riflessioni e citazioni. Innanzitutto, quelle collegate al tempo, importante elemento di narrazione. Strettamente legato alla memoria – tempo passato – , all’azione principale – quasi sempre presente – e alle proiezioni per il futuro, il tempo, in questi racconti, appare in due principali direzioni tematiche: il paese di emigrazione e la famiglia.

Per quanto riguarda la prima direzione possiamo citare Maria Perpétua Silvestrin, il cui racconto ritrae il desiderio di scappare dal paese in cui dilagava la fame qualsiasi fossero le possibilità, come la clandestinità del ragazzo protagonista che opta per adottare come sue due famiglie di zii per emigrare in Brasile, vista l’incertezza per il futuro. La distanza geografica tra i paesi e l’assenza di terra ferma è un lamento: “Acqua dopo acqua, un giorno si avvistò la terra”. E nell’America che piano piano arricchiva, si è soddisfatti di ciò che si aveva: “La mia camera è sempre stata lì, una in ogni casa, perché potessi andare e tornare quando volevo, senza mai sentirmi intruso. Sono io che ho tardato a capire che l’amore non necessita di grandi gesti”.

Sulla stessa linea temporale, creando l’immagine di speranza per il colore, Maria Rosa Fontebasso afferma che: “Nel luogo in cui sono nata, tutti gli alberi diventavano dorati e poi si spogliavano in attesa della primavera... arrivammo qui, dove il verde è perenne. ... C’è sempre una musica che sussurra in qualche angolo della memoria e mi raggiunge, quando ricordo i miei genitori”. La memoria porta, quindi, scritta a colori, la patria lasciata indietro; porta anche un ritratto in bianco e nero del sentimento di quel periodo: “Non c’era esuberanza per esprimere l’affetto tra loro [i genitori], i gesti erano sommessi, complici”. Era davvero un tempo duro, buio, incerto.

Dalva Baccalá crea il suo ambiente esattamente con il colore che la impressiona: il verde delle acque dei canali e della laguna di Venezia, il verde degli occhi dell’amato, il verde della speranza, il verde della vita.

Rispetto al tempo vale la pena citare ancora Deusdedit Anselmo D’Onofrio, che si riferisce al comportamento dei nostri antenati – nonni e genitori – perché “a quel tempo le parole d’amore

pessoa de antes mas que, despertadas muitas vezes pelo silêncio que o tempo exige, acordamos para outra realidade.

Em relação à memória ligada à família muito pode ser colhido nestes relatos, decorrentes do processo migratório para o Brasil, como se percebe.

A tradição da pastorícia se revela através da força poética das palavras de Cida Micossi e faz o leitor recriar as imagens descritas. A delicadeza da condução dos animais, o canto dos sininhos nos pescos, a organizada correria dos cães treinados, a chegada e a volta dos animais e seus triunfantes condutores elevam este texto narrativo ao nível de um documento histórico.

Elisabetta Chiacchella traz à tona o comportamento familiar habitual da submissão, da obediência e do respeito às determinações familiares em uma narrativa substanciosa e commovente mas que não impede à personagem, passado o tempo, de voltar a se lembrar da não realização do amor da época em momento de saudade, provando ao leitor que na verdade todos os tempos existem dentro de nós. Destaca-se, pois, o valor da obediência aos pais, ainda que isso comportasse a infelicidade própria, passageira ou não.

Maria Teresa Sponchiado oferece ao leitor uma sequência de gerações que lutaram e trabalharam juntas, mantendo tradições, respeito à pátria de origem e às individualidades desenvolvidas na nova terra.

Elô Bittencourt, por sua vez, apresenta ao leitor suas raízes da Campânia, onde é evidente o gosto pela companhia de animais como acréscimo ao núcleo familiar, gosto este incorporado na cultura brasileira, como tantos outros.

Camila Gattai Veiga resgata em sua narrativa a origem da tendência política anárquica familiar desde remotos episódios até chegar à figura marcante de sua avó, Zélia Gattai, a que faz o cumprimento final e explosivo da imensa saudade de seus “Anarquistas, graças a Deus!”

Um tema geral recorrente e provocado evidentemente pelo tema geral proposto pelo Concurso foi o amor. De modo geral, despontam nesta Antologia relatos do amor entre pessoas que implicam finais felizes ou não, entre pares que terminam juntos ou separados pela vida

sembravano molto rare anche nelle bocche dei poeti”. E “quel tempo” è così vicino ad ognuno di noi! Basta leggere Carmem Teresa Elias e la sua emozione nel incontrare, anni dopo, il suo amore, a cantare con lei nella platea del *Nabucco* a Roma, le parole del coro degli schiavi per il quale non erano stati selezionati in gioventù. Anche Dalva Baccalá, Débora Pio e Romildo Gouveia Pinto scrivono per confermare che siamo le persone di prima ma che siamo risvegliate spesso dal silenzio che il tempo esige in un’altra realtà.

In relazione alla memoria della famiglia, molto può essere colto in questi racconti sul processo migratorio verso il Brasile.

La tradizione della pastorizia si rivela attraverso la forza poetica delle parole di Cida Micossi e fa ricreare al lettore le immagini descritte. La delicatezza dell’allevamento degli animali, il canto degli uccellini al pascolo, il correre organizzato dei cani, l’arrivo e il ritorno degli animali e dei loro pastori trionfanti elevano questo testo narrativo a livello di documento storico.

Elisabetta Chiacchella porta a galla il comportamento familiare usuale della sottomissione, dell’obbedienza e del rispetto alle determinazioni familiari in una narrativa sostanziosa e commovente ma che non impedisce al personaggio, passato il tempo, di ricordarsi nuovamente della mancata realizzazione dell’amore dell’epoca in un momento di *saudade*, provando al lettore che, in realtà, tutti i tempi esistono in noi. Si evidenzia, perciò, il valore dell’obbedienza ai genitori, anche se questo avesse comportato la propria infelicità, passeggera o meno.

Maria Teresa Sponchiado offre al lettore una sequenza di generazioni che hanno lottato e lavorato insieme, mantenendo tradizioni, rispetto per la patria di origine e per l’individualità sviluppata nella nuova terra.

Elô Bittencourt, dal canto suo, presenta al lettore le sue radici campane, in cui è evidente il gusto per la compagnia degli animali come membri del nucleo familiare, gusto questo che è stato incorporato nella cultura brasiliiana, come tanti altri.

Camila Gattai Veiga riscatta nel suo racconto l’origine della tendenza politica anarchica familiare da episodi remoti fino ad arrivare alla figura sorprendente di sua nonna, Zélia Gattai, quella

ou pela morte. O amor desabrochado ao mesmo tempo das soluções ou o amor tardio, tudo faz fluir o volume intenso de sentimentos e emoções, esperanças, tristezas e tolices em textos primorosos.

Fábio Spina faz questão de nos emocionar com o turbilhão de sentimentos dos primeiros olhares, da invasão avalancheada do primeiro amor, o amor inesquecível. Romildo Gouveia Pinto nos faz atravessar o oceano e ainda nos transporta à Sardenha para enfim promover o encontro esperado há tantos anos, mostrando que o passado é a terra firme de onde nos impulsionamos para saltar para o futuro, para qualquer que seja a ação a acontecer; é o continente em que sabemos existir um porto de partida sem que se saiba se há, do outro lado, outro porto e outra terra firme que permita que a exploremos, por nos aguardar.

Muitas vezes, a história real se mistura à fantasia, como regiamente cria Marcio Martelli, misturando personagens históricas e consagradas, épocas e o mesmo espaço literário de Romeu e Julieta para, por fim, solucionar os dramas familiares em gerações posteriores. Personagens talvez reencarnadas na literatura para apaziguar as tragédias havidas e deixar a realidade mais leve nestes tempos também difíceis de amar.

Outras vezes a fantasia aguarda o tempo da maturidade, como prevê Drummond em Campo de flores, tempo em que Deus dá “um amor em tempo de madureza./quando os frutos ou não são colhidos ou sabem a verme./ Deus - ou foi talvez o Diabo - me deu este amor maduro/ E a um e outro agradeço pois que tenho um amor.” Foi isso que fez Deusdedit Anselmo D’Onofrio, desafiando um tempo que “as palavras de amor pareciam raras até na boca dos poetas”, tempo em que o amor por obrigação fazia esperar a viuvez para realizar o sonho da juventude.

A separação entre os amantes ocorre por circunstâncias diversas e adversas ou pelo andamento natural e fatal da morte.

No primeiro caso enquadraram-se Carmem Teresa Elias e Fernanda Nardy Bellicieri. A primeira, na plateia de Nabucco, em Roma, cruzando olhares com seu amor de juventude, também na plateia e ambos cantando juntos *sull' ali dorate* do pensamento de amor... A segunda, pelo instante amoroso que traz de volta o passado a fim de

che esprime l'espressione finale ed esplosiva di immensa *saudade* dei suoi "anarchici, grazie a Dio!".

Un tema generale ricorrente e provocato evidentemente dal tema generale proposto dal Concorso è quello dell'amore. Generalmente, spuntano in questa antologia racconti di amore tra persone con finali felici e non, tra coppie che finiscono insieme o separate, dalla vita o dalla morte. L'amore sbocciato contemporaneamente da soluzioni o l'amore ritardatario, tutto fa fluire l'intenso volume di sentimenti ed emozioni, speranze, tristezze e stupidaggini nei testi squisiti.

Fábio Spina riesce ad emozionarci con il turbinio di sentimenti dei primi sguardi, dell'invasione sconvolgente del primo amore, l'amore indimenticabile. Romildo Gouveia Pinto ci fa attraversare l'oceano e ci porta in Sardegna per arrivare all'incontro aspettato da così tanti anni, mostrando che il passato è la terra ferma da cui partiamo per arrivare al futuro, qualsiasi sia l'azione che avverrà, è il continente in cui sappiamo esistere un porto da cui partire senza sapere se c'è, dall'altra parte, un porto e una terra che ci permetta di esplorarla, ad aspettarci.

Spesso la storia reale si mescola alla fantasia, come fa egregiamente Marcio Martelli, mescolando personaggi consacrati, epoche e lo stesso spazio letterario di Romeo e Giulietta per, alla fine, chiudere i drammi familiari nelle generazioni successive. Personaggi forse reincarnati attraverso la letteratura per placare le tragedie avvenute e lasciare che la realtà diventi più lieve e possibile in questo periodo di difficoltà ad amare.

Altre volte la fantasia sfiora il tempo della maturità, come prevede Drummond in Campo di fiori, tempo in cui Dio da “un amore nella maturità / quando i frutti non sono raccolti o li mangia il verme / Dio – o forse era il Diavolo – mi ha dato questo amore maturo / e ringrazio uno e l'altro perché ho un amore”. È stato ciò che ha fatto Deusdedit Anselmo D’Onofrio, sfidando un tempo in cui “le parole d'amore sembravano molto rare anche nelle bocche dei poeti”, tempo in cui l'amore obbligato faceva aspettare la vedovanza per realizzare il sogno della propria gioventù.

La separazione tra gli amanti accade per circostanze diverse e avverse o per l'andamento naturale e fatale della vita.

que e, repetindo Drummond no mesmo poema “para fora do tempo arrasto meus despojos/ e estou vivo na luz que baixa e me confunde..”. Como não se confundir na inundação provocada pelo amor? Estar vivo e amar, eis as duas razões da felicidade neste mundo.

Nem mesmo a morte é capaz de intimidar o amor ou de fazê-lo regredir em sua investida. É portanto evidente que a morte nem sempre traz um final infeliz para uma narrativa, como não o traz para a vida. Demonstra-o Dalva Inês Michelon em seu conto porque na verdade, esse sentimento mágico “não conhece idade”.

A morte sempre surpreende a vida, embora seja um fato normal e esperado. A morte, na verdade, surpreende os vivos que não conhecem ainda a dinâmica da vida e não têm visão mais ampla que faça enxergar além do horizonte de uma existência. Por isso Valeria Dellome Fougere desabafa: “Desamparado, ele oscilava entre sentimentos antagônicos: saudade e raiva. Ela não cumprira a promessa!”. Também por isso o que servia de cuidados passa a cuidar ou a enfeitar, como as dálias do jardim, sempre atendidas pelas mãos da agora defunta, embelezada por tantas e belas flores, relatado por Lucila Teresa Papacosta Conte. Por isso, o silêncio do durante se intensifica no depois da morte e só consegue se exprimir na literatura como o pesado peso com que nos transmite o fato a autora Débora Pio. E a solução, então é olhar para fora de si, buscar fontes de energia para eu a vida possa continuar sua estrada em nós, como propõe Vilma Pavão Folino, emendando versos de canção para costurar a nova situação.

Há tantos tipos de amar... Há tantos tipos de amor...

Luciana Bannitz Baccalá Righetto nos apresenta um tipo difícil de administrar: o amor substitutivo. Aquele que exige que o deixemos de lado para que outro maior se instale. Mudar é necessário.

Há os chamados vergonhosos, aqueles com que a família não sabe sequer como lidar. E a moça não mais moça e o padre fogem e formam uma família cuja origem gerações posteriores descobrem, como conta com muita propriedade Lorien Marta Zanini. Um amor que de vergonhoso nada teve porque batizado pela coragem, ultrapassa os preconceitos da época e carrega para as futuras gerações o orgulho do trabalho e da fidelidade.

Dizem que na Itália todos os amores são exagerados.

Nel primo caso si inquadra Carmem Teresa Elias e Fernanda Nardy Bellicieri. La prima, nella platea del *Nabucco* a Roma, incrocia gli sguardi con l'amore della sua giovinezza, anche lui nella platea, entrambi che cantano insieme *sull'ali dorate* del pensiero d'amore... La seconda, per l'istante amoroso che porta indietro il passato al fine di, citando Drummond nella stessa poesia “fuori dal tempo trascino le mie spoglie / e sono vivo nella luce che si affievolisce e mi confonde”. Come non confondersi nell'inondazione provocata dall'amore? Essere vivo e amare, ecco le due ragioni per la felicità in questo mondo.

Nemmeno la morte è in grado di intimidire l'amore o di farlo regredire dal suo assalto. È quindi evidente che la morte non porta sempre ad un finale infelice nella narrativa, come non lo porta la vita. Lo dimostra Dalva Inês Michelon nel suo racconto, perché in realtà, questo sentimento magico “non conosce età”.

La morte sorprende sempre la vita, nonostante sia un fatto normale e aspettato. La morte, in realtà, sorprende i vivi che ancora non conoscono la dinamica della vita e non hanno una visione più ampia che faccia vedere più in là dell'orizzonte dell'esistenza. Per questo Valeria Dellome Fougere si sfoga: “Impotente, oscillava tra sentimenti contrastanti: *saudade* e rabbia. Non ha mantenuto la promessa!”. Anche per questo ciò che aveva bisogno di cure passa a curare o ad adornare, come le dalia del giardino, sempre curate dalle mani dell'ora defunta abbellita da tanti bei fiori, come racconta Lucila Teresa Papacosta Conte. Per questo, il silenzio del momento si intensifica nel *post mortem* e si riesce ad esprimere solo nella letteratura come il pesante peso con cui ci trasmette il fatto l'autrice Débora Pio. E la soluzione, allora, è guardare fuori di sé, cercare fonti di energia perché la vita possa continuare la sua strada in noi, come propone Vilma Pavão Folino, ricamando versi di canzone per cucire una nuova situazione.

Ci sono molti modi di amare... ci sono molti tipi di amore...

Luciana Bannitz Baccalá Righetto ce ne presenta un tipo difficile da amministrare: l'amor sostitutivo. Quello che esige essere lasciato da parte perché un altro più grande arrivi. Cambiare è necessario.

Ci sono quelli “vergognosi”, che la famiglia non sa nemmeno

A latinidade não reconhece fronteiras. Invadiu outras culturas, outros países, andou sobre as águas, abraçou o planeta. Maricy Montenegro sabe disso e por este motivo trata de um típico amor à italiana, no sentido dos anos sessenta, descrevendo um amor direto, claro e obviamente exagerado aos olhos do homem comum. Foi por causa de um muro italiano que Heitor Saporito preferiu gravar o amor incondicional e sem restrições pela amada, além de usar outros subterfúgios para convencê-la a retribuir esse sentimento poderoso e altamente invasivo. Seu texto contém a expressão que resume toda esta reflexão: “Na Itália, até as pichações falam de amor”. Porque, como escreve Vera Mussi Hage, há que o amor ser “graúdo”. Afinal, “Tudo acontece, quando estamos inteiros. Prontos.”

Não estaria completa a análise destas narrativas se não citássemos algumas particularidades.

Alguns textos trazem, para a alegria do leitor, simbologias interessantes: a casa, como segurança na aventura da busca da Mérica, em Eugenio Bega; o as janelas de trem, como os olhos da autora, a visitar lugares e fazer despontar lembranças e reflexões, em Helena Domingos; a árvore, como a semente germinada e frutificada na maçã, símbolo do amor entre duas pessoas, lindamente proposto por Dosmar Sandro Valerio.

As cores e as músicas aparecem na maioria dos textos aqui apresentados nos quais o leitor poderá se deleitar. Referências a obras musicais e versos de várias canções são encontrados nos textos de Carmem Teresa Elias e Vilma Pavão Folino. Faz-se necessário ressaltar Eliana Magrini Fochi que traz para o texto a força da obra musical de Beethoven e o derrama desde o título e por todo o texto cobrindo cada palavra de uma doce cobertura de chocolate, qual o amor paulino que cobre a multidão de pecados.

O tema atual da pandemia gerada pela proliferação do Corona virus fez Angelica Royo criar uma belíssima estrutura narrativa como se fosse um micro roteiro cinematográfico para questionar, no título “Para quem deixarei minhas orquídeas?”. O leitor entenderá, por fim, que deixar as orquídeas foi uma troca de posses: ela deixa suas flores na Itália mas traz de lá e dentro de si algo de concreto, o que a faz sentir-se mais italiana. O que seria? O que no sugere? Um objeto

come affrontare. E la ragazza non è più ragazza e il sacerdote fuggono e formano una famiglia la cui origine è scoperta solo molto più tardi da generazioni successive, come racconta con molto tatto Lorien Marta Zanini. Un amore che non aveva nulla di vergognoso perché battezzato dal coraggio, oltrepassa i preconcetti dell'epoca e carica le future generazioni di orgoglio del lavoro e della fedeltà. Si fa nuovamente necessario ricordare Drummond in Il padre e la ragazza.

Dicono che in Italia tutti gli amori siano esagerati.

La latinità non conosce frontiere. Ha invaso altre culture, altri paesi, ha camminato sulle acque, abbracciato il pianeta. Maricy Montenegro lo sa e per questo tratta un tipico amore all'italiana, nel senso degli anni Sessanta, descrivendo un amore diretto, chiaro e ovviamente esagerato agli occhi dell'uomo comune. È stato a causa di un muro italiano che Heitor Saporito ha preferito salvare l'amore incondizionato e senza restrizioni per l'amata, oltre ad usare altri sotterfugi per convincerla a ricambiare questo sentimento potente e altamente invasivo. Il suo testo contiene l'espressione che riassume tutta questa riflessione: “In Italia, perfino i graffiti sui muri parlano d'amore”. Perché, come scrive Vera Mussi Hage, l'amore deve essere “grande”. Alla fine, “Tutto accade quando siamo pronti. Interi”.

L'analisi di queste narrative non sarebbe completa se non citassimo alcune particolarità.

Alcuni testi hanno, per la gioia del lettore, simbologie interessanti: la casa, come sicurezza nell'avventura della ricerca della Mérica, in Eugenio Bega; le finestre del treno, con gli occhi dell'autrice, a visitare luoghi e a far spuntare ricordi e riflessioni, in Helena Domingos; l'albero, come seme germinato e fruttificato nella mela, simbolo di amore tra due persone, meravigliosamente proposto da Dosmar Sandro Valerio.

I colori e le musiche appaiono nella maggior parte dei testi qui presentati con i quali il lettore potrà dilettersi. Riferimenti a opere musicali e versi di varie canzoni si trovano nei testi di Carmem Teresa Elias e Vilma Pavão Folino. È necessario sottolineare Eliana Magrini Fochi, che porta nel testo la forza dell'opera musicale di Beethoven e la mostra sin dal titolo e per tutto il testo, ricoprendo ogni parola di una dolce glassa di cioccolato, come l'amore paulino copre i molti peccati.

raro? Uma tela original de algum renascentista? Quem sabe um pino implantado na perna operada?

Ler estes contos nos permite revisitá a Itália, revisitar o passado de cada um e contar a nossos descendentes como é o sentimento do que seja, para um descendente de imigrante, voltar ao país de origem e “sentir-se em casa”. Sobre este sentimento ímpar e emocionante Kelly Cristina Galbieri se depara ao viajar para a Itália e ser acolhida porque “cada vez que dizíamos ser brasileiros a festa se instalava”. Sua personagem enviúva mas a ela, Kelly Cristina, sua criadora, posso dizer com segurança que a morte não extingue laços de amor. Muito menos se for um amor à italiana.

Agradeço em particular aos Jurados Maurizio Babini, Professor Associado de Língua e Literatura Italiana na Unesp – Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de São José do Rio Preto; Michele Gialdroni, Diretor do Instituto Italiano de Cultura de São Paulo e Monica Faggionato, Diretora de Ensino do Consulado Geral da Itália em São Paulo. Sem tal colaboração esta Antologia não teria nascido.

Rosalie Gallo
Presidente Comissão Cultura
Comites SP

L’attuale tema della pandemia generata dalla proliferazione del Covid-19 fa creare ad Angelica Royo una bellissima struttura narrativa come fosse un corto cinematografico per chiedere, nel titolo, “A chi lascerò le mie orchidee?”. Il lettore capirà, alla fine, che lasciare le orchidee è stato uno scambio: lei lascia i suoi fiori in Italia ma porta dentro di sé qualcosa di concreto, che la fa sentire più italiana. Cosa sarà? Cosa suggerisce? Un oggetto raro? Una tela originale di qualche rinascimentale? Chissà, un pino piantato nella gamba operata?

Leggere questi racconti ci permette di visitare l’Italia, rivisitare il passato di ciascuno e raccontare ai nostri discendenti com’è il sentimento di un immigrato, tornare al paese d’origine e “sentirsi a casa”. Su questo sentimento impari ed emozionante Kelly Cristina Galbieri si prepara a viaggiare in Italia e ad essere accolta perché “ogni volta che dicevamo di essere brasiliani, cominciava la festa”. Il suo personaggio rimane vedova ma e lei, Kelly Cristina, sua creatrice, posso dire con sicurezza che la morte non spezza i legami d’amore. Molto meno quelli di un amore all’italiana.

Ringrazio in particolare ai Giurati Maurizio Babini, Professore Associato di Lingua e Letteratura italiana All’Unesp, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus di São José do Rio Preto; Michele Gialdroni, Direttore dell’Istituto Italiano di Cultura a San Paolo e Monica Faggionato, Direttrice Scolastico del Consolato Generale di Italia a San Paolo. Senza la loro collaborazione questa Antologia non sarebbe esistita.

Rosalie Gallo
Presidente della Commissione Cultura
Comites SP

Aos escritores e saudosos amigos

Edvaldo Jacomelli

Maria de Fátima Boni Oliveira

Romano Dazzi

*recentemente partidos para o seio do Senhor,
selecionados em edições anteriores desta coleção.*

Agli scrittori e amici che ci mancano

Edvaldo Jacomelli

Maria de Fátima Boni Oliveira

Romano Dazzi

*partiti recentemente verso il Regno del Signore,
selezionati in edizioni precedenti di questa collana.*

Tributi

Homenagens



Denise Lícia Boni de Oliveira Gasparini

Para Maria de Fátima Boni Oliveira, la mia mamma, o meu amor à italiana

O amor à italiana é patrimônio de todos os italianos e oriundi. Mas pra mim, dessa vez, o amor à italiana teve um quê de especial. Mais do que o amor celebrado aos moldes dos italianos, quando vi o tema do 4º Concurso Literário Brasilitália – São Paulo, pensei em um amor pela Itália. O amor à Itália, às raízes, ao idioma dos meus bisavós. Mas sairia do tema. Por isso, decidi não escrever.

Aí a vida me pediu uma oferta a Deus, ao Criador. Um presente mais do que especial, a vida da pessoa que me deu a vida. Da mamma. E pensei que o meu amor à italiana era mais do que um amor romântico ou um amor à cultura italiana. Era porque esse amor me foi passado por uma pessoa muito especial: minha melhor amiga e confidente, meu porto seguro, minha protetora. Mas mais do que isso, é porque o meu significado de Itália confunde-se com a imagem que tenho de minha mãe. Amo a Itália porque minha mãe a amava tantíssimo. E eu me perguntei muitas vezes: o que ela faria? Certamente, escreveria o seu amor à italiana. Pois é isso o que eu vou fazer, escrever o meu amor à italiana.

E quer amor mais à italiana do o amor de uma mamma?

E é por isso, mamma, que hoje eu queria falar para você. Com o respeito, o carinho e o amor que você nos demonstrou e ensinou, falo de você, a minha mãe, italiana.

Estava lembrando hoje quando você chegava com uma blusa bonita e a gente elogiava: “que roupa linda, mamma”. Você, sem titubear, respondia: “quer pra você?”, sorrindo. A docura e generosidade de quem sabe que a vida está sendo generosa com você. Mas não era só com os filhos, era com os amigos dos filhos, com os seus amigos, com quem precisasse. Lembro-me dos jantares da Festa Italiana da Igreja

Denise Lícia Boni de Oliveira Gasparini

Per Maria de Fátima Boni Oliveira, la mia mamma, il mio amore all’italiana

L'amore all'italiana è patrimonio di tutti gli italiani e di coloro che hanno origini italiane. Ma, per me, questa volta, l'amore all'italiana ha avuto qualcosa di speciale. Più che all'amore celebrato sul calco degli italiani, quando ho visto il tema del 4º Concorso Letterario Brasilitália – San Paolo, ho pensato ad un amore per l'Italia. L'amore per l'Italia, per le radici, per la lingua dei miei bisnonni. Ma sarei andata fuori tema. Per questo motivo, ho deciso di non scrivere.

A quel punto, la vita mi ha richiesto un'offerta a Dio, al Creatore. Un regalo più che speciale, la vita della persona che mi ha donato la vita. Della mamma. E ho pensato che il mio amore all'italiana era più di un amore romantico o un amore per la cultura italiana. Era perché questo amore mi è stato passato da una persona molto speciale: la mia migliore amica e confidente, il mio porto sicuro, la mia protettrice. Ma più di questo, è perché il mio significato di Italia si confonde con l'immagine che ho della mia mamma. Amo l'Italia perché mia mamma l'amava tantissimo. E me lo sono chiesta spesso: cosa farebbe lei? Sicuramente, scriverebbe il suo amore all'italiana. Quindi è questo che farò, scriverò il mio amore all'italiana.

E quale amore più all'italiana dell'amore di una mamma?

Ed è per questo, mamma, che oggi vorrei parlare per te. Con il rispetto, l'affetto e l'amore che ci hai dimostrato e insegnato, parlo di te, della mia mamma, italiana.

Proprio oggi pensavo a quando arrivavi con una bella camicetta e noi ti facevamo i complimenti: “che bella camicetta, mamma”. Tu, per nulla titubante, rispondevi: “La vuoi?”, sorridendo. La dolcezza e la generosità di chi sa che la vita è generosa. Ma non lo eri solo con i propri figli, anche con gli amici dei figli, con i tuoi amici, con

Matriz de Itu. Fazia fila na porta de tanta gente querendo ingresso. E você, vendo isso, querendo que as pessoas participassem, reorganizava as mesas conforme as pessoas iam embora e arrumava lugar pra todo mundo. Acolhia, mesmo desconhecidos ou amigos distantes, como uma mãe italiana acolhe em sua casa. Sempre cabe mais um.

E assim foi surgindo o nosso amor à italiana: do Garibaldi e do VIVA V.E.R.D.I.; do I Promesi Sposi de Manzoni e do Gattopardo de Lampedusa; do Va Pensiero e do Inno de Mameli. E quando nós, os filhos, começamos a responder, brincando, os nomes das principais cidades de cada uma das 20 regiões da Itália, você organizou, com a amiga Vilma, seminários e coletâneas de histórias de famílias - inspiradas, vejam só, no Vozes Ítalo-Brasileiras; com o babbino, sessões de cine-fórum, hora com comédias, hora com documentários e sempre com um especialista em algum tema relacionado à Itália para fazer algum comentário. Não bastava que a família se apaixonasse pela Itália. Era preciso que a cidade toda conhecesse e se encantasse com a península italiana.

E enquanto você, mamãe, desenvolvia tantos projetos, eu estava sempre ali, aprendendo sobre a Itália, sobre gestão, sobre eventos, mas principalmente, sobre a vida.

Como os imigrantes que você amava estudar, você também enfrentou dificuldades. Como os oriundi que lutaram para fazer a América, você também lutou com coragem, doçura e alegria. A alegria de quem sabe que as batalhas da vida são etapas que servem para desenvolver e ajudar ao próximo, como você tantas vezes buscou fazer.

E é com a maior das responsabilidades que eu escrevo hoje esse texto: porque a Itália era a herança que você queria nos deixar. E você cumpriu esse desejo. E nós, filholi, vamos sempre amar a Itália porque amamos você. E a Itália sempre vai nos fazer lembrar de você. E assim como os imigrantes de quem você contou tantas histórias atravessaram o desconhecido rumo a uma nova terra, também você emigrou para um desconhecido Paraíso. Que, aí no Paraíso, a Sagrada Família a acolha como você sempre acolheu a todos, alegremente. E que todos os oriundi, que você ajudou a eternizar pelas próprias histórias, festejam com você o seu trabalho.

Amo você, per sempre.

chi ne aveva bisogno. Mi ricordo delle cene della Festa Italiana della Chiesa *Matriz de Itu*. Si creava la coda all'ingresso da tanta era la gente che voleva partecipare. E tu, vedendo questo, volendo che la gente partecipasse, riorganizzavi le tavole in base a chi andava via e facevi posto a tutti. Accoglievi, anche sconosciuti o conoscenti, come una mamma italiana accoglie a casa sua. C'è sempre spazio per una persona in più.

E così cresceva il nostro amore all'italiana: per Garibaldi e per VIVA VERDI; per i Promessi Sposi di Manzoni e per il Gattopardo di Lampedusa; per il Va' Pensiero e per l'Inno di Mameli. E quando noi, i figli, abbiamo iniziato a rispondere, giocando, tutti i nomi delle principali città di ognuna delle 20 regioni italiane, hai organizzato, con l'amica Vilma, seminari e raccolte di storie di famiglie – ispirate, coincidenza, a Vozes Ítalo-Brasileiras; com o babbino, sessioni di cineforum, commedie, documentari... sempre con uno specialista di un tema legato all'Italia a commentare. Non bastava che la famiglia si innamorasse dell'Italia. Volevi che tutta la città conoscesse e fosse incantata dalla penisola italiana.

E mentre tu, mamma, svolgevi tanti progetti, io ero sempre lì, ad imparare cose sull'Italia, sulla gestione, sugli eventi, ma soprattutto sulla vita.

Come gli immigrati che tu amavi studiare, anche tu hai affrontato difficoltà. Come i primi arrivati che hanno lottato per fare l'America, anche tu hai lottato con coraggio, dolcezza e allegria. L'allegria di chi sa che le battaglie della vita sono tappe che servono a svilupparsi e aiutare il prossimo, come hai cercato di fare tante volte.

Ed è con così tanta responsabilità che oggi scrivo questo testo: perché l'Italia è l'eredità che hai voluto lasciarci. E ci sei riuscita. E noi, i figlioli, ameremo l'Italia per sempre perché amiamo te. E l'Italia ci ricorderà sempre te. E così come gli immigrati di cui ci hai raccontato tante storie hanno attraversato l'oceano verso una nuova terra sconosciuta, anche tu sei emigrata per un Paradiso sconosciuto. Che, lì nel Paradiso, la Sacra Famiglia ti accolga come tu hai sempre accolto tutti, allegramente. E che tutti gli originari italiani, che hai aiutato rendendo eterne le loro storie, festeggino con te il tuo lavoro.

Ti voglio bene, per sempre.

Amor vivo

Isto que arde a língua
de lavas vulcânicas a se derreter
em toda parte do seu corpo
consume

É um amor vivo
em chamas
onde me deito
e você chama

Olha esses incêndios
que provocamos
por dentro do invisível
é crível

Nas entranhas
não queremos bombeiros
nem silêncios
quando estamos

NOTA DA ORGANIZADORA: Este texto, ainda incompleto, foi localizado no computador do escritor Edvaldo Giacomelli por seu filho Flávio, que o terminou, brilhantemente, em forma de homenagem ao pai recentemente falecido. Lendo-o, jamais saberemos onde parou o pai ou de onde continuou o filho.

Amor vivo

Questo che arde la lingua
Di lava vulcanica a fondersi
Ovunque nel tuo corpo
Consuma

È un amor vivo
In fiamme
Dove mi sdraiò
E tu chiami

Guarda questi incendi
Che abbiamo provocato
Dentro all'invisibile
È credibile

Nelle viscere
Non bramiamo pompieri
Né silenzio
Quando siamo

NOTA DELL'ORGANIZZATRICE: Questo testo è stato trovato ancora incompleto nel computer dello scrittore Edvaldo Giacomelli da suo figlio Flávio, che lo ha concluso brillantemente come omaggio al padre recentemente deceduto. Leggendolo, non sapremo mai dove si è fermato il padre e ha continuato il figlio.

Mensagem a meu pai, Romano Dazzi

Ah, pai!

Que falta você me faz! Que falta de um conselho, de uma opinião, de um abraço, de um beijo seu.

Pessoa com muita vontade de viver, cheio de ideias novas, e surpreendentes, não obstante os seu 91 anos, você sempre foi jovem de espírito, irradiando a alegria de ser um escritor, autor de textos ecléticos, ora sagazes, ora divertidos, mas sempre muito atuais e perfeitos.

Tenho saudade desse pai amigo, cheio de vida, com vontade de seguir adiante e realizar outros sonhos reprimidos, de escrever, principalmente. Escrever textos deliciosos, assuntos atuais...

A idade não te foi empecilho. Pelo contrário, foi um estímulo.

A todos que se lembram dele, saibam que um bom pensamento permanece.

Amor eterno de sua filha,

Laura

Messaggio al mio papà, Romano Dazzi

Ah, papà!

Come mi manchi! Come mi manca un tuo consiglio, una tua opinione, un tuo abbraccio, un tuo bacio.

Eri una persona con molta voglia di vivere, pieno di nuove idee sorprendenti, nonostante i tuoi 91 anni. Sei sempre stato uno spirito giovane, che irradiava l'alegria di essere uno scrittore, autore di testi eclettici, ora sagaci, ora divertenti, ma sempre molto attuali e perfetti.

Mi manca il papà amico, pieno di vita, con voglia di andare avanti e realizzare altri sogni repressi, soprattutto di scrivere. Scrivere testi deliziosi, argomenti attuali...

L'età non te l'ha impedito. Anzi, è stata uno stimolo.

A tutti coloro che si ricordano di lui, sappiate che i bei ricordi restano.

Amore eterno di tua figlia,

Laura



*Vozes
Ítalo-brasileiras
IV*

*Voci
Italo-brasiliane
IV*

Angélica Royo

Para quem deixarei minhas orquídeas?

Quando riremos outra vez, quando?
 Shakespeare – Mercador de Veneza
 (Bassanio, Ato I - Cena I)

Primeiro Ato – A Chegada

Dia ardendo amarelo sob o sol. Perfeitos 19 graus.

Surpresa merecida no táxi Mercedes e na lancha privativa que vence as ondas do grande canal.

– Querido, com direito a champanhe?

Muito, muito mais. *Hotel Palazzo Veneziano*, no esplendor das águas douradas que embalam Veneza.

Eu, a estrela principal.

Segundo Ato – A Degustação

– Amado 1 e Amado 2, vamos saborear um *Asti* espumante?

– Nos embebedarmos de azeitonas verdes da *Puglia*, queijo *pecorino* de Roma e *prosciutto* de Parma? Ou preferem um *espaguetinho* alho e óleo com parmesão?

– Vamos a um lugar qualquer?

– Tanto faz.

Terceiro Ato – A Apreciação

Quanta felicidade ouvir o arrulhar dos pombos na *Piazza San Marco*

A gole de um *Aperol*,

Ao som das notas dos Violinos e Cellos no café *Florian*,

Ao frenesi dos flashes das máquinas fotográficas,

Ao olhar de encantamento dos pais pelo rapaz.

Ah, que felicidade!

Angélica Royo

A chi lascerò le mie orchidee?

Quando ci faremo ancora due risate? Dite, Quando?
 Shakespeare – Il Mercante di Venezia
 (Bassanio, Atto I – Scena I)

Atto I – Arrivo

Il giorno era di un giallo ardente sotto il sole. Perfetti 19 gradi.

Sorpresa meritata nel taxi Mercedes e nella barca privata che vince le onde del Canal Grande.

– Caro, abbiamo diritto allo champagne?

Molto, molto di più. *Hotel Palazzo Veneziano*, nello splendore delle acque dorate che avvolgono Venezia.

Io, la stella principale.

Atto II – Degustazione

– Amato 1 e Amato 2, sorseggiamo un *Asti*?

– Ci ubriachiamo di olive verdi pugliesi, pecorino romano e prosciutto di Parma? O preferite uno spaghetti aglio, olio e parmigiano?

– Andiamo da qualche parte?

– Come volete.

Atto III – Apprezzamento

Quanta felicità sentire il tubare dei piccioni in Piazza San Marco
 Al sorso di uno spritz Aperol,

Al suono delle note di violini e violoncelli nel caffè Florian,

Alla frenesia dei flash delle macchine fotografiche,

Allo sguardo incantato dei genitori per il ragazzo.

Ah, che felicità!

Quarto Ato – O Acidente

Maratona internacional.
 Dia sinistro, alguém à espreita nos observa na esquina,
 essas pedras úmidas, esse chão de estrelas.
 Águas revoltas, fantasmas nas pontes,
 Plaft, pluft, no chão!
 Um corpo que cai na secular calçada,
 ambulância sobre as águas onde navegaram os Doges de Veneza.

Quinto Ato – Meus livros

Tarde nebulosa, narcotizante,
 ruptura do fêmur. 48 horas para pôr no lugar e colar.
 Melhor se preparem, meninos, a estrela ficará internada.
 A alegria se cala.
 Meus amigos e meus livros, um hiato no tempo de agora.

Sexto Ato – A troca

Arrumar malas, mudar de hotel.
 Hospital *San Giovanni e Paolo* de Veneza.
 Ala da ortopedia cheia, por que será?
 Pelas pedras, pelo chão, pela secularidade da cidade.
 Operação agendada.
 Amanhã será o dia!

Sétimo Ato – A comunicação

Cama, maca, cama, maca.
 Fotos, radiografias, fotos, radiografias.
 E se não for pelo meu inglês, será italiano ou espanhol.
 Bem feito! Por que não aprendeu a língua de Dante?
 E agora? O que fazer? O que falar? Como pedir? Não pode chorar!

Oitavo Ato – A Cirurgia

Sala de cirurgia impecavelmente laminada.
 Opção: acordada ou adormecida qual um pássaro feliz?
 Adormecida qual uma fada feliz.
 E que assim seja.

Atto IV – Incidente

Maratona internazionale.
 Giornata sinistra, qualcuno ci osserva di nascosto negli angoli
 delle strade,
 queste pietre umide, questo cammino di stelle.
 Acque ribelli, fantasmi sui ponti,
 Plaft, pluft, a terra!
 Un corpo che cade sulla calle secolare,
 ambulanza sulle acque su cui navigavano i Dogi di Venezia.

Atto V – Miei libri

Sera nebulosa, narcotizzante,
 rottura del femore. 48 ore per metterlo al suo posto e ingessarlo.
 Meglio che vi prepariate, ragazzi, la stella rimarrà rinchiusa.
 L'allegria si zittisce.
 Miei amici e miei libri, uno iato nel tempo presente.

Atto VI – Scambio

Riempire valigie, cambiare hotel.
 Ospedale San Giovanni e Paolo di Venezia.
 Ala di ortopedia piena, come mai?
 Per le pietre, per il pavimento, per la secolarità della città.
 Operazione programmata.
 Domani sarà il gran giorno!

Atto VII – Comunicazione

Letto, barella, letto, barella.
 Foto, radiografie, foto, radiografie.
 Se non sarà inglese, sarà italiano o spagnolo.
 Ben fatto! Perché non hai imparato la lingua di Dante?
 E adesso? Che fai? Come parlerai? Come chiederai? Non puoi
 piangere!

Atto VIII – Chirurgia

Sala operatoria impeccabilmente laminata.
 Opzione: sveglia o addormentata come un passero felice?

Nono Ato – O Conhecimento

Quarto, quatro camas.

Ao som de histórias: *basta, um attimo, amore mio, sei buona.*

Você quer dormir, não quer mais ouvir.

Marte carrancuda, Vênus lânguida e Júpiter dardejante
falam, choram, rezam e esperam.

A estrela, os fãs e uma oferenda.

Um vaso de orquídeas lilases com o doce perfume de amor.

Décimo Ato – A Despedida

Para quem deixarei minhas orquídeas?

Amanhã, não mais aqui.

Para *Filippo Rapizzi*, meu médico e salvador?

Aquele que me fez pertencer à terra de meus avós?

Sim.

Hoje, mais italiana do que qualquer outro descendente.

Não preciso de cidadania, eu já a conquistei,

Carrego em mim a haste do orgulho e os pinos do amor pela Itália,
por ti Veneza, para sempre tua.

Addormentata come una fata felice.

Così sia.

Atto IX – Conoscenza

Camera, quattro letti.

Al suono delle storie: basta, un attimo, amore mio, sei buona.

Vuoi dormire, non vuoi più sentire.

Marte scontroso, Venere languido e Giove rammendo
parlano, piangono, pregano, sperano.

La stella, i fan e un dono.

Un vaso di orchidee lilla con il dolce profumo dell'amore.

Atto X – Addio

A chi lascerò le mie orchidee?

Domani, non sarò più qui.

A Filippo Rapizzi, mio medico e salvatore?

Sì.

Oggi, più italiana di qualunque altro descendente.

Non ho bisogno di nessuna cittadinanza, l'ho già conquistata,
Carico in me l'asta dell'orgoglio e i pini dell'amore per l'Italia,
per te Venezia, per sempre tua.

Camila Gattai Veiga

Encontros e Despedidas

Era uma vez um aeroporto. Uma despedida. Ela, em tempos perigosos, decidira navegar pelos mares do bravo comunismo. Ele, apenas 5, carregava na mão um saquinho de balas, porque os de 5 adoram comer balas! Mas aquelas eram especiais. Para ela. Dono de tamanha força de vontade prometera a si, “dessas não como nenhum”. E ela, de mãos ocupadas, esqueceu de pegar. Hora de embarcar. Nela, os olhos hesitavam, as pernas decididas. Tinha de ser assim. Ele, que de imitar alguém, acenava para ela com a mãozinha que estava vazia. Nada entendia daquele adeus. Era a tentativa derradeira de entregar os doces à mãe. Mas ela se ia. Levaram-no. E foi no justo momento em que ela chorava escondido que ele, de não ver, crescia na culpa e na ignorância daquelas lágrimas...

“Da próxima vez que vierem, vamos passear por toda a Salvador. Quando me sentir mais disposta, viu?”

Mas eram invencionices da contadora de histórias, não foram palavras ditas para se cumprir. Molequices apenas. Foi quando da condecoração que recebera do governo italiano em 2008. Vieram da Itália governador, embaixador e muita pompa. Festa linda! “*Una cittadina veramente italiana*”, disseram.

Da minha anarquista.

A última vez que a vi.

...Ainda era madrugada quando atendi o telefone. “Venha logo que ele não está bem, o sangue jorra pelo nariz, não dá jeito de estancar, venha rápido.” A porta destrancada autorizava-me entrar sem bater. A bichana da família, inquieta, enroscava-me os tornozelos, pressentia, miava como quisesse me alertar de algo que há muito eu já sabia, antes mesmo de chegar lá. Deparei-me com ele de pé no final do corredor perto do quarto. Ainda estava de cuecas. Me olhava. E

Camila Gattai Veiga

Incontri e addii

C’era una volta un aeroporto. Un addio. Lei, in tempi pericolosi, aveva deciso di navigare per i mari del selvaggio comunismo. Lui, di soli 5 anni, trasportava in mano un sacchetto di caramelle, perché quelli di 5 anni adorano mangiare caramelle! Ma quelle erano speciali. Per lei. Padrone di una grande forza di volontà aveva promesso a se stesso, “Di queste non ne mangio nessuna”. E lei, con le mani occupate, si era dimenticata di prenderle. Ora di imbarcarsi. In lei, gli occhi esitavano, le gambe decise. Doveva essere così. Lui, che voleva imitare qualcuno, accennava verso di lei con la manina vuota. Non capiva nulla di quell’addio. Era l’ultimo tentativo di consegnare i dolci alla mamma. Ma lei se ne andava. Lo portarono via. E fu proprio in quel momento in cui lei piangeva di nascosto da lui, che lui iniziò a crescere nella colpa e nell’ignoranza di quelle lacrime non viste...

“La prossima volta che verrete, gireremo tutta Salvador. Quando mi sentirò più ben disposta, ok?”

Ma erano invenzioni del contastorie, non erano parole dette per farle avverare. Semplicemente follie. Era stato quando aveva ricevuto l’onorificenza dal governo italiano nel 2008. Dall’Italia erano arrivati il governatore, l’ambasciatore, tutti in pompa magna. Che bella festa! “*Una cittadina veramente italiana*”, avevano detto.

Della mia anarchica.

L’ultima volta che la vidi.

...era ancora l’alba quando risposi al telefono. “Vieni subito, non sta bene... perde sangue dal naso e non accenna a smettere. Vieni subito.” La porta aperta mi autorizzava ad entrare senza bussare. La micia di famiglia, inquieta, si arrotolava tra le mie caviglie, percepiva qualcosa, miagolava come a volermi avvisare di qualcosa che già sapevo da tempo, prima ancora di arrivare lì. Mi scontrai con

na sombra da noite que já se ia, tive a impressão que segurava algo na mão. Ele parecia menor que de costume, mais indefeso que de costume.

Do meu anarquista.

A última vez que o vi em casa.

E pensar que restávamos três anárquicos. De carne, ossos, olhos fixos no mesmo ideal. Foram-se dois. E de fugir da matemática fui me esconder entre palavras. Descobri, então, que números também são palavras. De volta à matemática: três menos dois. Números-palavras que de cruéis me fizeram restar um, no lapso.

...Dele, não me despedi. Não seria justo. Talvez a auto piedade é que não me permitisse. Desviados os olhos da linha contínua que apitava no mostrador, baixei a cabeça e me dei conta do saquinho em sua mão, cheio de nódoas pelas balas apodrecidas do tempo. Ele, somente 65, liquefeito em sangue e renascido em um corpo infantil, voltava para o banco da sala de embarque do aeroporto, de onde nunca havia saído. Ia esperar por ela...

...Dela, me despedi em sonho. Fui até lá. Unidade de tratamento intensivo. A abracei, a beijei. Incansável. Implorado. Não me deixasse para trás, é que ele já tinha ido. Ela sorriu. Eu acordei. E fugida de seus lábios refugiei-me entre palavras. Descobri, então, que sorriso também é palavra e significava adeus. Ela saiu corrida ao encontro dele. Tinha de ser assim...

Saídos. Ela e ele. Mãe e filho. Avó e pai. A batida de porta ecoou tempos na minha alma vazia, casa que de engraçada nada mais tinha. Sem janela, sem parede, sem teto, sem rumo, sem chão.

Reparei um bilhete, logo ali, na fresta da porta. Era para mim. “*Non piangere bambina. Vivi la vita, scrivi la tua verità. Mai ti dimentica che sei un'anarchica.*”

Mas era apenas o vizinho dando condolências pelo luto.

É dessa saudade inteirada... Dos meus anarquistas, graças a Deus.

lui in piedi alla fine del corridoio, vicino alla camera. Era ancora in mutande. Mi guardava. E nell'ombra della notte che se ne andava, ebbi l'impressione che avesse qualcosa nella mano. Sembrava più piccolo del solito, più indifeso del solito.

Del mio anarchico.

L'ultima volta che lo vidi in casa.

E pensare che rimanevamo in tre anarchici. Di carne, ossa, occhi fissi verso lo stesso ideale. Se ne sono andati due. E per fuggire alla matematica mi nascosi tra le parole. Scoprii, allora, che anche i numeri sono parole. Di ritorno alla matematica: tre meno due. Numeri-parole che crudeli mi fecero rimanere uno, nel vuoto.

...Non gli dissi addio. Non sarebbe stato giusto. Forse l'autopietà è ciò che non me l'ha permesso. Deviati gli occhi dalla linea continua che suonava sul quadrante, abbassai la testa e mi resi conto del sacchettino che teneva in mano, pieno di macchie fatte dalle caramelle marcite dal tempo. Lui, di solo 65 anni, liquefatto nel sangue e rinato in un corpo infantile, tornava al bancone della sala imbarchi dell'aeroporto, dalla quale non era mai uscito. La aspettava...

...Le dissi addio in sogno. Andai lì. Reparto di terapia intensiva. La abbracciai, la baciai. Instancabile. Inconsolabile. Che non mi lasciasse indietro, è che lui se n'era già andato. Lei sorrise. Io mi svegliai. E, fuggita dalle sue labbra mi rifugiai tra le parole. Scoprii, allora, che anche i sorrisi sono parole e significano addii. Lei le corse incontro. Doveva essere così...

Usciti. Lei e lui. Madre e figlio. Nonna e papà. L'eco dello sbattere della porta risuonò per lungo tempo nella mia anima vuota, casa che di bello non aveva più nulla. Senza finestre, senza pareti, senza tetto, senza direzione, senza cammino. Trovai un biglietto, proprio lì, nella fessura della porta. Era per me. “Non piangere, bambina. Vivi la vita, scrivi la tua verità. Non dimenticarti mai che sei un'anarchica.”

Ma era solo il vicino che mi dava le sue condoglianze per il lutto.

Mi rimase solo la saudade... dei miei anarchici, grazie a Dio.

Carmem Teresa Elias

Asas douradas

Cinquenta e quatro anos transcorreram e, por uma segunda vez em nossos olhos e em nossas vidas, por um breve instante '*lucevan le stelle*'. Por essas coincidências que o destino trama e borda com uma sutileza simultânea de ironia, perdão e bênção, foi concedida a nós a graça de rever do amor perdido um momento único de consagração. Reencontramo-nos em 2011.

Havíamos sido jovens com sonhos de sermos cantores, apaixonados entre os trágicos amores das grandes óperas. Tentamos juntos uma vaga no Coral da Ópera de Roma em 1957, uma época perdida em que nossas famílias ainda lutavam por estancar a fome nossa de cada dia. O Teatro passava por uma fase próxima ao final da grande reforma e conseguir aquela vaga seria a única chance de evitarmos uma reforma trágica em nossas vidas.

Mario estava com 17 anos e mentia ter 18. Eu tinha 16 e meu pai, já bastante bombardeado pela guerra e à beira da morte, confiava a mim o pedido que eu me casasse com Mark, americano que ele conhecera jovem em dias difíceis nos campos de batalha. Ambos quase morreram juntos como inimigos em terreno minado, mas a união humanitária dos dois soldados que se ajudaram em compaixão à vida sob as sombras das bombas concedeu-lhes a graça da salvação mútua e uma amizade duradoura.

Mark era quase vinte anos mais velho que eu, com estabilidade financeira e horror a que uma mulher cantasse publicamente num palco. Ele não me pedia um instante de amor, ele me pedia uma vida, a minha. Eu amava a juventude, Mario e a Itália. Nunca me acostumei àquela terra estrangeira que me soava como destruição: Detroit. Não vivi para a arte, não vivi para o amor.

Mario e eu nos conhecemos em dias de testes enquanto buscávamos juntos um jeito de nos salvarmos. Quando subíamos ao palco

Carmem Teresa Elias

Ali dorate

Erano trascorsi cinquantaquattro anni e, per la seconda volta nei nostri occhi e nelle nostre vite, per un breve istante "*lucevan le stelle*". Per queste coincidenze che il destino trama e congiunge con una sottigliezza simultanea di ironia, perdono e benedizione, ci venne concessa la grazia di rivivere l'amore perduto, un momento unico di consacrazione. Ci rincontrammo nel 2011.

Eravamo stati giovani, sognavamo di diventare cantanti, innamorati dei tragici amori delle grandi opere. Avevamo provato ad entrare insieme nel Coro dell'Opera di Roma nel 1957, un'epoca perduta in cui le nostre famiglie ancora lottavano per fermare la nostra fame quotidiana. Il Teatro era nel mezzo di una fase vicina alla fine della grande riforma e prendere quel posto sarebbe stata l'unica possibilità di evitare una riforma tragica nelle nostre vite.

Mario aveva 17 anni e fingeva di averne 18. Io ne avevo 16 e mio papà, già abbastanza bombardato dalla guerra e prossimo alla morte, mi confidava la richiesta di sposarmi con Mark, un americano che aveva conosciuto da giovane nei difficili giorni dei campi di battaglia. Entrambi quasi morirono vicini come nemici in un terreno minato, ma l'unione umanitaria dei due soldati che si erano aiutati con compassione all'ombra delle bombe gli aveva concesso la grazia della mutua salvezza e un'amicizia duratura.

Mark aveva quasi vent'anni più di me, aveva stabilità finanziaria e orrore che una donna cantasse pubblicamente su un palco. Lui non mi chiedeva un istante d'amore, ma una vita, la mia. Io amavo la gioventù, Mario e l'Italia. Non mi abituai mai a quella terra straniera che mi suonava come distruzione: Detroit. Non vissi per l'arte, non vissi per l'amore.

Mario ed io ci conoscemmo in giorni di prove, mentre tentavamo di salvarci, insieme. Quando salivamo sul palco i nostri occhi, pensieri

nossos olhos, pensamentos e coração ganhavam asas douradas enquanto cantávamos partes de árias e coros de *Tosca* e *Nabucco*. Por alguns dias encontramo-nos entre as obras do teatro, enquanto estrelas luziam no céu em recôndita harmonia, no doce ar da terra natal.

Não fomos aprovados. Cada um seguiu seu destino. Mario, como um escravo de si mesmo, numa fábrica em Milão. Eu, em Detroit.

Com o ciúme excessivo de meu marido nunca mais conheci o amor e não voltei mais a Roma. ‘Oh, minha pátria, tão bela e perdida...’

Até 2011. Ópera de Roma. *Nabucco* em noite de gala. Eu finalmente exalava a suave fragrância da liberdade e ‘o doce ar da terra natal’! Entre a memória e o coração há um tempo que pende como os salgueiros, um lamento, um encantamento de suavidade, beleza que não cede ao passar dos rios, dos tormentos e da solidão. Naquele dia eu me sentia majestosa, como um salgueiro sobrevivente à queda dos jardins suspensos da Babilônia. Perdida entre a plateia, anônima numa poltrona, sozinha com minhas raízes, numa Itália triste com cortes de verbas que ameaçavam ruir sua própria cultura...

O público acompanha o espetáculo em silêncio solene. O maestro concede um bis para o canto do coral dos escravos. A plateia se ergue para cantar junto ao comando do maestro.

Olhei para trás, à esquerda. Nunca amei tanto a vida! Aqueles olhos negros eram inesquecíveis e íntegros. Instantaneamente Mario e eu nos reconhecemos. Reencontramo-nos sob os melodiosos versos cantados por todo o Teatro. Estrelas brilhavam, a terra cheirava... e entre memórias de *Tosca* e *Nabucco* o pensamento ganhou asas douradas: ‘Va, pensiero, sull’ali dorate’...

Cantamos juntos nós dois, o teatro lotado, o coral no palco. Alguma dor aprisionada em mim se libertara com o coração pleno de amor e os olhos plenos de lágrimas e saudades pela vida sonhada que perdemos juntos. Porém, com um único canto, finalmente, a tragédia se desfez em amor.

e cuore acquisivano ali dorate mentre cantavamo parti di arie e cori della *Tosca* e del *Nabucco*. Per alcuni giorni ci incontrammo tra le opere del teatro, mentre le stelle luccicavano nel cielo in recondita armonia, nella dolce aria della terra natale.

Non venimmo presi. Ognuno seguì il suo destino. Mario, come schiavo di se stesso, in una fabbrica a Milano. Io, a Detroit.

A causa della gelosia eccessiva di mio marito non ho più conosciuto l’amore e non sono più tornata a Roma. “Oh, patria mia, tanto bella e perduta...”

Fino al 2011. Opera di Roma. *Nabucco*, serata di gala. Finalmente inspiravo la soave fragranza della libertà e “la dolce aria della terra natale”! Tra la memoria e il cuore c’è un tempo che pende come i salici, un lamento, un incanto di dolcezza, bellezza che non cede al passare dei fiumi, dei tormenti e della solitudine. Quel giorno mi sentivo maestosa, come un salice sopravvissuto alla caduta dei giardini pensili di Babilonia. Persa per la platea, anonima in una poltrona, sola con le mie radici, in una Italia triste con tagli alle risorse che minacciavano di distruggere la propria cultura...

Il pubblico accompagna lo spettacolo in un silenzio solenne. Il maestro concede un bis al canto corale degli schiavi. La platea si erge per cantare insieme al segnale del maestro.

Guardai indietro, a sinistra. Non ho mai amato così tanto la vita! Quegli occhi neri erano indimenticabili e integri. Instantaneamente Mario ed io ci riconoscemmo. Ci rincontrammo sotto i versi melodiosi cantati da tutto il Teatro. Stelle brillavano, la terra profumava... e tra i ricordi della *Tosca* e del *Nabucco* il pensiero acquisì ali dorate: “Va’, pensiero, sull’ali dorate”...

Cantavamo insieme, noi due, il teatro pieno, il coro sul palco. Del dolore imprigionato in me si liberò con il cuore pieno di amore e gli occhi pieni di lacrime e saudade della vita sognata che avevamo perso, insieme. Tuttavia, con un unico canto, finalmente, la tragedia si tramutò in amore.

Cida Micossi

Pastorícia, tradição milenar

Em meados da primavera italiana os pastores transumantes partem com o rebanho, das cidadezinhas que ficam no vale em direção às montanhas, onde o ar é mais fresco e as ervas têm propriedades e sabor que na planície não se encontra. O objetivo é que no novo ambiente eles produzam mais leite e de melhor qualidade e, também, levando os animais os pastos nos vales se refazem.

A viagem começa ao amanhecer e seguem cabras, ovelhas, vacas; galinhas e eventualmente abelhas são agregadas à comitiva. Também fazem parte do grupo os cães de guarda e cavalos que transportam o necessário para a viagem e a estadia.

A subida é cansativa e leva dias. Os guias fazem poucas paradas durante o dia e as reses, sem pressa, vão pastando nos prados. Em riachos saciam a sede. Ora amontoados, ora dispersos, os sininhos no pescoço tilintam: liberdade vigiada! Em alguns momentos as estradas ficam interditadas pela tropa, mas os moradores estão habituados com essa tradição e respeitam.

A pastorícia, prática milenar, é uma vida de cansaço e sacrifício, porém rica de emoções e descobertas, de contato com o ar puro, com a natureza... Uma experiência única! É evidente o carinho desses cuidadores pelo rebanho, tratando-os como se fossem humanos. Não usam o cajado para agredir, apenas para orientar.

Depois de um dia caminhando e cuidando da tropa, à noite eles se acomodam em partes planas da montanha onde ficam os alojamentos. Dormem tranquilos protegidos pelos cães.

Os intermitentes cincrinos pendurados no pescoço dos animais serão o despertador para o novo dia, o diapasão na orquestra da Natureza equilibrando os mais variados sons: os pios dos pássaros, os ruídos dos bichos silvestres, o sopro da brisa e as águas cristalinas que descem pela montanha...

Cida Micossi

Pastorizia, tradizione millenaria

A metà della primavera italiana, i pastori transumanti partono con il gregge, dalle cittadine che restano nella valle in direzione delle montagne, dove l'aria è più fresca e le erbe hanno proprietà e sapori che in pianura non si trovano. L'obiettivo è che nel nuovo ambiente producano più latte e di miglior qualità e, anche, portando via gli animali i pascoli nella valle si rifacciano.

Il viaggio inizia all'alba e ci sono capre, pecore, mucche; galline ed eventualmente api che si aggregano alla comitiva. Fanno parte del gruppo anche i cani da guardia e i cavalli che trasportano il necessario per il viaggio e la permanenza.

La salita è stancante e dura giorni. Le guide fanno poche fermate durante il giorno e il bestiame, senza fretta, pascola nei prati. Nei ruscelli saziano la loro sete. Ora in gruppi, ora dispersi, le campanelline al collo tintinnano: libertà vigilata! In alcuni momenti le strade sono interdette dalla truppa, ma gli abitanti sono abituati a questa tradizione e la rispettano.

La pastorizia, pratica millenaria, è una vita di stanchezza e sacrificio, tuttavia ricca di emozioni e scoperte, di contatto con l'aria pura, con la natura... Un'esperienza unica! È evidente l'amore di questi pastori delle greggi, li trattano come fossero esseri umani. Non usano il bastone per aggredire, solo per orientare.

Dopo un intero giorno di cammino e di cura della truppa, la notte si sistemano in parti piane della montagna, dove ci sono i rifugi. Dormono tranquilli, protetti dai cani.

I campanacci interruttivi appesi al collo degli animali saranno la sveglia per il nuovo giorno, il diapason nell'orchestra della Natura che equilibra i suoni più vari: il cinguettio degli uccelli, il rumore degli animali silvestri, il soffio della brezza e le acque cristalline che scendono dalla montagna...

Os cães vão atentos ao movimento, enquanto cervos observam de longe os visitantes; as cabras e as vacas pastam ao largo, sem saber que o lobo pode atacar: é a lei da sobrevivência. O carneirinho, numa pausa, aconchega-se ao corpo da mamãe ovelha... que lição de amor nos vem da natureza!

O destino é a *malga*, com construções de pedra como as seculares casas italianas. Cada cômodo abriga oito, dez pessoas. Nas janelas, floreiras coloridas despertam alegria e leveza; nos bancos do lado de fora, anciões observam e conversam.

Ali o dia começa muito cedo: alimentar o rebanho, ordenhar, transformar o leite em manteiga e queijos da melhor qualidade. O queijeiro é muito valorizado.

Na *malga* há um pasto de ervas aromáticas e flores que só se encontra nas altitudes e que tornam o leite muito mais nutritivo. Tudo isso com o privilégio de estar nos picos alpinos, tão altos que se misturam às nuvens ou brincam de esconde-esconde atrás da densa neblina, verdadeiros cartões postais.

Por ser a pastorícia uma atividade milenar, o profissional é um conhecedor do meio ambiente, da ecologia, das mudanças climáticas. Aproveita tudo o que pode servir, sendo esta atividade um dos métodos agrícolas mais sustentáveis e eficientes. Ele aprendeu com o pai e o avô o amor e o respeito aos rebanhos, e a amizade dos cães.

Com a era digital, muitos deles mudaram de ofício, mas na maioria das comunas a agricultura familiar se manteve. Os carroções foram substituídos por camionetes, a industrialização do leite é feita por máquinas, sempre valorizando o alimento como dádiva.

Tosar as ovelhas, cuidar dos carneiros bebês, carregá-los para que não se cansem ou, ainda, no lombo dos cavalos colocar um tecido grosso com grandes bolsos para abrigar os que ainda não têm condições de caminhar... Eles chegam a entender a língua dos bichos, tamanho é o amor que dedicam...

A refeição na malga é preparada com maestria pelas *mammas* e pelas *nonnas* e é saboreada após o trabalho.

Eles permanecem ali até o final do verão.

O início do outono é a hora de retornar à cidade e proteger os animais da neve da montanha. Começa, então, a *desmontegada*: logo

I cani sono attenti al movimento, mentre i cervi osservano da lontano i visitatori; le capre e le mucche pascolano larghe, senza sapere che il lupo potrebbe attaccare: è la legge della sopravvivenza. L'agnellino, il una pausa, si accoccola al corpo della mamma pecora... che legame d'amore ci viene dalla natura!

La meta è la malga, con costruzioni di pietra come le case secolari italiane. Ogni sistemazione può contenere otto, dieci persone. Alle finestre, fioriere colorate portano allegria e leggerezza; sulle panche fuori, anziani osservano e conversano.

Lì il giorno inizia molto presto: dar da mangiare alle greggi, mungere, trasformare il latte in burro e formaggio della migliore qualità. Il caseario è molto valorizzato.

Nella malga c'è un pascolo di erbe aromatiche e fiori che si trovano solo a quelle altitudini e che rendono il latte molto più nutritivo. Tutto questo è il privilegio di stare sulle cime alpine, così alte da raggiungere le nuvole e giocare a nascondino dietro la nebbiolina densa, vere cartoline.

Poiché la pastorizia è un'attività millenaria, i professionisti sono conoscitori dell'ambiente, dell'ecologia, dei cambiamenti climatici. Approfittano di tutto ciò che può servire, essendo questa attività uno dei metodi agricoli più sostenibili ed efficienti. Lui ha imparato dal papà e dal nonno l'amore e il rispetto per le greggi e l'amicizia dei cani.

Con l'era digitale, molti di loro hanno cambiato lavoro, ma nella maggior parte dei comuni l'agricoltura familiare si è mantenuta. I carri sono stati sostituiti da camioncini, l'industria del latte è fatta dalle macchine, sempre valorizzando l'alimento come un dono.

Tosare le pecore, prendersi cura degli agnellini, portarli in braccio affinché non si stanchino o, ancora, collocare a lato del cavallo un tessuto grosso con grandi borse per ospitare quelli che ancora non sono in grado di camminare... arrivano a comprendere il linguaggio degli animali, da tanto è l'amore che gli dedicano...

Il pasto nella malga è preparato con maestria dalle mamme e dalle nonne ed è assaporato dopo il lavoro.

Rimangono lì fino alla fine dell'estate.

L'inizio dell'autunno segna l'ora di rientrare in città per proteggere gli animali dalla neve della montagna. Comincia, allora, la discesa:

cedo as cabras se apinham nos penhascos ora pipocando nas pedras, ora abocanhando um galho com folhas verdes. Vistas do alto do monte, as ovelhas parecem flocos de algodão e olhando para o céu vê-se outros carneirinhos. As vacas se movimentam tranquilas...

O retorno à cidade é motivo de festa por onde passam. Afinal, está terminando uma etapa importante para a área rural.

Forma-se um desfile com os grupos: à frente vão as galinhas em viveiros ou gaiolas, as ovelhas, as cabras e as vacas enfeitadas com flores na cabeça e com o tilintante cincerro no pescoço. Passam garbosos. Carroças, tratores e autos; agricultores e suas famílias, muitas crianças, acompanhados da banda musical. É dia de festa para moradores, turistas e para os pastores transumantes que, depois de quase cento e vinte dias longe de casa, poderão estar com os familiares que tanto amam. Amor esse que funde sentimentos como preocupação, carinho, paixão e doação. Um amor às raízes, à tradição, amor à italiana.

Tradição que se repete todos os anos...

presto le capre si raggruppano sui dirupi, saltellando sulle pietre, prendendo in bocca un ramoscello con foglie verdi. Viste dall'alto del monte, le pecore sembrano fiocchi di cotone e guardando il cielo si vedono altri agnellini. Le mucche si muovono tranquille...

Il ritorno in città è motivo di festa dove passano. Alla fine, sta terminando una tappa importante per l'area rurale.

Si forma una sfilata con i gruppi: per prime le galline libere o nelle gabbie, le pecore, le capre e le mucche incornicate dai fiori sulla testa e con le campane tintinnanti al collo. Passano eleganti. Carri, trattori e macchine; agricoltori e le loro famiglie, molti bambini, accompagnati dalla banda musicale. È giorno di festa per gli abitanti, turisti e per i pastori transumanti che, dopo quasi centoventi giorni lontani da casa, potranno stare con i familiari che tanto amano. Un amore questo che fonde sentimenti come preoccupazione, affetto, passione e il donarsi. Un amore alle radici, tradizionale, un amore all'italiana.

Tradizione che si ripete ogni anno...

Dalva Baccalá

Venezia

Eu tinha apenas quinze anos e naquele lugar tudo era deslumbrante. Havia luar e a brisa soprava amena. O mar estava calmo e as gôndolas moviam-se lentas. Ouvia-se apenas o ruído de seus remos e as canções eram românticas. O clima era de magia e poesia. Na minha pele, um olhar.

Acabamos de jantar e fomos passear no calçadão em frente ao mar. Distanciei-me de meus pais para olhar as gôndolas. Tão suaves. Percebi que um mascarado me observava. Essas máscaras venezianas eram fascinantes. Ele deu alguns passos em minha direção. Me assustei. Quis voltar. Tropecei. Pensei que fosse cair e rápido ele me segurou e desculpou-se. Porém estávamos tão próximos... Ele tirou a máscara e percebi que seus olhos eram verdes como o mar de Veneza.

Sempre sonhei conhecer a cidade das águas, dos sonhos, do amor e este foi o meu presente de aniversário. Eu e meus pais havíamos chegado fazia dois dias e já tínhamos visitado o Palácio *Ducal*, as pontes *Rialto* e *dos Suspiros*, tomado café na Praça *San Marco* ao som de violinos e feito compras nas pequenas lojinhas de moda e de souvenir. Jantávamos em um pequeno *ristorante* muito recomendado pelas suas massas e foi nele que eu o vi pela primeira vez.

Lorenzo era forte, bronzeado, de olhos muito claros. Usava calças pretas e camisa branca. Ele se destacava. Como era bonito, meu Deus! Minha mãe me observava.

– Pare de olhar tanto para o garçom, Nina!

Na noite seguinte voltamos. Tinha gostado das massas. Ao chegarmos, ele estava conversando no balcão. Quando me viu, sorriu e o meu coração parou. Não consegui retribuir o sorriso. E no momento em que nós estávamos no calçadão frente a frente e quase abraçados, nos olhamos e ouvi:

– *Ti voglio bene, signorina!*

Dalva Baccalá

Venezia

Avevo solo quindici anni e lì tutto era affascinante. C'era il chiaro di luna e la brezza soffiava mite. Il mare era calmo e le gondole si muovevano lentamente. Si udiva appena il rumore dei remi e le canzoni romantiche. Era un clima magico e poetico. Sulla mia pelle, uno sguardo.

Finimmo di mangiare e andammo a fare una passeggiata lungo la riva di fronte al mare. Mi allontanai dai miei genitori per guardare le gondole. Così leggiadre. Percepii che un uomo mascherato mi osservava. Quelle maschere veneziane erano affascinanti. Fece alcuni passi nella mia direzione. Mi spaventai. Volevo tornare indietro. Inciampai. Pensai che stessi per cadere, ma subito lui mi prese e si scusò. Tuttavia, eravamo così vicini... si tolse la maschera e vidi i suoi occhi verdi come il mare di Venezia.

Avevo sempre sognato di conoscere la città sull'acqua, dei sogni, dell'amore, e questo era stato il mio regalo di compleanno. I miei genitori ed io eravamo arrivati due giorni fa e avevamo già visitato il Palazzo Ducale, i ponti di Rialto e dei Sospiri, preso un caffè in Piazza San Marco al suono dei violini e fatto shopping nei piccoli negozi di moda e di souvenir. Cenavamo in un piccolo ristorante ben vivamente raccomandato per la pasta e fu lì che lo vidi per la prima volta.

Lorenzo era forte, abbronzato, con gli occhi molto chiari. Usava pantaloni neri e camicia bianca. Si distingueva. Come era bello, mio Dio! Mia mamma mi osservava.

– Smettila di guardare tanto quel cameriere Nina!

La notte seguente tornammo. La pasta di era piaciuta. Quando arrivammo, lui stava parlando nel balcone. Quando mi vide, sorrise, e il mio cuore si fermò. Non riuscii a restituire il sorriso. E nel momento in cui noi eravamo nella calle viso contro viso e quasi abbracciati, ci guardammo e sentii:

Foi meu primeiro beijo, aquele que nunca mais se esquece, que se guarda para sempre. E depois, o segundo, o terceiro...

Quase não dormi e no dia seguinte, com olheiras, disse que não queria ir para Murano ver os cristais. Meu pai concordou, minha mãe não. Assim que saíram, fui para a esquina e foi o dia mais belo da minha vida. Havia me falado que aquela era uma cidade para se conhecer de mãos dadas e eu conheci cada cantinho que ele me mostrou, pouco visitados pelos turistas, e na gôndola pensei que aquele era um sonho do qual jamais iria acabar.

A despedida foi triste. Lembro-me. Ele dizendo que iria me encontrar em São Paulo e depois acenando na estação de *vaporetto San Marco*, até eu o perder de vista em meio às lágrimas. As outras cidades que conheci não me interessaram e não ficaram na minha lembrança. A troca de cartas foi intensa. Minha mãe, preocupada, me dizia para esquecer aquele veneziano, que por ser pobre, não viria nunca me encontrar em um país tão distante.

O tempo e a distância fizeram com que nossas palavras fossem se perdendo.

Eu morava no Alto da Lapa, um bairro nobre muito procurado por descendentes de italianos. Meu pai era comerciante e tinha uma loja na Rua Doze de Outubro. Eu assistia às missas na Igreja de Nossa Senhora e ia às festas da colônia italiana. Aos vinte anos me casei com Carlo. Ele era engenheiro, filho de italianos. Morávamos com meus pais e éramos felizes. Tivemos dois filhos: Leonardo era um menino cheio de vida. Já Lucino tinha uma saúde frágil.

Aos quarenta e dois anos Carlo teve uma parada cardíaca e precocemente veio a falecer. Com muita tristeza fui ao seu enterro e com a ajuda de meus pais criei os dois adolescentes. O sonho de Leonardo era estudar na Itália, para onde foi, se casou e se estabeleceu. Lucino não teve a mesma sorte. Aos dezenove anos, uma pneumonia o levou. O tempo passou, cicatrizou as feridas e meus pais seguiram a lei da vida.

Eu estava viúva, só e a casa era grande. Foi quando duas amigas me convidaram para ir à Itália. Vi o roteiro e uma cidade me chamou a atenção. Instintivamente aceitei. E novamente eu estava lá, na cidade das águas, descendo do *vaporetto* e atravessando o calçadão. Em

– Ti voglio bene, signorina!

Fu il mio primo bacio, di quelli che non si scordano mai, che si custodiscono per sempre. E poi, il secondo, il terzo...

Quasi non dormii e, il giorno successivo, con le occhiaie, dissi che non volevo andare a Murano a vedere i vetrai. Mio papà era d'accordo, mia mamma, no. Come uscirono, andai nella calle e fu il giorno più bello della mia vita. Mi avevano detto che quella era una città per conoscersi mano nella mano, e io conobbi ogni angolino che lui mi mostrava, poco visitati dai turisti, e nella gondola pensai che fosse un sogno dal quale non sarei mai uscita.

L'addio fu triste. Mi ricordo. Lui mi diceva che mi sarebbe venuto a trovare a San Paolo e poi mi salutava alla fermata del vaporetto San Marco, finché non lo persi di vista tra le lacrime. Le altre città che conobbi non mi interessavano e non mi sono rimaste tra i ricordi. Lo scambio di lettere fu intenso. Mia mamma, preoccupata, mi diceva di scordarmi quel veneziano, che essendo povero non sarebbe mai venuto a trovarmi in un paese tanto lontano.

Il tempo e la distanza fecero in modo che le nostre parole si perdessero.

Io abitavo in *Alto da Lapa*, un quartiere nobile molto ricercato da discendenti di italiani. Mio papà faceva il commerciante e aveva un negozio in *Rua Doze de Outubro*. Io andavo a messa nella Chiesa di Nostra Signora e andavo alle feste della colonia italiana. A vent'anni, mi sposai con Carlo. Era un ingegnere, figlio di italiani. Abitavamo con i miei genitori ed eravamo felici. Avemmo due figli: Leonardo era un bambino pieno di vita; Lucino era di salute cagionale.

A quarantadue anni, Carlo fece un infarto e mancò precocemente. Con molta tristezza andai al suo funerale e con l'aiuto dei miei genitori crebbi i due adolescenti. Il sogno di Leonardo era di studiare in Italia, dove andò, si sposò e si stabilì. Lucino non ebbe lo stesso destino. A diciannove anni, gli venne una polmonite che me lo portò via. Il tempo passò, cicatrizzò le ferite e i miei genitori seguirono la legge della vita.

Ero vedova, sola e la casa era grande. Due amiche mi invitarono ad andare in Italia. Vidi la tabella di marcia e una città attirò la mia attenzione. Instintivamente accettai. E nuovamente ero lì, nella città

frente estava o pequeno hotel *Pasini*, com vista para o mar. Chovia muito.

A chuva deu uma trégua e fomos jantar em um *ristorante* recomendado pelo dono do hotel. Era o mesmo daquela época. Eu procurava alguém e o alguém não estava lá. Veneza estava sendo inundada pelas águas e eu via a realidade. Partimos. *Conhecemos Pisa, Carrara, San Gimignano* e visitamos meu filho em *Firenze*. Como são lindas as cidades italianas! Voltamos.

Naquela manhã de sol, eu sentia nostalgia. Tinha chegado da Itália há um mês. Peguei a minha caneta e comecei a escrever um poema. Há muito tempo não escrevia. Ouvi a campainha. Provavelmente era o carteiro ou algum vendedor. Maria apareceu em meu quarto. Uma pessoa queria falar comigo. Olhei pela janela. Um homem que não conhecia me lembrou o dono do hotel *Pasini*. Desci as escadas, abri a porta e olhei para o estranho. Ele tirou os óculos escuros.

– Giovanna.

Eu tinha apenas quinze anos e seus olhos eram verdes como o mar de Veneza.

sull'acqua, scendendo dal vaporetto e attraversando la calle. Di fronte, il piccolo hotel *Pasini*, vista mare. Pioveva molto.

La pioggia smise per qualche minuto e andammo a cena in un ristorante raccomandato dal proprietario dell'hotel. Era lo stesso d'allora. Cercavo qualcuno e quel qualcuno non c'era. Venezia stava per essere inondata dalle acque e vedeva la realtà. Partimmo. Visitammo *Pisa, Carrara, San Gimignano* e mio figlio a Firenze. Come sono belle le città italiane! Tornammo.

In quella mattina di sole, mi sentivo nostalgica. Ero arrivata in Italia da un mese. Presi la mia matita e cominciai a scrivere una poesia. Era da tempo che non scrivevo. Sentii il campanello. Probabilmente era il postino o qualche venditore. Maria venne nella mia camera. Una persona voleva parlare con me. Guardai dalla finestra. Un uomo che non conoscevo mi ricordò il proprietario dell'hotel *Pasini*. Scesi le scale, aprii la porta e guardai lo sconosciuto. Lui si tolse gli occhiali scuri.

– Giovanna.

Avevo solo quindici anni e i suoi occhi erano verdi come il mare di Venezia.

Dalva Inês Michelon

O amor não tem idade

Numa linda manhã ensolarada de domingo, casaram-se Elsa e José. Era 2008, na cidade de Concórdia - Santa Catarina, no sul do Brasil, onde o *Talian* ainda é falado nas ruas, nas lojas e em casa. A igreja foi decorada com flores de todas as tonalidades. Não era mais a primeira igreja do país, que tinha uma bela fachada e duas torres com sinos que soavam durante todas as celebrações importantes, religiosas e até mesmo sociais. No seu lugar, foi construída uma igreja moderna, que não acrescentou muito valor à história da cidade nem a sua população, que era na maior parte italiana.

A noiva estava vestida de rosa, colar e brincos de pérola, não usava saltos altos e piscava o olho para suas amigas. José usava calças listradas, camisa branca engomada e gravata preta. Estava muito sério atuando no papel de noivo. Após a cerimônia, almoçaram no restaurante junto com a família e amigos. Todos passaram uma tarde agradável conversando e ouvindo música tocada na sanfona pelos dois irmãos da feliz noiva. Entre as canções - *Merica, Merica, Il Mazzolin di Fiori, La Virginella, Ciaretto su quel monte* - cantadas e tocadas como na época da chegada dos vênetos e trentinos no Brasil. Passaram um lindo dia.

A família de Elsa e outros cinco irmãos era de origem trentina, ou melhor, do Império Austro-Húngaro. Seus bisavós e avós, todos lavradores, chegaram ao Brasil por volta de 1890, fugindo da fome e da falta de terra. As novas gerações migraram da Linha Faria Lemos, Seção Rio das Antas, Município de Bento Gonçalves, Estado do Rio Grande do Sul e se estabeleceram na Linha Três Barras, município de Concórdia, em Santa Catarina, em 1941.

Dalva Inês Michelon

L'amore non conosce età

In una bella mattina di una domenica di sole splendente, si sposarono Elsa e José. L'anno era il 2008; il paese, Concórdia – Santa Catarina, nel Brasile Meridionale, dove ancora si parla il Talian per le strade, nei negozi, in casa. La chiesa fu abbellita con fiori di tutti i colori. Non era più la prima chiesa del paese, che aveva una facciata stupenda e due torri con campane che suonavano per tutte le ricorrenze importanti, religiose e anche sociali. Al suo posto è sorta una chiesa moderna, che non porta tanto merito alla storia del paese e della sua gente, italiana in maggioranza assoluta.

La sposa indossava un completino rosa, collana e orecchini di perle, tacchi non alti, e faceva l'occhiolino alle amiche. José in pantaloni a righe, camicia bianca inamidata e cravatta nera, era molto serio nel ruolo di sposo. Finita la cerimonia ci fu un pranzo in ristorante, assieme a famigliari e amici e tutti passarono un bel pomeriggio di chiacchere e musica, questa suonata alla fisarmonica da due fratelli della felice sposa. Tra le canzoni – *Merica, Merica, Il mazzolin di fiori, La Virginella, Ciaretto su quel monte*, cantate ancora come ai tempi dell'arrivo dei veneti e trentini in Brasile. Fu una dolce giornata.

La famiglia di Elsa e altri cinque fratelli era di origine trentina, o meglio dell'impero Austro-Ungarico. I bisnonni e i nonni, tutti contadini, arrivarono in Brasile verso il 1890, fuggendo dalla fame e dalla mancanza di terra. Le nuove generazioni migrarono da Linha Faria Lemos, Seção Rio das Antas, comune di Bento Gonçalves, stato di Rio Grande do Sul, e si stabilirono a Linha Três Barras, comune di Concórdia, nello stato di Santa Catarina, nel 1941.

Eles chegaram com o primeiro caminhão que conseguiu passar com dificuldade pelo caminho onde só as carroagens e cavalos conseguiam passar e depararam-se com uma floresta ainda virgem. O Pai, Vittorio, a mãe, Pierina e os seis filhos foram acolhidos durante um ano pela família de Luiz Dilda, de origem vêneta, ali estabelecida há vários anos e possuíam bens no local. Enquanto isso, para poder sobreviver, ajudados por outros moradores, construíram uma casinha de madeira e desflorestaram um terreno para os primeiros plantios.

José era um dos muitos filhos da família anfitriã, um rapaz de quatorze anos, astuto, ligeiro e trabalhador. Logo fez par com Elsa, de treze anos, morena, de olhos castanhos e brilhantes, nos trabalhos do campo. Tinha muitos afazeres naquele tempo: semear, plantar, replantar, colher e cuidar do pasto. Tiveram que trabalhar duro para sobreviver.

Devido a amizade que nasceu desta forma, era natural que o jovem casal se apaixonasse. De manhã até a noite, eles eram vistos pelos campos, acompanhados por jovens e crianças das duas famílias. Tinham se tornado uma grande família, alegre e atarefada.

A vida tem sempre os seus caprichos. puxa daqui, empurra dali. A fantasia sempre presente torna-se misteriosa. Em uma dessas reviravoltas, Elsa e José se separaram e viveram uma vida dividida. José se casou com Maria e teve três filhos. Foi caminhoneiro por vários anos e percorreu quase todo o Brasil. Contava muitos fatos e histórias sobre as suas viagens, quando nem sequer utilizava o mapa. Viveu em várias cidadezinhas perto de Concórdia.

Elsa se casou com João, com quem teve sete filhos. Um deles tornou-se anjo aos onze meses de idade. A pobreza e a falta de recursos financeiros sempre estiveram presentes na vida familiar deles. Eles se mudaram para a cidade pouco depois de seu terceiro filho nascer, mas, mesmo assim, eles permaneceram ligados à terra, de onde re-

Arrivarono con il primo camion che fece a malapena il sentiero dove passavano solo le carrozze e i cavalli. Si trovarono davanti la foresta ancora intatta. Papà Vittorio, mamma Pierina e i sei figliuoli furono ospitati per un anno dalla famiglia di Luiz Dilda, di origine veneta, stabilitasi da parecchi anni, e già benestante. Nel frattempo, e aiutati da altri residenti del posto, tirarono su in qualche modo una cassetta di legno e disboscavano del terreno per le prime coltivazioni di sopravvivenza.

José era uno dei molti figli della famiglia ospitante, un quattordicenne furbo, svelto e laborioso. Presto si fece accompagnare da Elsa, tredicenne, morettina dagli occhi bruni e vispi, nelle faccende di campagna. C'era tanto da fare in quei tempi: seminare, piantare, trapiantare, raccogliere, pascolare...toccava sgobbare per tirare avanti.

Dall'amicizia così nata, fu naturale l'innamoramento della giovane coppia. Dalla mattina alla sera li si vedeva in giro per i campi, accompagnati dai giovani e dai bambini delle due famiglie. Ormai era diventata una grande famiglia, allegra e indaffarata.

La vita ha sempre i suoi capricci, tira di qua, spinge di là. La fantasia sempre presente si fa pure misteriosa. In una di queste svolte, Elsa e José si separarono e proseguirono la loro vita. José si sposò con Maria ed ebbe tre figli. Fece il camionista per molti anni e girò quasi tutto il Brasile. Raccontava molti fatti e storie dei suoi viaggi, quando non faceva nemmeno uso della carta geografica. Visse in parecchi paesini vicini a Concórdia.

Elsa sposò João, da cui ebbe sette figli, uno dei quali diventò un angioletto a undici mesi. La povertà e la scarsità di mezzi economici girarono sempre attorno alla famiglia. Traslocarono in paese poco dopo nato il terzo figlio, ma anche così rimasero attaccati alla terra, da dove ricavavano quasi tutto il fabbisogno per campare. In giro

tiravam quase tudo que fosse necessário para viver. Diziam que Elsa era a dona do “dedo verde”, ou seja, tudo o que ela semeava e plantava, crescia abundantemente. No quintal, as flores desabrochavam à toa; no jardim, os legumes eram abundantes, tanto que dava para ajudar os vizinhos mais necessitados. O pomar fez a alegria dos meninos e de muitas espécies de pássaros e animais da fazenda e das florestas. Filhos, netos e bisnetos são herdeiros do seu amor pela terra, pela natureza e pelos animais.

Era uma tarde fria de uma quarta-feira de julho, sempre em Concórdia, no entanto, mesmo que estivesse frio, Elsa não perdia a oportunidade de encontrar seus amigos no Clube dos Idosos, pouco distante de sua casa. Como de costume, jogavam cartas, dominó, comiam algo juntos e dançavam. Parecia que todos tinham voltado a ser jovens e despreocupados.

E, de repente, Elsa e José se viram de frente um para o outro! Qual não foi a surpresa e o encantamento de ambos. Tinham ficado viúvos há poucos anos, então começaram a contar um para o outro tudo o que havia acontecido durante os 65 anos, desde quando terminaram a história de amor juvenil. Passaram-se dias, semanas e meses de encontros, de emoções, de memórias felizes e tristes, de risos e choros. Logo decidiram morar juntos e se casaram. Elsa, 80 anos, feitos a pouco tempo, ainda tinha o desejo e a alegria de viver, podia-se ver nos seus olhos e na sua voz quando estavam juntos. José não parecia ter 81 anos, tinha grande força de vontade e era forte. Assim, viveram felizes durante dez anos.

In memoriam de Elsa Ida Piffer Michelon, minha mãe amada, falecida com noventa e um anos, no dia 8 de dezembro de 2019. Suas últimas palavras foram em italiano: “*Parto, addio a tutti.*”. José Dilda foi com ela no dia 19 de maio de 2020.

si diceva che Elsa fosse padrona del “dito verde”, ossia che tutto quanto seminava e piantava cresceva al meglio. Nel giardino i fiori sbocciavano a vanvera; nell’orto la verdura era abbondante, tanta da aiutare dei vicini più bisognosi. Il frutteto faceva l’allegria dei ragazzi e di molte specie di uccelli e animali da cortile e da bosco. Figli, nipoti e pronipoti sono eredi del suo amore per la terra, la natura e gli animali.

Era un freddo pomeriggio di un mercoledì di luglio, sempre a Concórdia; però, anche se faceva freddo, Elsa non perdeva l’occasione di trovarsi con gli amici al Clube dos Idosos, distante quattro passi da casa sua. Come di solito, si giocava carte, a domino, si faceva la merenda e si ballava. A tutti sembrava di tornare un po’ ragazzi spensierati.

Ed ecco che d’improvviso, Elsa e José si ritrovarono l’una davanti all’altro! Quale non fu la sorpresa e l’incantamento di entrambi. Ambedue erano rimasti/diventati vedovi da pochi anni. Si misero a raccontarsi a vicenda tutto quanto era successo nel tratto di 65 anni, da quando era finito il loro rapporto giovanile. Furono giorni, settimane e qualche mese di incontri, di emozioni, di ricordi allegri e tristi, di risate e pianti. Presto decisero di vivere insieme, e decisero di sposarsi – Elsa, 80 anni appena compiuti, aveva ancora presenti la voglia e la gioia di vivere, lo si vedeva negli occhi e nella voce quando erano insieme, e José, 81 anni ben portati, volenteroso e di forte atteggiamento. Vissero felicemente per dieci anni.

In memoriam di Elsa Ida Piffer Michelon, mia carissima madre, deceduta a novant’un anni, l’08 dicembre 2019. Le sue ultime parole furono in italiano: “*Parto, addio a tutti.*” José Dilda la seguì il 19 maggio 2020.

Débora Pio

A menina e seu amor toscano

Era assim que você me chamava desde que nos conhecemos há quase quarenta anos – até a última vez em que nos vimos, no inverno do ano passado.

A menina soube ontem da sua morte solitária numa casa de repouso e recuperação; soube da sua tristeza em não poder voltar para o lugar onde guardava as últimas das suas querências, dentre elas um carro...

Aos dezessete anos mudamo-nos de casa, a minha família e eu. Foi então que o conhecemos, estabelecido já há tempos naquelas vizinhanças. Era querido por toda a gente, bem-afamado pelos donos de carros, já que você era um dos melhores mecânicos da região. Pouco a pouco fomos-nos conhecendo, os meus pais tornaram-se seus amigos, todos vocês filhos de imigrantes italianos; havia muito o que conversar, contar, saber.

Confesso que o achei um bonitão ao vê-lo em trajes dominicais: o seu elegante chapéu estilo toscano, o seu sorriso de dentes lindos... tinha a idade do meu pai, mas isso não era problema, pois eu era apenas uma menina preocupada em estudar para o vestibular, focada nos amigos do colégio e que se satisfazia ao cumprimentá-lo e receber o seu sorriso.

Era viúvo, filhos adultos, criados – e uma filha temporânea que mal chegou a conhecer, sendo que algum parente a levou para acabar de criar. Você era novo para a viudez e para o celibato, naturalmente conheceu alguém. Lembro de ter me assustado um pouco ao ver seu entusiasmo juvenil junto àquela mulher, que por algum motivo não me caiu muito bem – instinto, apenas. Mas a vida foi seguindo o seu curso, eu saí do Brasil, voltava a cada ano. Meus pais sempre me diziam que você perguntava “pela menina” e assim foi, até que eu soube que a tal mulher conseguira matrimônio, terminar uma faculdade de Direito com o seu apoio financeiro e... então, os papéis que ela lhe dera para assinar... A coisa ficou feia, de repente, tendo passado já dos

Débora Pio

La ragazza e il suo amore toscano

Era così che mi chiamavi da quando ci conoscemmo, quasi quarant'anni fa – fino all'ultima volta in cui ci vedemmo, nell'inverno dell'anno scorso.

La ragazza è venuta a sapere ieri della tua morte solitaria in una casa di riposo e riabilitazione; è venuta a sapere della tua tristezza per non poter ritornare nel luogo in cui custodivi le tue ultime volontà, tra le quali una macchina...

A diciassette anni cambiammo casa, io e la mia famiglia. Fu allora che ti conoscemmo, ti eri stabilito già da tempo in quel quartiere. Eri benvoluto da tutti, richiesto da tutti i proprietari di auto, poiché eri uno dei migliori meccanici della regione. Poco a poco ti conoscemmo, i miei genitori diventarono tuoi amici, tutti voi figli di immigrati italiani; c'era molto di cui parlare, raccontare, sapere.

Confesso di aver ti trovato proprio carino, a vederti in abiti da festa: il tuo elegante cappello toscano, il tuo sorriso con quei bei denti... avevi l'età di mio papà, ma non era un problema perché io ero solo una ragazzina preoccupata di studiare per il diploma, focalizzata sugli amici del collegio e a cui bastava salutarti e ricevere un tuo sorriso.

Eri vedovo, con figli grandi, cresciuti – e una figlia precoce che appena riuscii a conoscere, perché un qualche parente la portò via per educarla. Tu eri giovane per essere vedovo e per il celibato, naturalmente conoscesti qualcuno. Ricordo di essermi un po' spaventata a vedere il tuo entusiasmo giovanile insieme a quella donna, che per qualche motivo non mi piaceva – istinto, penso. Ma la vita continuò il suo corso, andai via dal Brasile, tornavo ogni anno. I miei genitori mi dicevano sempre che chiedevi “della ragazza” e fu così finché venni a sapere che quella donna era riuscita a sposarti, a finire gli studi di giurisprudenza con il tuo appoggio finanziario e... allora, le carte che ti ha dato da firmare... la cosa diventò improvvisamente brutta, avendo già passato i sessant'anni e con il lavoro in declino, ti ha fatto perdere tutto.

sessenta anos e o seu trabalho em declínio, ela o fizera perder tudo.

No lugar do sobrado de classe média onde morara com a sua primeira família e onde oferecera pequenos luxos aos seus filhos, veio a demolição e nada mais era seu... apareceu ali uma construtora, como dragão, ergueu um moderno arranha-céu, dando àquela que o usou uma fortuna à qual você nunca teve direito.

A menina já estava mulher madura, foi vendo a tristeza, a cabeça baixa... gostaria de ter ido conversar com você, perguntar sobre a região dos seus pais e antepassados na Toscana... quando lá estive no ano passado, eu lhe dediquei muitos pensamentos e fiz vários brindes com o vinho local à nossa imaginária amizade. Nunca tive a oportunidade de lhe falar sobre isso. Cometi o erro de acreditar que poderia fazê-lo sempre. Também nunca lhe perguntei se, fechado ali, na oficina mecânica onde passara a viver após perder a sua casa, ouvia na imensidão das noites música italiana... não perguntei do que gostava... se ouvia ópera e quais suas árias preferidas...

Agora dialogo com você, penso que tenho as respostas, mas o fato é que não...

Apareceram num dia seus filhos distanciados há muito tempo, vai-se saber o porquê; imagino que por causa daquele casamento desastre, da sua falta de atenção ao assinar papéis..., mas apareceram, e a menina soube que você fora encontrado já tão fragilizado fisicamente, caído numa rua. Contaram a ela, entristecida, que o levaram para um abrigo de indigentes, sem documentos pois haviam roubado sua jaqueta com tudo nos bolsos. A assistente social os localizou, os filhos levaram-no para uma quarentena forçada em Embu das Artes, pois estávamos em tempos de peste. Pensei o quanto gostaria de ter caminhado ali ao seu lado e entre as casas coloniais ouvido coisas sobre você.

Ontem seus filhos acabaram de esvaziar aquele espaço que foi o seu último refúgio, o seu último abrigo. Ontem soube que você já estava morto e enterrado, que morrera entristecido, mas com cuidados e conforto, na casa de recuperação.

Ontem a menina soube, pelo lixo retirado da sua casa e depositado na rua, que gostava de *Nessun Dorma*... a menina chorou e rezou por você, sonhando que um dia caminharão lado a lado pelos campos da sua Toscana ancestral.

In memoriam, caro Benito.

Nella casa di classe media in cui avevi abitato con la tua prima famiglia e dove avevi offerto piccoli lussi ai tuoi figli, arrivò la demolizione e nulla era più tuo... apparve una costruttrice, come un drago, costruì un moderno grattacielo, dando a quella che ti ha usato una fortuna alla quale tu non avesti mai diritto.

La ragazza era ormai una donna matura, si vedeva la tristezza, testa bassa... mi sarebbe piaciuto parlare con te, chiederti della regione dei tuoi genitori e antenati in Toscana... quando sono stata lì l'anno scorso, ti ho dedicato molti pensieri e ho fatto vari brindisi con il vino locale alla nostra amicizia immaginaria. Non ho mai avuto l'opportunità di parlarti di questo. Ho commesso l'errore di credere che avevo tutto il tempo del mondo per farlo. Non ti ho neanche mai chiesto se, chiuso lì, nell'officina dove avevi iniziato a vivere dopo aver perso casa tua, sentivi nell'immensità della notte la musica italiana... non ti ho mai chiesto cosa ti piacesse... se ascoltavi l'opera e quali fossero le tue arie preferite...

Adesso parlo con te, penso di avere le risposte, ma il fatto è che non le ho...

Sono apparsi un giorno i tuoi figli, lontani da tanto tempo, vai a sapere il perché; immagino che a causa di quel matrimonio disastroso, della tua mancanza di attenzione nel firmare quelle carte... ma sono arrivati, la ragazza ha saputo che ti hanno incontrato quando eri già fragile fisicamente, caduto in una strada. Le hanno raccontato, lei triste, che ti hanno portato in un rifugio per malati, senza documenti perché ti avevano rubato la giacca con tutto nelle tasche. L'assistente sociale li ha trovati, i figli ti hanno portato in una quarantena forzata a Embu das Artes, perché eravamo in tempo di peste. Ho pensato a quanto mi sarebbe piaciuto camminare lì accanto a te, tra le case coloniali, ascoltandoti parlare di te.

Ieri i tuoi figli hanno finito di svuotare quello spazio che è stato il tuo ultimo rifugio, il tuo ultimo riparo. Ieri ho saputo che eri già morto e sepolto, che sei morto triste, ma curato e confortato, nella casa di riposo.

Ieri la ragazza ha saputo, dalla spazzatura portata da casa tua in strada, che ti piaceva *Nessun Dorma*... la ragazza ha pianto e pregato per te, sognando di camminare un giorno accanto a te, nei campi della tua Toscana ancestrale.

In memoriam, caro Benito.

Deusdedit Anselmo D'Onofrio

O casamento dos viúvos e outros casamentos

1924 não foi um ano muito feliz para duas famílias de imigrantes italianos no Brasil. Colonos e vizinhos, estabelecidos nos arredores de Pirassununga, interior do estado de São Paulo, Vincenzo D'Onofrio e Anselmo Potechi ficaram viúvos neste mesmo ano em que a também vizinha, Teresa Seisdedos Vaquero, perdeu o marido de apenas 34 anos.

Não se sabe bem como os dois viúvos tomam conhecimento da viuvez da jovem espanhola e imediatamente se interessam por ela. Vincenzo D'Onofrio tinha, então, 48 anos de idade e sete filhos para sustentar: Carolina, Constantino, Caetano, Carmelo, José Palmiro, Antônio e Marieta. O outro candidato, Anselmo Potechi, era um pouco mais novo e tinha uma descendência também um pouco menor, seis filhos: Angelina, Francisco, Tête, Regina, Carolina e Assunta.

Comparada com os viúvos, Teresa Vaquero vinha de família mais abastada e mais letrada, contando com uma prole de cinco filhos: Manoel, Almiro, Ângelo, Tomás e Esmeralda.

Os três viúvos moravam cada um em uma propriedade diferente, mas relativamente próximos, dentro do mesmo município. A conquista de uma nova esposa significaria melhora nas condições de vida de qualquer um dos dois viúvos. Para ela também poderia representar vantagem já que, com os próprios filhos, ela ajudaria a cuidar da família toda, em uma casa apenas, permitindo que o escolhido cumprisse a dura labuta a que era submetido, como tantos outros colonos, auxiliando nas despesas com seu suor.

Uma disputa é estabelecida entre os dois pela mulher, e que levava mais de um ano para ser finalizada, sem muito romantismo, provavelmente, porque naquele tempo palavras de amor pareciam raras até mesmo na boca dos poetas. As conveniências de uma vida simples e de trabalho pesado muitas vezes sobrepujavam interesses de ordem espiritual, filosófica ou romântica.

Deusdedit Anselmo d'Onofrio

Il matrimonio dei vedovi e altri matrimoni

Il 1924 non fu un anno molto felice per due famiglie di immigrati italiani in Brasile. Coloni e vicini, stabiliti nei dintorni di *Pirassununga*, nell'entroterra dello stato di San Paolo, Vincenzo d'Onofrio e Anselmo Potechi diventarono vedovi nello stesso anno in cui anche la vicina, Teresa Seisdedos Vaquero, perse il marito di solo 34 anni.

Non si sa come i due vedovi seppero subito della vedovanza della giovane spagnola e si interessarono a lei immediatamente. Vincenzo d'Onofrio aveva, allora, 48 anni e sette figli da mantenere: Carolina, Constantino, Caetano, Carmelo, José Palmiro, Antônio e Marieta. L'altro candidato, Anselmo Potechi, era un po' più giovane e aveva anche una discendenza un po' più piccola, sei figli: Angelina, Francisco, Tête, Regina, Carolina e Assunta.

Rispetto ai vedovi, Teresa Vaquero veniva da una famiglia più benestante e colta, con una prole di cinque figli: Manoel, Almiro, Ângelo, Tomás ed Esmeralda.

I tre vedovi abitavano ognuno in una proprietà diversa, ma relativamente vicini, all'interno dello stesso comune. La conquista di una nuova moglie avrebbe significato un miglioramento nelle condizioni di vita di uno qualsiasi dei due vedovi. Anche per lei avrebbe rappresentato un vantaggio perché, con i suoi figli, avrebbe aiutato occupandosi di tutta la famiglia in un'unica abitazione, permettendo che lo scelto portasse a termine la dura fatica a cui doveva sottostare, come tanti altri coloni, aiutando nelle spese con il proprio sudore.

Fu stabilita una disputa per la donna tra i due, che per essere portata a termine avrebbe voluto più di un anno, senza molto romanticismo perché, probabilmente, a quel tempo le parole d'amore sembravano molto rare anche nelle bocche dei poeti. Le convenienze di una vita semplice e del lavoro pesante spesso avevano il sopravvento sugli interessi di ordine spirituale, filosofico o romantico.

Anselmo, segundo palavras de sua própria filha, Angelina, não era muito de “pegar no pesado”, preferindo conversar a trabalhar. Um tanto desleixado e até mesmo irresponsável, quando ia para a cidade por alguma necessidade, era capaz de ficar dias sem voltar para o sítio, obviamente sem dar notícias.

Vincenzo era sério, trabalhador, rigoroso com a família e sem nenhum senso de humor ou de afeto, mas muito responsável no que fazia; além disso, tinha uma situação financeira melhor que a do outro pretendente. Quem conta isso é um filho dele, Caetano.

Teresa escolhe Vincenzo e eles se casam no início de 1926. Logo depois, fazem uma coisa rara entre os imigrantes daquela época: deixam os doze filhos, tomam um transatlântico e vão rever os familiares deixados na Europa, quase trinta anos antes. Na *Patria Bella* foram para Sessa Aurunca e Roccamonfina, ambas na província de Caserta, na Campania, a primeira delas terra natal de Vincenzo. Na Espanha vão à província de Castela e Leão, local de origem de Teresa.

Um ano após o casamento chega o primeiro filho, Carlos e, dois anos depois, ocorre a chegada do segundo e último filho do casal, Orlando, nascido em dezembro de 1928. Neste ano os filhos mais velhos de Vincenzo já tinham vários filhos: a Carolina, 9; o Constantino, 4 e o Caetano, 2. Ou seja, vários netos do avô Vincenzo eram mais velhos que seus dois últimos filhos, curiosa situação que faz existirem sobrinhos mais velhos do que os seus próprios tios.

Por essa época o patriarca dos D’Onofrio no Brasil decidiu se instalar na área urbana de Pirassununga, comprando um casarão que existia na esquina da rua dos Andradas com a rua dos Lemes, e a família ali passa a residir até a morte dos pais.

Meu pai muitas vezes ia visitar Vincenzo D’Onofrio e Teresa Vaquero nessa casa e eu o acompanhei em algumas oportunidades. A impressão que me ficou dessas visitas não é má, contudo, nada de agradável também as marcou. Lembro que Teresa era uma pessoa “distante”, talvez porque, na verdade, não era minha avó. Vincenzo, por outro lado, já bem velhinho, usando uma bengala para se locomover, só falava em italiano. Ou eu, na minha pouca idade, não o entendia e achava que a língua que ele usava era o italiano. Ele era muito sério, praticamente não se dirigia a mim, falando apenas com

Anselmo, segundo quanto detto dalla figlia Angelina, non era molto per il lavoro pesante: preferiva parlare a lavorare. Un po’ negligente e perfino irresponsabile, quando andava in città per qualche necessità era capace di restare giorni senza tornare a casa, ovviamente senza dare notizie.

Vicenzo era serio, lavoratore, rigoroso con la famiglia e senza alcun senso dello humor o di affetto, ma era molto responsabile in ciò che faceva: aldilà di questo, aveva una situazione finanziaria migliore dell’altro pretendente. Chi racconta tutto questo è uno dei suoi figli, Caetano.

Teresa scelse Vincenzo e si sposarono all’inizio del 1926. Subito dopo, fecero una cosa rara tra gli immigrati di quell’epoca: lasciarono i dodici figli, presero un transatlantico e andarono a trovare i familiari lasciati in Europa, quasi trent’anni prima. Nella Patria Bella andarono a Sessa Aurunca e a Roccamonfina, entrambe nella provincia di Caserta, in Campania, la prima terra natale di Vincenzo. In Spagna andarono nella provincia di Castela e Leão, terra d’origine di Teresa.

Un anno dopo il matrimonio, arrivò il primo figlio, Carlos, e due anni dopo il secondo e ultimo figlio della coppia, Orlando, che nacque nel dicembre del 1928. In quell’anno, i figli più grandi di Vincenzo avevano già vari figli: Carolina, di 9 anni, Constantino, di 4, e Caetano, di 2. Ossia, vari nipoti del nonno Vincenzo erano più grandi dei suoi ultimi figli, situazione curiosa che fece esistere nipoti più grandi dei propri zii.

A quel tempo, il patriarca dei d’Onofrio in Brasile decise di stabilirsi nell’area urbana di *Pirassununga*, comprando un casale in zona *rua dos Andradas* e *rua dos Lemes*, e la famiglia si trasferì a vivere lì fino alla morte dei genitori.

Mio padre andava spesso in quella casa a trovare Vincenzo d’Onofrio e Teresa Vaquero e io ebbi l’opportunità di andare con lui qualche volta. L’impressione che mi rimase di quelle visite non era male ma, tuttavia, nulla di gradevole da sottolineare. Ricordo che Teresa era una persona “distante”, forse perché in realtà non era mia nonna. Vincenzo, d’altra parte, già vecchietto, usava un bastone per muoversi e parlava solo italiano. O magari io, così piccolo, non lo capivo e pensavo che la lingua che usava era italiano. Era molto serio,

meu pai. Talvez fosse marca daqueles tempos a escassez de carinho com as crianças, o que era bastante comum.

Em uma tarde de sol, Vincenzo, já contando 80 anos de idade e também uma hérnia no abdômen, destemido e mesmo teimoso, resolveu subir num caquizeiro do quintal para apanhar os frutos, conjugando fortaleza espiritual com fragilidade física. A atividade se revelou excessiva e a hérnia complicou. Seu estado de saúde se deteriorou rapidamente e ele pereceu poucos dias depois.

A curiosa disputa pela viúva, no entanto, ocorrida entre os dois vizinhos, não foi capaz de criar inimizade entre eles. Tanto que, poucos anos depois, tornam-se as famílias nse aproximam mais: um filho de Vincenzo constituiu família com uma filha de Anselmo, e assim foi criada a família Potechi D'Onofrio, e os responsáveis por ela que ajudaram a contar esta história, seu Caetano e dona Angelina, são meu pai e minha mãe. Que Deus os tenha.

praticamente non si rivolgeva mai a me, parlava solo con mio padre. Forse era tipico di quell'epoca, la mancanza di affetto con i bambini, abbastanza comune.

Era un pomeriggio di sole, Vincenzo aveva già 80 anni e anche un'ernia all'addome, era impavido e testardo, e decise di salire su un albero di cachi del giardino per prenderne i frutti, coniugando forza spirituale e fragilità fisica. L'attività si dimostrò eccessiva e l'ernia peggiorò. Il suo stato di salute si deteriorò rapidamente e perì pochi giorni dopo.

La curiosa disputa per la vedova, tuttavia, accaduta tra i due vicini, non riuscì a creare inimicizia tra loro. Tanto che, pochi anni dopo, le due famiglie si avvicinarono maggiormente: un figlio di Vincenzo si sposò con una figlia di Anselmo e fu così che venne creata la famiglia Potechi d'Onofrio, e i suoi responsabili mi hanno aiutato a raccontare questa storia: Signor Caetano e Signora Angelina, il mio papà e la mia mamma. Che Dio li benedica.

Dosmar Sandro Valério

Aquela árvore

Quando os sinos tocaram anunciando a chegada do século XX, Elisabetta veio ao mundo numa pequena casa situada na cidade de Pienza, Vale de Orcia na Região da Toscana, na Itália. A menina cresceu naquela cidade, conhecida como a cidade do “Amor” na Itália, e da janela de seu quarto podia contemplar uma frondosa macieira que lhe servia frutos deliciosos, uma sombra sob a qual passava tardes inteiras sonhando com o futuro, além de ler livros de romance, seus preferidos. Ela conversava com a macieira, fazendo-a sua confidente.

Quando completou 12 (doze) anos de idade, a garota e seus pais tiveram que deixar a Itália e vieram para o Brasil em busca de um futuro melhor. Antes de deixar o país, ela colheu sementes das maçãs geradas pela macieira e trouxe-as consigo na viagem.

A moça fazia parte de uma colônia de italianos que se instalou no interior de São Paulo, em que todos trabalhavam nas lavouras de café. Os integrantes da colônia conseguiram comprar alguns alqueires de terra ao pé de uma serra porque, em razão da altitude, o clima era mais ameno. No local construíram casas e uma igreja. Aos poucos os colonos fundaram um povoado, sendo que Elisabetta acabou plantando a macieira no jardim de sua casa, utilizando as sementes que trouxera da Itália. A árvore cresceu e começou a gerar lindas e saborosas maçãs. A garota, como fazia em Pienza, contemplava a árvore da janela de seu quarto, além de passar as tardes debaixo de sua sombra lendo romances, conversando com sua “amiga”, sonhando um dia encontrar um grande amor.

Numa tarde de domingo, quando lia um romance debaixo da macieira, ela conheceu Matteo, integrante da colônia nascido no Brasil e filho de italianos. Por vários domingos seguidos o casal encontrou-se à sombra daquela árvore, nascendo um amor tão forte entre os dois, com tanta cumplicidade e companheirismo que era sentido por todos

Dosmar Sandro Valério

Quell’albero

Quando le campane suonarono annunciando l’arrivo del XX secolo, Elisabetta venne al mondo in una piccola casa nella città di Pienza, Valle d’Orcia, nella regione Toscana, in Italia. La bimba crebbe in quella città, conosciuta come la città dell’Amore in Italia, e dalla finestra della sua camera poteva contemplare un melo frondoso che le serviva frutti deliziosi, un’ombra sotto la quale passava pomeriggi interi sognando il futuro, oltre a leggere i suoi romanzi preferiti. Lei parlava con il melo, rendendolo suo confidente.

Quando compì dodici anni, la ragazza e i suoi genitori dovettero lasciare l’Italia e vennero in Brasile, alla ricerca di un futuro migliore. Prima di lasciare il paese, lei colse i semi delle mele di quel melo e le portò con sé durante il viaggio.

La ragazza faceva parte di una colonia di italiani che si stabilì nell’entroterra di San Paolo, in cui tutti lavoravano nelle piantagioni di caffè. I membri della colonia riuscirono a comprare alcuni ettari di terra ai piedi di una serra perché, grazie all’altitudine, il clima era più mite. Lì, costruirono case e una chiesa. A poco a poco, i coloni fondarono un villaggio, ed Elisabetta piantò i semi del melo nel giardino di casa sua, i semi che aveva portato dall’Italia. L’albero crebbe e cominciò a produrre mele belle e saporite. La ragazza, come faceva a Pienza, contemplava l’albero dalla finestra della sua camera e, oltre a passare i pomeriggi alla sua ombra leggendo romanzi, conversava con il suo “amico”, sognando di incontrare, un giorno, un grande amore.

Una domenica pomeriggio, mentre leggeva un romanzo sotto il melo, conobbe Matteo, membro della colonia nato in Brasile da genitori italiani. Per molte domeniche successive la coppia si incontrò all’ombra di quell’albero, mentre nasceva tra i due un amore così forte, con tanta complicità e affinità da essere percepiti da tutti quelli che li conoscevano.

que os conheciam. Nas longas conversas dominicais a moça narrava ao amado a infância vivida em Pienza e a saudade daquele local mágico que exalava amor por todos os seus cantos.

O amor de Elisabetta e Matteo foi crescendo, até que resloveram se casar. A festa do casamento foi realizada no quintal da casa dela e a mesa com comidas foi disposta à sombra da macieira, que parecia velar e guardar por aquela família que estava nascendo. Naquele momento, os dois fizeram juras de amor eterno.

A vida foi seguindo, o casal teve cinco filhos, vivia feliz e harmoniosamente naquele vilarejo à sombra da macieira. Mas esta felicidade foi interrompida abruptamente.

Elisabetta passou a sentir uma febre incessante, que evoluiu para pneumonia. Apesar do marido ter feito de tudo para salvar a vida da amada, a doença foi mais forte e a levou com 32 (trinta e dois) anos de idade.

Como Matteo tinha conhecimento da estreita ligação da esposa com a macieira, resolveu enterrá-la aos seus pés, para que ali permanecesse sepultada para sempre, como se fossem duas amigas inseparáveis e pudesse gerar o fruto do amor. Ele decidiu preservar aquele intenso amor, mantendo-se fiel à amada, passando a cuidar dos filhos com a ajuda de parentes.

O tempo foi passando e o vilarejo foi crescendo. Matteo desejava homenagear e preservar a história de sua amada; em companhia dos demais colonos decidiram denominar o povoado fundado ao pé da serra de *Nova Pienza*. Batizaram as ruas com os nomes: *via do Beijo*, *via do Amor*, *via da Fortuna*, *via da Rosa*, *via da Esperança*, *via da Macieira* e *via da Elisabetta*.

A cidade foi crescendo e a história de amor do casal passou a ser conhecida por todos os cantos de São Paulo, depois pelo Brasil e pelo mundo.

Aquela árvore onde jazia o corpo da mulher virou um ponto turístico da cidade. Passou a ser frequentada por casais de namorados em busca da felicidade e do amor eterno. *Nova Pienza* passou a ser então conhecida como a cidade brasileira do “Amor”. E todos aqueles casais que em algum dia estiveram à sombra da macieira da cidade ou saborearam as maçãs ali germinadas foram felizes para sempre.

Nelle lunghe conversazioni domenicali la ragazza raccontava all'amato l'infanzia vissuta a Pienza e la *saudade* di quel luogo magico che emanava amore da tutti gli angoli.

L'amore tra Elisabetta e Matteo crebbe a tal punto che decisero di sposarsi. La festa di matrimonio venne realizzata nel cortile della casa di lei e il tavolo con il rinfresco venne disposto all'ombra del melo, che sembrava velare e proteggere quella famiglia che stava nascendo. In quel momento, i due si giurarono amore eterno.

La vita proseguì, la coppia ebbe cinque figli, viveva felice e armoniosamente in quel villaggio all'ombra del melo. Ma questa felicità fu interrotta bruscamente.

Elisabetta iniziò a sentire una febbre incessante, che evolse in polmonite. Nonostante il marito avesse fatto il possibile per salvare la vita dell'amata, la malattia fu più forte e la portò via a trentadue anni.

Poiché Matteo sapeva dello stretto legame della sposa con il melo, decise di seppellirla ai suoi piedi, perché lì restasse sepolta per sempre, come fossero due amici inseparabili e potessero generare il frutto dell'amore. Decise di preservare quell'intenso amore, mantenendosi fedele all'amata, prendendosi cura dei figli con l'aiuto dei parenti.

Il tempo passava e il villaggio crebbe. Matteo desiderava onorare e preservare la storia della sua amata; insieme ad alcuni coloni decise di chiamare il villaggio fondato ai piedi della serra *Nova Pienza*. Battezzarono le strade con i nomi: *via do Beijo*, *via do Amor*, *via da Fortuna*, *via da Rosa*, *via da Esperança*, *via da Macieira* e *via da Elisabetta*.

La città crebbe e la storia dell'amore della coppia divenne famosa in tutta San Paolo, poi in tutto il Brasile e in tutto il mondo.

Quell'albero dove giaceva il corpo della donna divenne un punto turistico della città. Iniziò ad essere frequentato dalle coppie di innamorati in cerca di felicità e amore eterno. *Nova Pienza* iniziò ad essere conosciuta come la città brasiliiana dell’“Amore”. E tutte quelle coppie che un giorno sono state all'ombra del melo della città o che hanno assaporato lì le sue mele, sono state felici per sempre.

Eliana Magrini Fochi

Appassionata

Quando martelava Beethoven no fundo da sala escurecida, Norma viu a figura furtiva do moleque deixar numa ponta do teclado aquele papelucão. Parou, pegou, leu:

"Oi, filha do seu *Beppe* do açougue. Sabe que você é muito bonita? Assina um admirador seu".

Sem saber bem por quê, Norma sentiu o rosto quente. Aos dezessete anos, era a primeira vez que alguém se atrevia a abordar a filha do seu *Beppe*, conhecido por sua ciúmeira da filha única, sua pérola, sua fada, sua... sua...

De verdade, mesmo, a mocinha já sentia os fogachos do interesse pelo sexo oposto, mais especificamente por um certo Aurélio da farmácia, dono de olhos verdes espetaculares debaixo das longas pestanas negras. As constantes dores de cabeça da tia Vicenza eram auspiciosas ocasiões para a mocinha se derreter diante dos olhos do jovem ajudante do farmacêutico. Disfarçava, desviaava os olhos dos dele, mas estes já estavam fotografados em suas retinas, bem guardadinhos ali...

Portanto, o bilhetinho do admirador não lhe pareceu oportuno; podia entrar boi na linha. E se o pai encontrasse o papel, aí, sim, o escândalo seria grande! Rasgou solenemente a declaração, embora no fundo a quisesse guardar na agenda escolar. Melhor não arriscar. O pai pode ver, ela pode reler...

Nos dias seguintes esqueceu o assunto, até que, em nova marcelação do piano, lá veio o tal moleque que, dessa feita, entregou o bilhetinho e permaneceu ali, dizendo esperar resposta.

Coração aos pulos, Norma abriu o papelzinho dobrado: "Aceitaria me conhecer, bela italiana? Sou rapaz sério e trabalhador e gostaria de marcar encontro, para futuro compromisso. Pode confiar e mandar resposta pelo menino, tá?"

Eliana Magrini Fochi

Appassionata

Mentre suonava Beethoven in fondo alla sala scura, Norma vide la figura furtiva del ragazzino lasciare sui tasti del piano quel foglietto. Si fermò, lo prese, lesse:

"Ciao, figlia del signor Beppe della macelleria. Lo sai che sei molto bella? Firmato un tuo ammiratore".

Senza sapere bene perché, Norma sentì il viso caldo. A sedici anni, era la prima volta che qualcuno osava considerare la figlia del signor Beppe, famoso per la sua gelosia verso la sua unica figlia, la sua perla, la sua fata, la sua... sua...

In realtà, anche la ragazza provava già le fiamme dell'interesse per il sesso opposto, più specificatamente per un certo Aurélio della farmacia, con occhi verdi spettacolari sotto a lunghe ciglia nere. I costanti mal di testa della zia Vicenza erano occasioni felici per la ragazza che si scioglieva di fronte agli occhi del giovane aiutante del farmacista. Si nascondeva, non reggeva lo sguardo del ragazzo, ma i suoi occhi erano già impressi nelle sue retine, ben protetti lì...

Perciò, il bigliettino dell'ammiratore non le sembrò opportuno; poteva arrivare qualcuno. E se il papà avesse trovato il foglio, allora sì che lo scandalo sarebbe stato grande! Stracciò solennemente la dichiarazione, nonostante in fondo la volesse conservare nel diario scolastico. Meglio non rischiare. Il papà poteva vederla, lei poteva rileggerla...

Nei giorni seguenti dimenticò l'accaduto, finché, mentre suonava nuovamente il piano, arrivò il ragazzo che, questa volta, consegnò il biglietto e rimase lì, dicendo che avrebbe aspettato la risposta.

Con il cuore a mille, Norma aprì il foglietto piegato: "Accetteresti di conoscermi, bella italiana? Sono un ragazzo serio e lavoratore e vorrei avere un appuntamento con te, per un impegno futuro. Puoi fidarti e mandarmi la risposta con il bambino, ok?"

Trêmula, a garota devolveu o bilhete e mandou o moleque cair fora antes que levasse um *schiaffo*...

Dia seguinte, Beethoven seguinte e lá vem o estafermo de novo! Mesmo bilhete!

E a semana repetiu a cena, a quinzena repetiu a cena e faltando apenas um dia para o mês repetir a cena, Norma cedeu. Precisava colocar aquele conquistador barato em seu devido lugar. Marcou no banco da praça com o nome da família dela identificando a doação à cidade, depois da missa das 10 do domingo, sabendo que o pai não era amigo de rezas e, portanto, estaria pondo a cerveja para gelar para o churrasco domingueiro com parentes.

O domingo demorou um ano para chegar, tamanha a excitação para dar um basta naquilo. Afinal, a mensagem repetida do admirador já estava ameaçando apagar das pupilas da moça a imagem dos olhos verdes de Aurélio, substituindo-a pela ideia daquele “rapaz sério e trabalhador” que a chamava de “bela italianinha”. Aquilo era golpe baixo num coração que bombeava sangue italiano de quatro costados... A missa do domingo também demorou um século, especialmente o sermão prolixo do velho padre Matheus. Ave Maria, não acaba mais!

Norma esperou no banco de cimento identificado pelo nome da família dela, doado quando da reforma da praça. Sob o ipê rosa gigante e florido, tentava descontrair-se repuxando a barra da saia, e notou a sombra que trazia o sapato marrom, as calças bege... os olhos, meu Deus, os olhos verdes cercados de pestanas pretas.

O pretendente viu-a empalidecer e ousou ampará-la pelo ombro, temendo que arriasse no encosto do banco de cimento. A breve troca de palavras girou em torno do temido pai de Norma (Meu pai te mata!), ficando acordado que o rapaz iria ao açougue falar com ele, pedir solenemente permissão para vê-la, mesmo sabendo que o cutelo estava sempre por perto do espetitado pavio curto do homem.

Navegando em cascas de ovos, Norma chegou em casa e fingiu fazer uma lição da escola para o dia seguinte. Respirava mal, ria descontrolada, amava, amava, amava.

Na segunda-feira, o capítulo seguinte do caso terminou em corre-corre – o embate de pernas entre seu *Beppe* e Aurélio, que foi dar no

Tremante, la ragazza gli ridette il biglietto e mandò il ragazzino fuori, prima che gli arrivasse uno schiaffo...

Il giorno seguente, Beethoven successivo e di nuovo la cozza! Stesso biglietto!

Per tutta la settimana si ripeté la scena, poi per quindici giorni e mancava solo un giorno a completare il mese, quando Norma cedette. Doveva mettere quel conquistatore da quattro soldi al suo posto. Prese appuntamento alla panchina della piazza con il nome della famiglia di lei ad identificarne la donazione alla città, dopo la messa delle 10 della domenica, sapendo che il papà non era tipo da preghiere e, quindi, sarebbe stato a prendere la birra da mettere in fresco per il *churrasco* di famiglia della domenica.

La domenica ci mise un anno ad arrivare, tanta era l'agitazione per dare un taglio a quella situazione. Alla fine, il messaggio ripetuto all'ammiratore stava già minacciando di togliere dalle pupille della ragazza l'immagine degli occhi verdi di Aurélio, per sostituirla con l'idea di quel “ragazzo serio e lavoratore” che la chiamava “bella italiana”. Quello era un colpo ad un cuore colpo al cuore che pompava sangue italiano dai quattro lati... anche la messa della domenica durò un secolo, specialmente il sermone prolississimo del vecchio padre Matheus. Ave Maria, non finiva più!

Norma aspettò sulla panchina di cemento identificata dal nome della sua famiglia, donata quando era stata rinnovata la piazza. Sotto l'*ipê* rosa gigante e fiorito, provava a rilassarsi spingendo l'orlo della gonna, e notò l'ombra che portava con sé la scarpa marrone, i pantaloni beige... gli occhi, mio Dio, gli occhi verdi circondati dalle ciglia nere.

Il pretendente la vide impallidire e osò sostenerla per la spalla, temendo che sbattesse allo schienale della panca di cemento. Il breve scambio di parole fu sul temuto papà di Norma (Mio padre ti ammazza!), e rimasero d'accordo che il ragazzo sarebbe andato a parlare con lui in macelleria, a chiedere solennemente il permesso di vederla, anche sapendo che aveva lui il coltello dalla parte del manico.

In punta di piedi, Norma arrivò a casa e finse di fare i compiti di scuola per il giorno dopo. Respirava male, rideva in maniera incontrollata, amava, amava, amava.

portão da casa do pretendente, quase em outro bairro, num momento em que dona *Anneta*, mãe dele e viúva do confeiteiro Carlini, espreguiçava os olhos pela redondeza, enchendo seu tempo vazio.

Aí a reviravolta na correria dos homens e o selo grudento do destino: *Anneta* e *Beppe* reconheceram o feitiço dos olhos, o potencial arrasador daquele não-se-sabe-o-quê que destrona o juízo e joga lenha na fogueira e descompassa o cérebro. Porque na juventude se conheceram e se amaram na lírica Taormina em que nasceram e depois se separaram, com a vinda da família de *Beppe* para o Brasil.

Foi preciso um tempo mínimo para passar a limpo a memória e trazer de volta o tempo beethoveano arrebatado da paixão. Poucas palavras, muitos olhos, e o desconcerto de Aurélio com o cessar da fúria e a leitura da situação.

Próximo domingo de muitos próximos domingos, churrasco combinado, *tutti insieme* na casa de *Beppe*. E os viúvos se redestinaram, enquanto na saleta do piano as notas do gênio surdo sofriam nos dedos lânguidos de Norma, sob o verde olhar babão de Aurélio.

Ah, o amor...

Lunedì, la puntata successiva terminò in una rincorsa fino ad un incidente tra il signor Beppe e Aurélio, di fronte alla porta di casa del pretendente, quasi in un altro quartiere, nel momento in cui la signora Anneta, sua mamma e vedova del panettiere Carlini, allungava gli occhi nella zona, riempiendo il suo tempo libero.

E fu quella la svolta nella corsa degli uomini e il sigillo appiccicoso del destino: Anneta e Beppe riconobbero la magia degli sguardi, il potenziale devastante di quel chissà cosa che spodesta il giudizio e butta legna sul fuoco e scombuscola il cervello. Perché in gioventù si erano conosciuti e si erano amati nella poetica Taormina, dove erano nati, e si erano separati quando la famiglia di Beppe era partita per il Brasile.

Bastò un attimo per spolverare i ricordi e riportare il tempo *beethoveniano* sopraffatto dalla passione. Poche parole, molti sguardi, lo sconcerto di Aurélio per la fine della furia e la lettura della situazione.

Una domenica successiva a molte domeniche successive, programmato il *churrasco*, tutti insieme a casa di Beppe. E i vedovi si riunirono, mentre nella saleta del piano le note del genio surdo soffrivano sulle dita languide di Norma, sotto l'incantato sguardo verde di Aurélio.

Ah, l'amore...

Elisabetta Chiacchella

L'obbedienza

“O que quero dizer é que eu estava certo em me submeter a ela [...], porque eu iria sofrer por dentro, na minha consciência.”

Jane Austen, *Persuasão*

Minha avó, Annetta Rosa Ottolenghi, judia, nascida no Piemonte em *Acqui Terme*, em julho de 1894, mas criada em Milão. Frequentou a escola clássica e abandonou (ou melhor, teve que abandoná-la por causa de problemas repentinos familiares) com grande tristeza, ao chegar ao quinto ano do ginásio.

Tinha vários interesses culturais, havia aprendido grego e latim, adorava Puccini e a ópera, frequentava as matinês do *La Scala* e tinha um jovem amor: mais tarde, nas histórias que nos contava, oralmente, chamava-o de “filarino”. Era sobrinho de Giovanni Fattori, o pintor *macchiaiolo*, assim ela dizia. Trocavam cartas escritas no alfabeto grego para torná-las indecifráveis aos olhos de seus pais, portanto, já havia uma vida sentimental durante a sua adolescência.

Esta correspondência “*d'amorosi sensi*”, certamente, continuou mesmo após o abandono dos estudos clássicos, quando minha avó tentou ir trabalhar no *Corriere della Sera*. Ali, seu trabalho era colocar as faixas com o nome dos assinantes nas cópias do jornal que outros entregavam diariamente. Que ocupação desmoralizante! Orgulhosa como era, decidiu não seguir mais além com a sua vida profissional e dedicar-se-ia à família, ao cuidado do marido e dos filhos, num ambiente sereno e protegido.

A Primeira Guerra Mundial estava se aproximando rapidamente e a minha avó pediu aos seus pais, Diamantina Lattes e David Ottolenghi, permissão para se casar com o seu bem amado. A mãe era uma pessoa muito autoritária, segundo Annetta, não permitiu. Ela pensava nisso? Em pouco tempo ela poderia ficar viúva com filhos

Elisabetta Chiacchella

L'obbedienza

“Ciò che intendo dire è che ho avuto ragione a sottomettermi a lei [...], perché avrei sofferto dentro, nella mia coscienza.”

Jane Austen, *Persuasione*

Mia nonna Annetta Rosa Ottolenghi, ebrea nata in Piemonte ad Acqui Terme nel luglio del 1894 ma cresciuta a Milano, frequentava il liceo classico e lo abbandonò (o per dire meglio dovette abbandonarlo per ristrettezze familiari improvvise) con grande mestizia, arrivata alla quinta ginnasio.

Era piena di interessi culturali, aveva imparato il greco e il latino, adorava Puccini e l'opera lirica, frequentava le *matinée* della Scala ed aveva un giovane amore: più tardi, nelle storie che ci raccontava a voce, lo chiamava “filarino”: era un nipote di Giovanni Fattori, il pittore macchiaiolo, così almeno mi diceva lei. Si scambiavano lettere, scritte usando l'alfabeto greco per renderle indecifrabili agli occhi dei genitori, sicché aveva già una vita sentimentale negli anni della sua adolescenza.

Questa corrispondenza “*d'amorosi sensi*” senz'altro proseguì anche dopo l'abbandono degli studi classici, quando la nonna provò ad andare a lavorare al *Corriere della sera*. Lì, il suo mestiere consisteva nel mettere le fascette con il nome degli abbonati sulle copie del giornale, che altri recapitavano quotidianamente. Un'occupazione così avvilente! Orgogliosa com'era, si decise a non misurarsi oltre con la vita lavorativa: si sarebbe dedicata alla famiglia, alla cura di marito e figli, in un ambiente sereno e protetto.

La Prima guerra mondiale si stava avvicinando a grandi passi e la nonna chiese ai genitori, Diamantina Lattes e David Ottolenghi, il permesso di sposarsi con l'amato bene. La madre, persona autorevolissima agli occhi di Annetta, non volle concederglielo. Ci

órfãos, por causa da guerra. Com imenso pesar minha avó obedeceu. Ela e o Fattori se separaram. Annetta preferiu sofrer fora e não dentro, na sua consciência.

A guerra começou. A minha avó, a fim de dar sua contribuição feminina e ajuda à pátria, entrou para a Cruz Vermelha. No hospital, entre os muitos feridos, impressionou-a um combatente que tinha perdido a perna esquerda na guerra e, também, sofria de tuberculose. Seu nome era Decio Antonelli. Magnético, resoluto, socialista e professor de matemática, de Perugia, com habilidades hipnóticas (era capaz, disse a vó, de provocar catalepsia às pessoas e ver à distância o que acontecia em outro lugar), Decio a convenceu de se casar com ele. Um telegrama seu que dizia: "Adeus, perna esquerda!", chegou aos familiares para dar a notícia da amputação. Mais tarde, se tornaria uma lenda contada com as histórias que chegariam a mim, ainda menina. Assim, a personalidade forte do homem, junto com a sua indubitável inteligência, tinha tomado conta da mente da menina.

Os pais de Annetta deram permissão e o casamento foi celebrado em 1919. O casal se estabeleceu em Perugia. Teve três filhos em poucos anos e, em seguida, Decio veio a falecer em 1925. A avó ficou viúva com três crianças órfãs. Dois meninos e uma menina chamada Giuseppina, precisamente, minha mãe.

A vida que minha avó levou, a partir daquele momento, mudando-se de Milão para Perugia – uma cidade que sempre permaneceu bastante estranha na qual a sua existência fluía lentamente – dona de casa e protegida, quase como se pertencesse a uma casa real - não pôde encontrar espaço aqui, pois estava distante já há quatro gerações. O fato é que minha avó, já idosa ou seja bastante velhinha, falecida em 1987, um dia, lendo os anúncios fúnebres publicados no *Corriere della Sera* (depois de tanto tempo, apesar da humilhação sofrida, ela continuou a comprar o jornal todos os dias, provavelmente, por ainda gostar de Milão), encontrou aquele do seu amado Fattori: havia falecido com uma certa idade, ou talvez muito idoso, serenamente, em sua própria cama.

Portanto, Diamantina Lattes não teve razão. De fato, ela tinha sido a autora inconsciente das dificuldades que Annetta passou mais tarde.

pensava? Fra poco tempo avrebbe potuto essere vedova con figli orfani, a causa della guerra. Con infinito rammarico mia nonna obbedì. Lei e il Fattori si lasciarono. Annetta preferì soffrire fuori e non dentro, nella sua coscienza.

La guerra scoppò. La nonna, per dare il proprio contributo femminile e di cura alla patria, faceva la crocerossina in ospedale e tra i tanti feriti venne colpita da un combattente che aveva perso una gamba in guerra, la sinistra, oltre ad essere affetto da tubercolosi. Si chiamava Decio Antonelli. Magnetico, risoluto, socialista e professore di matematica, perugino con abilità ipnotiche (era in grado, diceva la nonna, di mandare in catalessi le persone e di vedere a distanza cosa succedeva altrove), Decio la convinse a sposarlo. Un suo telegramma, che diceva: "Addio, gamba sinistra!", giunto ai familiari per dar loro la notizia dell'amputazione, sarebbe poi diventato mitico nei racconti orali che arrivarono fino a me, ragazzina. Dunque, il carattere di forte personalità dell'uomo, insieme alla sua indubbia intelligenza, avevano fatto presa sulla mente della ragazza.

I genitori di Annetta diedero il permesso e le nozze furono celebrate nel 1919. La coppia si stabilì a Perugia. Seguirono tre parti in pochissimi anni, poi Decio morì nel 1925. La nonna rimase vedova con tre figli orfani. Due maschi, e una femmina di nome Giuseppina: mia madre, appunto.

La vita che di lì scaturì e che mia nonna condusse, trasferita da Milano a Perugia -una città che le rimase sempre piuttosto estranea e in cui l'esistenza per lei scorreva lenta, casalinga e protetta, quasi da appartenente a una casa regnante- non può qui trovare spazio perché vasta di quattro generazioni. Fatto sta che la nonna, già anziana se non addirittura vecchia -morì nel 1987-, un giorno leggendo i necrologi pubblicati sul *Corriere della Sera* (continuava a comprare il quotidiano tutti i giorni, probabilmente ancora affezionata a Milano dopo tanto tempo, e nonostante l'umiliazione patita), trovò quello dell'amato Fattori: morto in tarda età, o forse tardissima, tranquillamente nel proprio letto.

Perciò Diamantina Lattes non aveva avuto ragione. Anzi, era stata l'inconsapevole artefice delle difficoltà poi vissute da Annetta.

Per tutta la sua vita, ho sentito la nonna ripetere: "Amo la rosa che non colsi!". Mi ricordo bene il sospiro che accompagnava la frase

Toda a sua vida, ouvi a minha avó dizer: “Eu amo a rosa que eu não colhi”. Lembro-me bem do suspiro que acompanhava a frase *gozzaniana* e os olhos pequenos e penetrantes, com os quais a pronunciava. Se ela não tivesse obedecido a sua mãe, talvez tivesse tido menos razões para se orgulhar de si mesma (era muito orgulhosa!) e mais razões para estar satisfeita com sua própria vida.

Eu certamente não estaria aqui e outros como eu não teriam nascido. Quem sabe, se ela tivesse permanecido em Milão, teria amadurado a ruptura a respeito do judaísmo, que aconteceu por causa de sua conversão ao catolicismo, ou se ela tivesse renunciado ao cetro da indiscutível soberania, de cunho Piemontês-Lombarda, que ela exerceu entre as paredes da casa no centro de Perugia.

Teria sido outra história.

Inimaginável para mim, que não fui a neta da desobediência.

gozzaniana e gli occhi piccoli, penetranti, con cui la pronunciava. A non aver obbedito alla madre, forse avrebbe avuto meno motivi per essere orgogliosa di sé (lo era in enorme misura!), e più ragioni per essere appagata della propria vita.

Io senz'altro non sarei qui, ed altri come me non sarebbero nati. Chissà se fosse rimasta milanese, se avesse maturato lo strappo rispetto all'ebraismo che avvenne a causa della sua conversione al cattolicesimo. O se avesse rinunciato allo scettro della sovranità indiscussa, di stampo piemontese-lombardo, che esercitò fra le pareti della casa al centro di Perugia.

Sarebbe stata tutta un'altra storia, dunque.

Inimmaginabile per me, che non sono stata nipote della disobbedienza.

Elô Bittencourt

Clear

Era uma vez uma menina doce, de pele clara, olhos amarelos, às vezes esverdeados dependendo do sol, cabelos lisos loiros e encantadora, brilhava por onde passava. Não tinha quem não a olhasse; seja indo pra Escola ou brincando na rua, as pessoas sempre entortavam o pescoço para vê-la passar. Clara era também uma criança muito amada, feliz e alegre, cativava todo mundo. Seu olhar sereno e curioso entusiasmava quem a via. Porém em alguns momentos era muito inquieta e hiperativa, não tinha quem a contivesse. De origem Italiana, nasceu em Salerno, comuna italiana da capital de Nápoles, região de Campania. Comuna equivale a um Município no Brasil. Era apaixonada pelo país. Vivia em uma casa que ficava bem no alto e amava ver as pessoas de cima do telhado na casa.

Clara tinha um nariz levemente grande igual ao do pai. Ela odiava o fato de as meninas do bairro terem nariz pequeno e ela não. Vivia se olhando no espelho, apertando no sentido de afinar e diminuir o tamanho. A família toda de Clara por parte de pai tinha o nariz grande, herdado do avô Simião Immediato, Simiãozinho como era conhecido. Além disso, era engraçada e muitas vezes irônica. Costumava surpreender a todos com suas brincadeiras inteligentes.

Diferente da maioria das crianças que moravam em Salerno que eram tímidas e pacatas, Clara chamava muita atenção pelo jeito genuíno e autêntico, sempre curioso e expansivo. A pequena comuna de Salerno era um lugar de muita vida e história, as casas eram em sua maioria rústicas e ficavam no alto das montanhas, de onde era possível ver o mar azul da cor brilhante, quase transparente.

Além disso, muitos banhistas costumavam ficar na costa onde passavam os navios que ancoravam com as cargas vindas de outros continentes.

Salerno não era muito grande, tinha pouco menos de 150.000 mil

Elô Bittencourt

Clear

C'era una volta una bambina dolce, dalla carnagione chiara, occhi gialli, a volte verdi a seconda del sole, capelli biondi lisci e incantatrice INCANTEVOLE, brillava ovunque passava. Non c'era nessuno che non la guardasse; che stesse andando a scuola o giocando per strada, le persone allungavano sempre il collo per vederla passare. Clara era anche una bambina molto amata, felice e allegra, catturava tutti. Il suo sguardo sereno e curioso entusiasmava chiunque la vedeva. Tuttavia, in alcuni momenti era molto inquieta, iperattiva, non c'era nessuno che potesse contenerla. Di origine italiana, era nata a Salerno, comune italiano, non così distante da Napoli, regione Campania. Il comune equivale a quello che in Brasile è il *Município*. Era innamorata del paese. Viveva in una casa che era davvero in alto e amava guardare le persone dal tetto di casa.

Clara aveva un naso lievemente grande come quello del papà. Odiava che le bambine del quartiere avessero un naso piccolo e lei no. Viveva guardandosi allo specchio, stringendolo per affinarlo e diminuirne la grandezza. Tutta la famiglia di Clara da parte del papà aveva il naso grande, ereditato da nonno Simião Immediato, conosciuto come *Simiãozinho*. Aldilà di questo, era carina e spesso ironica. Usava sorprendere tutti con le sue barzellette intelligenti.

Diversa dalla maggior parte dei bambini che abitavano a Salerno, timidi e pacati, Clara attirava l'attenzione per il suo modo genuino e autentico, sempre curioso ed espansivo. Il piccolo comune di Salerno era un luogo pieno di vita e di storia, le case erano per la maggioranza rustiche e in alto nelle montagne, da dove era possibile vedere il mare dal brillante colore azzurro, quasi trasparente.

Oltre a ciò, molti bagnanti stavano nella costa dove passavano le navi che gettavano l'ancora, con i loro carichi venuti da altri continenti.

Salerno non era molto grande, aveva poco meno di 150.000

habitantes, porém um povo muito acolhedor. Recebia muitos turistas, a maioria europeus, gregos e asiáticos. Tinha uma colonização levemente árabe, o que fazia com que seus costumes e hábitos fossem bem tradicionais, resgatados das raízes italianas.

As famílias de lá eram bastante conservadoras e entusiastas, viviam com suas casas cheias de familiares e amigos, falavam alto e gostavam muito de festa, de receber os amigos. Valorizavam muito a culinária Italiana. A família de Clara era super animada, sempre que podiam, se reuniam. A cozinha era enorme, tinha uma mesa de madeira no centro da casa e a mãe de Clara, Eliza Bittencourt, adorava receber os amigos e a família sempre ali. As cadeiras da casa eram feitas de bancos largos de madeira e compridos que conseguiam juntar até cinco pessoas. Eles eram compridos e isso ajudava as pessoas a se sentirem mais próximas e, assim, mais perto uma das outras.

Eliza tinha ainda um forno a lenha que adorava cozinhar. A mãe de Clara era de origem francesa; veio de Lyon, cidade próxima, na França. Seus familiares vieram no início do século XX para o estado de São Paulo e formaram sua família em Silvânia, município do interior do estado.

Eliza conheceu o pai de Clara, Helly Immediato, na cidade, quando foi visitar a Itália, em viagem com uma amiga por volta do ano de 1980. Ela era muito nova e tinha muitos sonhos. Um dos seus maiores sonhos era conhecer a Itália. Tinha uma vontade e um amor enorme de saber mais do país e da cultura. Admirava os costumes dos povos e achava revolucionária a maneira como eles eram. Inovadores, historiadores. Nunca imaginaria, porém, que a viagem a passeio para conhecer o país dos sonhos, lhe renderia tantos frutos que seria conhecê-lo, se apaixonar e ter Clara.

O presente

Conhecida como Nina, a paixão da casa dos Immediato, desde pequena, sempre encontrou na natureza as respostas para seus incontáveis questionamentos. Tinha seu melhor amigo, Nino, como seu aliado, sempre do seu lado.

Nino era um gato adorável, amigo de toda vizinhança, tinha a cor preto e branco e era de porte médio, era rápido e sagaz, amava

abitanti, ma erano un popolo molto accogliente. Ricevevano molti turisti, per la maggior parte europei, greci e asiatici. Aveva avuto una breve colonizzazione araba, che aveva reso tradizionali i propri usi e costumi, soccorsi dalle radici italiane.

Le famiglie lì erano abbastanza conservatrici ed entusiaste, vivevano nelle loro case piene di familiari e amici, parlavano a voce alta e piaceva loro fare festa e ricevere gli amici. Davano molto valore alla cucinaria italiana. La famiglia di Clara era molto allegra, quando si poteva sì riunivano. La cucina era enorme, aveva un tavolo di legno nel centro della casa e la mamma di Clara, Eliza Bittencourt, adorava ricevere lì gli amici e la famiglia. Le sedie della casa erano dei larghi banchi di legno, così lunghi che potevano accogliere fino a cinque persone. Erano lunghi e aiutavano le persone a sentirsi più vicine l'una all'altra.

Eliza aveva anche un forno a legna che adorava. La mamma di Clara era di origini francesi, veniva da Lione, città della vicina Francia. I suoi familiari erano arrivati all'inizio del secolo XX nello stato di San Paolo e avevano formato famiglia a Silvânia, comune all'interno dello stato.

Eliza aveva conosciuto il papà di Clara, Helly Immediato, in città quando era andata in Italia, in viaggio con un'amica verso il 1980. Era molto giovane e aveva molti sogni. Uno dei suoi sogni più grandi era conoscere l'Italia. Aveva una voglia e un amore enorme di conoscere meglio il paese e la sua cultura. Ammirava i costumi dei popoli e trovava rivoluzionario il modo in cui erano. Innovatori, storici. Mai avrebbe immaginato, tuttavia, che il viaggio per conoscere il paese dei sogni le avrebbe reso tanti frutti: che avrebbe conosciuto Helly, si sarebbe innamorata e avrebbe avuto Clara.

Il presente

Conosciuta come Nina, la passione della casa degli Immediato fin da piccola, aveva sempre trovato risposta alle sue infinite domande nella natura. Il suo migliore amico, Nino, era suo alleato, sempre al suo fianco.

Nino era un gatto adorabile, amico di tutti i vicini, era nero e bianco, magro di taglia media, rapido e sagace, amava correre

correr no jardim da casa dos Immediatos. Era a alegria da casa e fazia da vida de Clara a mais feliz e melhor, fazia dos momentos com ela os mais incríveis. Ele acompanhava a menina em tudo que ela fazia. Quando tinha que caminhar longos trechos para ir até a escola, Nino ia seguindo-a e fazia muita bagunça para animar a garota. Subia nas árvores e dava grandes pulos até ficar bem alto em cima delas. Era fácil perceber quando Clara não estava muito bem. Nino já ficava baqueado, quietinho.

A cor de Nino tinha uma curiosidade. Ao contrário do que algumas pessoas pensam, o gato bicolor preto e branco não é uma raça, mas um padrão de cor que pode ocorrer em quase todos os tipos de gatos domésticos. O pai de Clara dizia que eram conhecidos como "Tuxedo Cats" e revelavam uma diferença de inteligência de cerca de 100% relativamente maior aos outros gatos.

A família toda tinha uma vida simples, mas muito feliz na Itália, país de origem da encantadora Clara Bittencourt Immediato

nel giardino della casa degli Immediato. Era l'allegria della casa e rendeva la vita di Clara più felice, migliore, rendeva i momenti con lei incredibili. Accompagnava sempre la bambina in tutto ciò che faceva. Quando doveva camminare a lungo per andare a scuola, Nino la seguiva e faceva confusione per divertire la ragazza. Saliva sugli alberi e faceva grandi salti fino ad arrivare in cima. Era facile capire quando Clara non stava molto bene. Nino restava triste e tranquillo.

Il colore di Nino era curioso. Al contrario di ciò che alcune persone credevano, il gatto bicolore nero e bianco non è una razza, ma un modello che può ricorrere in quasi tutti i tipi di gatti domestici. Il papà di Clara diceva che erano conosciuti come "Tuxedo Cats" e rivelavano una differenza di intelligenza circa del 100% in più rispetto agli altri gatti.

Tutta la famiglia aveva una vita semplice, ma molto felice in Italia, paese di origine dell'incantevole Clara Bittencourt Immediato.

Eugenio Bega

Um amor à molisana

Era um domingo ensolarado e a família estava reunida para almoçar. Próximo às parreiras plantadas no pequeno quintal, Nonna Assunta segurava uma bisneta e Nonno Giuseppe se posicionava ao seu lado para uma fotografia. O Nonno se escondeu na sombra da parreira e como sempre a feição dos dois era séria, apesar de que a Nonna esboçava um leve sorriso de canto de boca. Eram pessoas de poucos sorrisos, nunca foram de proferir palavras carinhosas, encher os filhos e netos de beijos ou coisas do tipo. A vida havia sido muito dura com eles; desde sempre conviveram com a escassez, com invernos rigorosos nas montanhas do Molise, com a Guerra e toda a dor que ela trazia, e assim foram forjados para encarar o que o destino havia preparado. Giuseppe combateu na Grande Guerra, prometeu e voltou para casar-se com a Nonna e depois deixaram a Itália buscando dias melhores, dias esses que custaram muito a chegar, mas que cercados de filhos, netos e uma mesa farta, sabiam que havia chegado.

Naquela altura, Nonno Giuseppe já beirava os setenta anos, seus cabelos eram completamente grisalhos e, como sempre, vestia-se bem arrumado com uma calça marrom presa por um suspensório e uma camisa azul celeste como o céu daquele dia.

Na mesa comprida colocada no quintal, a família almoçava e conversava. Ao lado de Nonno estava seu neto mais velho, José, que já era casado, mas ainda não tinha construído sua casa e para o Nonno esse era um assunto muito importante. “Antes de morrer quero te ver na sua casa”, ele dizia para todos os filhos e netos e estava sempre pronto para ajudar no que fosse necessário. Mencionou que havia um terreno sendo vendido por um bom preço nas redondezas e o orientou a comprá-lo, mas José, apesar de estar prosperando em seu pequeno negócio, alegava que ainda não tinha condições de comprar e muito menos de arcar com as despesas para construir, tudo isso no

Eugenio Bega

Un amore alla molisana

Era una domenica di sole e la famiglia era riunita per pranzo. Nonna Assunta teneva una bisnipote vicino alle viti piantate nel piccolo giardino, e Nonno Giuseppe si posizionava a fianco a lei per una fotografia. Il Nonno si era nascosto all’ombra della vite e come sempre l’espressione dei due era seria, nonostante la Nonna accennasse un lieve sorriso con gli angoli della bocca. Erano persone dai pochi sorrisi, dalle rare parole affettuose, raramente riempivano figli e nipoti di baci e cose così. La vita era stata molto dura con loro; da sempre avevano convissuto con la scarsità, con gli inverni rigorosi nelle montagne del Molise, con la guerra e tutto il dolore che porta con sé, e così si erano forgiati per affrontare ciò che il destino aveva in serbo. Giuseppe aveva combattuto la Grande Guerra, era promesso ed era tornato per sposarsi con la Nonna e dopo avevano lasciato l’Italia in cerca di giorni migliori, giorni che ci misero molto ad arrivare, ma che circondati da figli, nipoti e dalla tavola colma, sapevano essere arrivati.

In quel periodo, Giuseppe stava già raggiungendo i settant’anni, i capelli erano completamente grigi e, come sempre, si vestiva bene con pantaloni marroni attaccati alle bretelle e una camicia celeste come il cielo di quel giorno.

La famiglia pranzava e conversava alla lunga tavola in giardino. A fianco al Nonno c’era il maggiore dei nipoti, José, che era già sposato ma che non aveva ancora costruito casa e questo per il Nonno era un argomento molto importante. “Prima di morire voglio vederti a casa tua” diceva a tutti i figli e nipoti ed era sempre pronto ad aiutare in qualunque modo fosse necessario. Accennò ad un terreno che era in vendita a buon prezzo nei dintorni e gli consigliò di comprarlo, ma José, nonostante il suo piccolo negozio andasse bene, asseriva che non era ancora nelle condizioni di comprare e ancora meno di

calor de uma conversa de família italiana. Nono deu um soco na mesa resmungando, primo Nicolino se assustou e deixou escapar a garrafa de vinho que se espatifou pelo chão e todos ficaram em silêncio. O recado estava dado.

José, que havia sido criado como filho, sabia o que precisava fazer. Vendeu o automóvel, pegou o pouco que havia conseguido economizar, pediu uma outra parte emprestada e só voltou para a casa do Nonno na outra semana para ajudá-lo a organizar os garrafões; iriam amassar uva para fazer vinho, e como esse era um dia festivo, José queria trazer boas notícias.

Contou que havia conseguido o dinheiro para comprar o terreno, mas Giuseppe não falou nada. Parou de organizar os garrafões, entrou para dentro de casa e voltou com dois copos e uma garrafa de vinho. Beberam, mas não demorou para que o Nonno dissesse que comprasse logo os materiais para começar a construção. Não havia condições, mas o Nonno só disse que estava ficando velho e que precisava ser rápido para que ele mesmo pudesse subir as paredes da casa. Ele era pedreiro e havia construído muitas casas no bairro, além das casas de suas filhas e, se possível, queria fazer o mesmo com os netos da sua filha mais velha, que havia morrido de tuberculose muito jovem e deixado três filhos pequenos que a Nonna e ele criaram. Se o Nonno, já com a sua *vecchiaia*, estava determinado a subir as paredes da casa, era necessário também se sacrificar para conseguir aquele dinheiro o mais rápido possível e assim, com muito esforço, os materiais foram sendo comprados. Lá estava Giuseppe, junto com netos, genros e compadres preparando o cimento e subindo as paredes da casa de José. Giuseppe cantava músicas italianas, assobiava, reclamava que os tijolos já não eram como os de antigamente, mas a cada centímetro de parede que subia, subia junto a sua alegria, pois aquela era a forma genuína de demonstrar o seu amor: doando tudo o que ainda havia de força no seu corpo para que aqueles que amava tivessem um lar.

Meses depois, a mesa estava posta. Dessa vez era na nova casa de José. A toalha estava na mesa, a macarronada feita pela Nonna e as garrafas de vinho. Giuseppe surgiu no portão com o seu melhor ter-

addossarsi le spese della costruzione, tutto questo nel calore del dialogo della famiglia italiana. Il nonno colpì la tavola borbottando, il cugino Nicolino si spaventò e fece cadere la bottiglia di vino che si schiantò al pavimento e tutti rimasero in silenzio. Il messaggio era stato dato.

José, che era stato cresciuto come un figlio, sapeva cosa bisognava fare. Vendette l'auto, prese il poco che aveva risparmiato, chiese un prestito e tornò a casa del Nonno solo la settimana dopo per aiutarlo ad organizzare le botti; dovevano pestare l'uva per fare il vino e, siccome era un giorno di festa, José voleva portare buone notizie.

Raccontò che era riuscito a trovare il denaro per comprare il terreno, ma Giuseppe non disse nulla. Smise di organizzare le botti, entrò in casa e tornò con due bicchieri e una bottiglia di vino. Bevvero, ma non ci volle molto perché il Nonno dicesse di comprare presto i materiali per la costruzione. Non c'erano le condizioni, ma il Nonno disse solo che stava diventando vecchio e che doveva essere veloce perché lui stesso potesse innalzare le pareti della casa. Era muratore e aveva costruito molte case nel quartiere, oltre alle case delle sue figlie e, se possibile, voleva fare lo stesso con i nipoti della sua figlia maggiore, che era morta di tubercolosi molto giovane lasciando tre figli piccoli che lui e la Nonna avevano cresciuto. Se il nonno, con la sua vecchiaia, era determinato a costruire la casa, era necessario sacrificarsi per riuscire ad avere quei soldi il più rapidamente possibile e quindi, con molti sforzi, venne comprato il materiale. E lì Giuseppe, insieme ai nipoti, generi e compari preparava il cemento e costruiva le pareti della casa di José. Giuseppe cantava musiche italiane, fischiava, si lamentava che i mattoni non fossero come quelli di una volta, ma ad ogni centimetro della parete che cresceva, cresceva anche la sua allegria, perché quella era la forma genuina di dimostrare il suo amore: donando tutta la forza che ancora aveva in corpo perché coloro che amava avessero una dimora.

Mesi dopo, la tavola era pronta apparecchiata. Questa volta nella nuova casa di José. La tovaglia era sul tavolo, la pasta fatta dalla Nonna e le bottiglie di vino. Giuseppe sorse dal portone con

no, gravata borboleta, uma malha azul e um chapeuzinho que sempre usava. Na mão estava o bandolim, que animava os dias de festa e aquele era um dia de festa. Parado no portão, olhou bem para a casa, tirou o chapéu e olhando para o céu disse “*grazie a Dio*” e entrou para se juntar à família. Beberam e cantaram a tarde toda e esse era um dos dias que Giuseppe e Assunta sorriam sem parar.

Quase uma década depois, a última neta terminou de construir sua casa. Essa ele já não pôde construir com as próprias mãos, mas acompanhou de perto; quando ficou pronta ele parou em frente ao portão, tirou o chapéu e disse “*grazie a Dio*”, agora posso descansar em paz. Dois meses depois o Nonno descansou, depois de ter passado a vida nos dando amor à sua maneira. Um amor que estava na entrega diária, na luta incondicional, no sacrifício. Um amor que não se expressava em palavras, mas que se doava por inteiro. Um amor à Molisana.

il suo completo migliore, papillon, maglia azzurra e un cappellino che usava sempre. Nella mano, un mandolino che animava i giorni di festa... e quello era un giorno di festa. Fermo sulla soglia, guardò bene la casa, si tolse il cappello e, guardando il cielo, disse “*grazie a Dio*” ed entrò per congiungersi alla famiglia. Bevvero e cantarono tutto il pomeriggio e quello era uno di quei giorni in cui Giuseppe e Assunta sorridevano senza sosta.

Quasi dieci anni dopo, l'ultima nipote terminò di costruire la sua casa. Questa non poté costruirla lui con le sue mani, ma seguì la costruzione da vicino; quando fu pronta si fermò di fronte al portone, tolse il cappello e disse “*grazie a Dio, ora posso riposare in pace*”. Due mesi dopo il Nonno morì, dopo aver passato la vita donandoci il suo amore, a modo suo. Un amore che si sentiva nel donarsi di tutti i giorni, nella lotta incondizionata, nel sacrificio. Un amore che non si esprimeva a parole, ma che si dava per intero. Un amore alla molisana.

Fábio Spina

Entre massa e vinho

Faz tanto tempo que eu quase não me lembro mais, eu e Maria casamos há setenta e seis anos atrás, eu, um rapazote de vinte e um anos e ela, uma deusa da beleza de dezenove anos.

Meu nome é Giovanni Spina, vim para o Brasil com meus pais quando tinha apenas quatro anos de idade e vou contar aqui para vocês como nosso romance começou: foi no verão de quarenta e quatro, eu ajudava meu pai na fazenda, mas precisávamos de mais dinheiro e fui trabalhar em um restaurante na cidade aos finais de semana. O restaurante se chamava família Beteli; trabalhava de garçom, dormia na casa de minha tia e assim conseguia levantar umas economias a mais.

E foi lá que tudo aconteceu, Maria era filha do Senhor Luigi Beteli, dono do restaurante. Ela ficava na recepção; sua mãe dona Nila era a cozinheira e preparava massas incríveis, principalmente o nhoque de batata. O restaurante era familiar, além dos três, havia dois primos que eram garçons como eu e uma prima que ajudava dona Nila na cozinha; até o vinho da casa era feito por Santo, irmão do Senhor Luigi. Eu era a única pessoa que não fazia parte da família, o que fazia que eles me tratassesem com um pouco mais de distância do que os demais.

Quando vi Maria pela primeira vez sabia que era amor; meu coração deve ter parado, pois o Senhor Luigi perguntou se eu estava bem, fiquei lívido.

Trabalhei com eles muito lá, levando as massas e servindo os vinhos. O restaurante era muito movimentado e eu conseguia trocar alguns olhares com Maria, e na época tinha dúvida se ela me correspondia ou apenas sorria por me achar um bobo. Hoje sei que era um pouco de cada.

Em um final de semana normal, dona Nila não se sentiu bem e não foi trabalhar. Luzia, a prima de Maria, sua ajudante, ficou desesperada. Ela fazia o molho apenas, não sabia fazer a massa. O patrão

Fábio Spina

Tra l'impasto e il vino

È stato tanto tempo fa che quasi non mi ricordo più, io e Maria ci sposammo settantasei anni fa, io, un ragazzotto di ventun'anni e lei, una dea della bellezza diciannovenne.

Mi chiamo Giovanni Spina, arrivai in Brasile con i miei genitori quando avevo solo quattro anni, vi racconterò qui come cominciò la nostra storia d'amore: l'estate del quarantaquattro, io aiutavo mio papà nella *fazenda*, ma avevamo bisogno di soldi e iniziai a lavorare in un ristorante in città nei fine settimana. Il ristorante si chiamava famiglia Beteli, facevo il cameriere, dormivo a casa di mia zia e così riuscivo a risparmiare qualcosa in più.

E fu lì che tutto accadde, Maria era figlia del Signor Luigi Beteli, proprietario del ristorante. Lavorava al ricevimento, sua madre, la signora Nila, era la cuoca e preparava impasti incredibili, principalmente gli gnocchi di patate. Il ristorante era a gestione familiare, oltre ai tre c'erano due cugini che facevano i camerieri come me e una cugina che aiutava la Signora Nila in cucina; anche il vino della casa era fatto da Santo, fratello del Signor Luigi. Io ero l'unica persona che non faceva parte della famiglia, il che faceva che mi tenessero un po' più a distanza.

Quando vidi Maria per la prima volta, sapevo che era amore, il mio cuore dev'essersi fermato, poiché il Signor Luigi mi chiese se stessi bene, arrossii.

Lavorai molto lì con loro, portando i piatti e servendo i vini. Il ristorante era molto movimentato ed io riuscivo a scambiare sguardi con Maria, e all'epoca avevo dubbi sul se corrispondesse il mio amore o se sorrideva solo perché mi riteneva uno sciocco. Oggi so che era un po' entrambe le cose.

In un fine settimana normale, la Signora Nila non si sentì bene e non venne a lavorare. Luzia, cugina di Maria, sua aiutante,

estava decidindo se ia abrir ou não naquele final de semana, seria um prejuízo grande para todos nós, mas sem dona Nila estávamos sem o prato principal da casa.

Eu me ofereci para cozinhar, minha mãe tinha me ensinado, sabia fazer nhoque. Maria se ofereceu para me ajudar, pois ela nunca tinha feito, mas tinha visto sua mãe preparar tantas vezes que achava que poderia ajudar nesta tarefa.

Luigi, preocupado, olhou para nós e olhou para os demais, todos apreensivos, balançou a cabeça afirmativamente, virou-se e praguejou algo em italiano.

E assim foi, fomos para a cozinha juntos, descascamos as batatas, cozinhamos, amassamos tudo. Daí movemos para uma bancada, eu fui trabalhando a batata e Maria foi me ajudando com o trigo, acrescentando somente um pouco para não impedir a massa.

Eu cortava nacos de massa e fazia os rolinhos, Maria jogava farinha por cima para que não grudasse na bancada. Depois de vários rolinhos feitos, eu cortava os nhoques todos do mesmo tamanho e Maria ia recolhendo os mesmos e levando-os para cozinhar.

O cozimento era rápido, Maria colocava os nhoques na água já aquecida; em menos de um minuto eles levantavam e sua prima Luzia retirava os mesmos da água, pondo-os em uma forma.

Luzia tinha preparado o molho, era a tarefa que ela dominava na cozinha.

Quando os pedidos começaram a chegar estávamos prontos com os primeiros pratos.

No meio do expediente o senhor Luigi veio verificar a cozinha; estávamos trabalhando a toda e não paramos para falar com ele, mas vi que ele sorriu e em seguida mandou o Guido levar vinho para nós.

Acho que nunca trabalhei tanto em uma noite como naquela noite, mas eu não queria que ela acabasse nunca. Estar com Maria ao meu lado, tocar suas mãos, trocar sorrisos tão próximo, era tudo para mim, tinha a sensação de que o mundo poderia acabar e que eu tinha sido feliz.

Mas a noite chegou ao fim. O senhor Luigi entrou na cozinha, estávamos terminando a limpeza, ele sorriu mais do que de costume, me abraçou e agradeceu. Para coroar minha noite Maria, aproveitan-

era disperata. Lei preparava solo il sugo, non sapeva impastare. Il padrone stava decidendo se avrebbe aperto quel fine settimana, sarebbe stato un grande problema per tutti noi, ma senza la Signora Nila eravamo senza il piatto principale della casa.

Mi offrì di cucinare, mia mamma mi aveva insegnato, sapevo fare gli gnocchi. Maria si offrì di aiutarmi, perché anche se non l'aveva mai fatto aveva visto così tante volte sua mamma che pensava di poter aiutare in questo compito.

Luigi, preoccupato, ci guardò e guardò gli altri, tutti apprensivi, scosse la testa affermativamente, si girò e imprecò in italiano.

E così fu, andammo in cucina insieme, pelammo le patate, cucinammo, impastammo tutto. Poi andammo al bancone, io lavoravo le patate e Maria mi aiutava con la farina, poco alla volta per non indurire l'impasto.

Io tagliavo pezzi d'impasto e facevo i rotolini, Maria buttava farina sopra per che non si attaccassero al banco. Dopo aver fatto molti rotolini, tagliavo gli gnocchi tutti della stessa misura e Maria li raccoglieva e li portava a cucinare.

La cottura era veloce, Maria metteva gli gnocchi nell'acqua già calda, in meno di un minuto venivano a galla e sua cugina Luzia li prendeva dall'acqua e li metteva in una ciotola.

Luzia aveva preparato il sugo, era il suo compito in cucina.

Quando le comande cominciarono ad arrivare, eravamo pronti con i primi piatti.

Nel bel mezzo del lavoro, il Signor Luigi venne a verificare la cucina; stavamo lavorando sodo e non ci fermammo per parlare con lui, ma vidi che sorrideva e mandò Guido a portarci del vino.

Credo che non lavorai mai tanto in una notte come quella volta, ma avrei voluto che non finisse mai. Stare con Maria al mio fianco, toccare le sue mani, scambiare sorrisi così vicini, era tutto per me, avevo la sensazione che il mondo sarebbe potuto finire e io sarei stato felice.

Ma la serata arrivò alla fine. Il Signor Luigi entrò in cucina, stavamo finendo di pulire, sorrise più del solito, mi abbracciò e ringraziò. Per coronare la mia serata, Maria, approfittando del momento, mi abbracciò e io emozionai; non mi staccavo da lei, lo feci solo dopo che il Signor Luigi si schiarì forte la voce con tono di avviso.

do o momento, me abraçou também e me empolguei; quase que não a larguei, só o fiz depois do senhor Luigi pigarrear alto em tom de advertência.

Recebi uma convocação para me apresentar no batalhão do exército, tinha sido convocado, ia para a Itália lutar na guerra.

Foi um misto de alegria, tristeza, orgulho e medo. Alegria por poder ir finalmente para a Itália, ela era minha pátria e sempre quis revê-la, tristeza por deixar meus pais e Maria, orgulho por ter sido convocado para mostrar meu valor e medo, muito medo de não voltar vivo de lá e de Maria encontrar alguém enquanto eu estivesse fora.

No final de semana mostrei a carta de convocação para o senhor Luigi. Ele novamente praguejou; Maria estava perto, conteve o choro e saiu correndo para dentro da cozinha se esconder. No final do dia ela teve coragem e veio falar comigo.

Neste dia trocamos, pela primeira vez, nossas juras de amor: ela me disse que iria me esperar, que eu deveria tomar cuidado e procurar não ser muito ousado, mas que eu também não deveria me acovardar e ficar escondido.

Por fim, a guerra acabou antes, não fui, casamos e vivemos felizes entre massa e vinho, até hoje.

Ricevetti una convocazione per presentarmi nel battaglione dell'esercito, ero stato convocato, sarei andato in Italia per combattere in guerra.

Era un mix di allegria, tristezza, orgoglio e paura. Allegria per poter finalmente andare in Italia, era la mia patria e avevo sempre voluto rivederla, tristezza per lasciare i miei genitori e Maria, orgoglio per essere stato convocato per mostrare il mio valore e paura, molta paura di non tornare vivo e che Maria incontrasse qualcuno mentre sarei stato lontano.

Nel fine settimana mostrai la lettera di convocazione al Signor Luigi. Imprecò di nuovo; Maria era vicina, contenne il pianto ed entrò correndo in cucina a nascondersi. Alla fine della giornata ebbe coraggio e venne a parlare con me.

Quel giorno ci scambiammo, per la prima volta, le nostre promesse d'amore: lei mi disse che mi avrebbe aspettata, che dovevo stare attento e cercare di non essere troppo audace, ma neanche vigliacco e nascondermi.

Alla fine, la guerra finì prima, non ci andai, ci sposammo e vivemmo felici tra impasti e vino, fino ad oggi.

Fernanda Nardy Bellicieri

Gli occhi di Lucia

Olha, olha bem... Vê, ao fundo, o céu preto e branco? É cinza...
 Vê, bem ali, a nuvem? Horas mais tarde tornava chuva, de todo verão desmoronado. O menino correndo, à esquerda, primo distante, apavorou-se do aguaceiro. Já o menino direito, nem recordo; apareceu de repente, em pose oportunista.

No centro, a moça de maiô preto e branco – essa sou eu... A outra, segurando-me a mão, minha irmã, de vestido branco-preto. Sua outra mão, em posse do par de sandálias que lhe era único. Preferiu poupará-lo da areia, com medo que o vento o levasse, fugindo de seus pés. Agarrava as sandálias com a mesma força que me apertava a mão e que em Sorrento assoprava, revolta, em dia festivo. Ano novo?

Vê a preocupação estampada de minha irmã, arriscando a ventania no chapéu? Não me lembro quanto tempo a cabeça lutou, nem sei se o chapéu resistiu. Que preto e branco é cinza.

Vê como sorrio? Cai-me bem esse corte de cabelo, acima dos ombros, fazendo-me crescer de menina a moça, toda enfeitada. Vê esse mar preto e branco? Cinza. E as moças coloridas de água salgada, minha irmã e eu brincávamos, sereias, fazendo castelos... Ainda que agarrássemos o tempo, mãos dadas, talvez à intuição que o dizia finito. Sob um horizonte infinito que nos respirava, o mar mentia-se de azul... Sentíamos, no vento...

Vê como é imenso, o mar? E preto e branco... Vê o vestido? Eu mesma costurei; que minha irmã nunca foi dada aos pontos. Paixão, mesmo, eram-lhe os livros bordados de poeta. Romântica, sufocava-se em palavras-devaneios de destino aventurado, amores impossíveis, rancores teatrais... Sempre achei que não faziam bem: mais seguro alinhar-se em penteado de fivela ou costurar-se em nova saia, que não há efeito colateral em alinhavé. Vez ou outra, só uma picada de agulha distração.

Fernanda Nardy Bellicieri

Gli occhi di Lucia

Guarda, guarda bene... Vedi, in fondo, il cielo nero e bianco? È grigio...

Vedi, proprio lì, la nuvola? Ore più tardi tornava la pioggia, l'estate in frantumi. Il ragazzino che corre, a sinistra, improvvisamente distante, in panico per l'acquazzone. Il ragazzino a destra, non ricordo; è apparso all'improvviso, in posa opportunista.

Al centro, la ragazza in costume bianco e nero... quella sono io. L'altra, che mi teneva la mano, mia sorella, vestito bianco e nero. Nell'altra mano, il paio di sandali unici per lei. Aveva preferito risparmiar loro la sabbia, impaurita che scappassero dai suoi piedi, nel vento. Stringeva i sandali con la stessa forza con cui stringeva la mia mano e Sorrento sospirava, ribelle, nel giorno di festa. Anno nuovo?

Vedi la preoccupazione stampata sul volto di mia sorella, per il rischio del forte vento? Non ricordo quanto tempo la testa ha lottato, non so neppure se il cappello ha resistito. Che nero e bianco è grigio.

Vedi come sorridevo? Mi stava bene quel taglio di capelli, sopra le spalle, mi faceva più grande, pronta per le feste. Vedi quel mare nero e bianco? Grigio. E le ragazze colorate di acqua salata, mia sorella ed io, giocavamo, sirene, facevamo castelli... sebbene volessimo fermare il tempo, mani date, forse l'intuizione che lo diceva finito. Sotto un orizzonte infinito che ci respirava, il mare si dipingeva di azzurro... sentivamo, nel vento...

Vedi com'è immenso il mare? E nero e bianco... vedi il vestito? L'ho cucito io stessa; mia sorella non si è mai data al cucito. La sua passione, comunque, erano i libri bordati da poeta. Romantica, si soffocava in parole-fantasie di destini avventurosi, amori impossibili, rancori teatrali... ho sempre pensato non facessero bene: che fosse più sicuro allinearsi con acconciature per le feste o cucire le gonne

Esse modelo que veste minha irmã? Enquanto sonhava príncipes emprestados, costurei-o sozinha, uma dessas tardes suas, passadas à página-fantasia. De preto e branco é cinza.

Bonita minha irmã, não? O chapéu, sempre achei escandaloso, mas *regalo di mamma*, fazia questão de tê-lo grudado-pensamentos. Admirou-me que naquela tarde de mar azul, que seria cinza, ela o tivesse arriscado para poupar as sandálias... Talvez não quisesse soltar-me a mão; tão imensos os castelos que erguíamos e sabíamos, areia e cinzas. Dessas inocências que se alinhavavam à esperança de, novamente, a *mamma*. E machucavam, mais que agulha distração...

Vê esse céu preto e branco? Bons mortos lançam-se aos seus?

Vê esse céu? Cinza fotográfico é só papel? Como se pode cinza algo que, um dia, cor? Vê esse meu céu? Minha irmã, que um dia nem mais minha, mas do tempo que ousava sandálias corredias, usava-o sobre a cabeça, mesmo espalhafatoso, tal chapéu desengonçado. O céu, *mamma*, a irmã, costurados da mesma memória que guardo, instantânea, de um distante tão perto, que ficção. Papel que moça de chapéu rimava em romance de poeta. E eu que só queria costurar, jamais imaginaria cerzindo-me em memórias de cinzas que remavam-me o mar azul de então.

Vê esse mar? Nunca quis escrevê-lo, mas é poema. Porque triste que não existe. Não resistiu: nem aos versos de minha irmã nem aos avessos de minhas costuras. Linha, agulha, alinhave e pronto: novo vestido. Por que não se costura o tempo? Por que, *mamma*?

Vê essa composição: céu, nuvem e mar? Consigo ao menos colori-los?

Vê a moça de chapéu! Vê, de novo! Será que posso suturar-lhe as partes cinzas, saturar-lhe as sandálias de azul Sorrento, *ridenti*, de mar. Aquele mar... Revivê-la em sonhos voadores de chapéu *mamma*, no vestido que eu mesma fiz. Os pontos devem ser os mesmos: areia e cardeais de infinito.

Vê as mãos dadas? Devia tê-las costurado... Um ponto só faria efeito, um único ponto! E o defeito colateral do tempo finito se desfaria, cinza em água e areia do mar. Meu nosso mar, Sorrento...

Mas como podem-se tão preto e branco almas em cor?

Vê esse papel? É fotográfico...

nuove, che non ha effetti collaterali imbastire. Una volta o l'altra, solo un pizzico di acuta distrazione.

Quel modello che indossa mia sorella? Mentre sognavo principi in prestito, l'ho cucito da sola, uno di quei suoi pomeriggi, passati a pagine-fantasie. Di nero e bianco è grigio.

Carina mia sorella, no? Il cappello, l'ho sempre trovato scandaloso, ma regalo di mamma, era importante tenerlo attaccato ai pensieri. Mi sorprese che in quel pomeriggio di mare azzurro, che sarebbe grigio, lo avesse rischiato per risparmiare i sandali... forse non voleva lasciarmi la mano; tanto immensi i castelli che innalzavamo e sapevamo, sabbia e grigi. Di quelle innocenze che si abbozzavano nella speranza, di nuovo, della mamma. E ferivano, più di qualsiasi acuta distrazione...

Vedi questo cielo nero e bianco? Buoni morti che si lanciano ai tuoi?

Vedi questo cielo? Grigio fotografico o è solo la carta? Come si può ingrigire qualcosa che, un tempo, era colorato? Vedi questo mio cielo? Mia sorella, che un giorno non è più stata mia, ma che al tempo indossava sandali bassi che scivolavano e metteva sulla testa quel cappello, anche se era appariscente, quel cappello sgraziatamente. Il cielo, mamma, sorella, cuciti dalla stessa memoria che custodisco, istantanea, di un distante tanto vicino, che finzione. Foglio che la ragazza con il cappello rimava in storie da poeta. E che io volevo solo cucire, mai avrei immaginato di rammendarmi in memorie di grigi che mi remavano nel mare azzurro di allora.

Vedi quel mare? Non ho mai voluto scriverlo, ma è una poesia. Perché ero triste che non esistessi. Non ha resistito: nemmeno ai versi di mia sorella né ai rovesci dei miei ricami. Linea, ago, imbastimenti ed ecco: un nuovo vestito. Perché non si cuce il tempo? Perché, mamma?

Vedi quella composizione: cielo, nuvola e mare? Riesco almeno a colorarli?

Vedi la ragazza con il cappello! Vedi, di nuovo! Chissà se posso suturarle le parti grigie, saturarle i sandali di azzurro Sorrento, *ridenti*, di mare. Quel mare... Riviverla, in sogni volanti di cappelli, mamma, nel vestito che ho fatto io stessa. I punti devono essere gli stessi: spiaggia e cardinali di infinito.

O céu não é preto-branco, nem em cinzas. O mar ainda existe, em cores, em cada um daquela minha tarde costurada, ponto a ponto, na alma.

Vê esse céu? Flash... Palpita bem aqui. Vê como sorrio... E não à causa do cabelo de fivela; mas por tê-los todos: o menino à direita que corre primo distante, o outro fazendo pose, as águas tempestades de chapéus, sol e sal... Retê-los, todos, costurados poesia, em cor, *cuore*...

E eu que jamais poeta, aprendendo a rimar o mar contra o tempo corrente... Minha irmã, sempre minha, vestido e chapéu, se orgulharia. Não é, *mamma*?

Vedi le mani date? Avrei dovuto cucirle... un solo punto sarebbe bastato, un unico punto! E l'effetto collaterale del tempo si sarebbe disfatto, grigio in acqua e sabbia del mare. Mio nostro mare, Sorrento...

Ma come possono le anime colorate essere così tanto bianco e nero.

Vedi quella carta? È fotografica...

Il cielo non è bianco e nero, né in scale di grigi. Il mare esiste ancora, a colori, in ciascuno di quei pomeriggi cuciti, punto dopo punto, nell'anima.

Vedi quel cielo? Flash... palpita proprio qui. Vedi come sorridevo... e non a causa dei capelli; ma per averli tutti: il ragazzo a destra che corre, cugino distante, l'altro in posa, le acque tempestose di cappelli, sole e sale... tienili, tutti, cuciti poesia, nel colore, cuore...

E io che, mai poeta, imparando a far rime il mare contro il tempo che scorre... mia sorella, sempre mia, vestito e cappello, sarebbe orgogliosa. Non è vero, mamma?

Heitor Saporito

Amor à italiana

A guerra tinha acabado. O ano era 1948. Plano Marshall, Milagre Econômico, nada disso tinha chegado na comuna de Fiumefreddo Bruzio. Lá ainda se viam as ruínas provocadas pela guerra. Faltava trabalho, comida e esperança.

Nesse cenário Nicola tinha um coração apertado, recebera uma carta do irmão que estava no Brasil e uma proposta, quase uma promessa, de uma vida melhor.

Ele já tinha recusado essa proposta anteriormente por não querer ficar longe da família, mas desta vez era diferente. Ele teria que escolher qual seria a maior demonstração do seu amor pela família, esposa e filhos: ficar ao lado deles e enfrentar a falta de perspectiva ou solitariamente atravessar o oceano e um longo período longe deles para, quem sabe, proporcionar-lhes um futuro melhor.

Num dia de céu azul de outono partiu em um trem com destino ao porto para embarcar rumo ao Brasil. Do seu lado esquerdo o Mar Tirreno, calmo e tranquilo com a sombra do Stromboli ao fundo, quase imperceptível. Do lado direito a montanha, o Monte Cocuzzo forte, imponente. Na plataforma da estação sua esposa Chiara chorando, amparada por Rosário, seu filho mais velho. Luigi tinha ficado em casa, cuidando dos mais novos, Francesco, Eugênio, Alfredo e Mário. Ele estava deixando esposa e seis filhos. E na barriga de Chiara ele não sabia, mas estava o sétimo, Dino.

O cenário descrevia exatamente o que Nicola precisava ser. Forte como a montanha, calmo como o mar, o vulcão adormecido dentro dele, apesar de constantemente tentando acordar; o amor da família e a esperança de uma vida nova que ele ainda nem sabia que chegaria.

Trinta dias Nicola passou dentro do navio. Com ele, outros tão solitários quanto, e famílias inteiras; todos compartilhando os mesmos sonhos, os mesmos medos.

Heitor Saporito

Amore all'italiana

La guerra era finita. Era il 1948. Piano Marshall, Miracolo Economico, niente di tutto questo era arrivato al comune di Fiumefreddo Bruzio. Lì si vedevano ancora le rovine della guerra. Mancava lavoro, cibo e speranza.

In questo scenario Nicola aveva un cuore stretto, aveva ricevuto una lettera dal fratello che stava in Brasile e una proposta, quasi una promessa, di una vita migliore.

Aveva già rifiutato questa proposta prima perché non voleva essere lontano dalla famiglia, ma questa volta era diverso. Doveva scegliere la maggiore dimostrazione del suo amore per la famiglia, sposa e figli: rimanere al loro fianco e affrontare la mancanza di prospettiva o attraversare da solo l'oceano e un lungo periodo lontano da loro per, chissà, dargli un futuro migliore.

In un giorno sereno di autunno partì in treno con meta il porto per imbarcarsi alla volta del Brasile. Al lato sinistro il Mar Tirreno, calmo e tranquillo con l'ombra dello Stromboli infondo, quasi impercettibile. A destra la montagna, il Monte Cocuzzo forte, imponente. Al binario della stazione la moglie Chiara piangeva, sorretta da Rosário, il figlio più grande. Luigi era rimasto a casa, a prendersi cura dei più piccoli, Francesco, Eugênio, Alfredo e Mário. Stava lasciando moglie e sei figli. E, lui non lo sapeva, nella pancia di Chiara c'era il settimo, Dino.

Lo scenario descriveva esattamente ciò che Nicola doveva essere. Forte come la montagna, calmo come il mare, il vulcano addormentato dentro di lui, nonostante cercasse costantemente di svegliarsi; l'amore per la famiglia e la speranza di una nuova vita che ancora non sapeva sarebbe arrivata.

Trenta giorni Nicola passò in nave. Con lui, altri solitari e famiglie intere; tutti che condividevano gli stessi sogni, le stesse paure.

Alguns venceriam, outros não. Alguns retornariam, outros não. Incertezas comuns, mas que dilaceravam o coração.

No Brasil Nicola encontrou seu irmão com a família, modelo e alicerce para que ele vencesse. Numa terra estranha, que até há pouco tempo ele considerava como inimigo do eixo que defendeu na guerra, Nicola teve tempo de se apaixonar. Nada de outra família, ele se apaixonou pela terra que o acolheu. Sem esquecer seu amor pela pátria mãe, ele adicionou o Brasil em seu coração. Ele não admitia que falassem mal do país perto dele, tamanha a gratidão que sentia.

Apaixonou-se pela cidade de São Paulo, apaixonou-se pelo bairro da Moóca que lhe permitia ter contato com diversos imigrantes de diversos países, trocando conhecimentos e histórias. Apaixonou-se pelo Mercado Municipal, onde começou a trabalhar e ganhar o dinheiro que lhe permitiria cumprir a promessa feita à esposa na plataforma do trem, de que assim que possível estariam juntos novamente.

Apaixonou-se pelo clube Palestra Itália, que naquela altura já se chamava Palmeiras; nome alterado durante a guerra, onde muitos de seus conterrâneos se reuniam para torcer e contar histórias. Todas parecidas, pautadas em coragem, abnegação e principalmente em um amor incondicional.

Quatro anos se passaram, até que ele conseguiu reunir a família novamente. Depois de muita luta e muita estrada, trouxe a mulher e os filhos para junto dele novamente. Certamente, aquele dia 08 de dezembro de 1952 foi o dia mais feliz e gratificante de sua vida, quando os viu descer do navio no porto de Santos.

Meu avô Nicola não conseguiu retornar a Itália, nem minha avó Chiara.

Sessenta anos depois, em 2012, meu pai, Eugênio, retornou e eu tive o prazer de acompanhá-lo. Fiz o caminho inverso, mas que despertou a mesma paixão. O mar a poucos metros da montanha, o cheiro da erva-doce no mato, do manjericão. O sabor inigualável da pimenta na Calábria, o gosto indescritível do vinho, o figo que cresce na beira da estrada.

As histórias se materializaram, a “gurna”, o “catoio”, “petrianchi”, “le olive”, “i castagneri”, as lendas da “femmina morta”, uma mulher encontrada morta depois que o vento a levou e a fez cair do penhasco;

Alcuni ce l'avrebbero fatta, altri no. Alcuni sarebbero tornati, altri no. Incertezze comuni, ma che laceravano il cuore.

In Basile Nicola incontrò suo fratello e la famiglia, modello e fondamento perché ce la facesse. In una terra strana, che fino a poco tempo prima considerava nemico dell'asse che aveva difeso in guerra, Nicola ebbe tempo di innamorarsi. Non di un'altra famiglia, si innamorò della terra che lo aveva accolto. Senza dimenticare il suo amore per la terra natale, aggiunse il Brasile nel suo cuore. Non avrebbe ammesso che parlassero male del paese vicino a lui, tanto grande la gratitudine che provava.

Si innamorò della città di San Paolo, si innamorò del quartiere Moóca che gli aveva permesso di avere contatti con molti immigrati di diversi paesi, scambiandosi conoscenze e storie. Si innamorò del Mercato Municipale, dove iniziò a lavorare e a guadagnare i soldi che gli avrebbero permesso di soddisfare la promessa fatta a sua moglie al binario del treno, che appena possibile sarebbero stati di nuovo insieme.

Si innamorò della squadra Palestra Itália, che all'epoca si chiamava già Palmeiras; nome cambiato durante la guerra, dove molti suoi conterranei si riunivano per tifare e raccontare storie. Tutte simili, caratterizzate da coraggio, abnegazione e principalmente amore incondizionato.

Passarono quattro anni prima che riuscisse a riunire la famiglia. Dopo molte lotte e molta strada, portò la moglie e i figli da lui, nuovamente. Certo, quell'8 dicembre 1952 fu il giorno più felice e gratificante della sua vita, quando li vide scendere dalla nave al porto di Santos.

Mio nonno Nicola non riuscì a tornare in Italia, e nemmeno mia nonna Chiara.

Sessant'anni dopo, nel 2012, mio papà, Eugênio, ci tornò ed ebbi il piacere di accompagnarlo. Feci il cammino inverso, ma risvegliò la stessa passione. Il mare a pochi metri dalla montagna, il profumo dei finocchi e del basilico. Il sapore ineguagliabile del peperoncino calabro, il gusto indescrivibile del vino, il fico che cresce sul ciglio della strada.

Le storie si sono materializzate, “l'urna, il catoio, i petrianchi, le olive, i castagneti”, le leggende della “femmina morta”, una donna

a “benedetta pipa”, um homem que queria lavar sua honra e de sua família esperando o traidor em uma encruzilhada, quando viu meu bisavô se aproximar a cavalo só não o matou por engano porque ele acendeu o cachimbo. A luz da chama iluminou seu rosto e o matador percebeu que não era quem ele esperava. Quando se cruzaram ele proferiu a frase “Benedetta pipa è”. A história da família podia ter acabado ali.

Fiumefreddo ainda tem o mesmo céu azul que meu avô deixou. O Cocuzzo continua imponente, o Stromboli ao longe se fingindo de adormecido, o Mar Tirreno continua calmo e tranquilo, a esperança continua na estação do trem. E a alma da minha família continua lá, naquela comuna pequena, ainda menor agora do que em 1948.

Não há como não se apaixonar. Na Itália, até as pichações nos muros, falam de amor. Tudo é levado ao limite, ao extremo. O amor está na comida, nos aromas, nos sabores, no futebol, na fé, na língua, na música, nas artes e, principalmente, nas famílias.

trovata morta dopo che il vento l'aveva portata e fatta cadere nel dirupo; la “benedetta pipa”, un uomo che voleva pulire l'onore suo e della sua famiglia aspettando il traditore al crociera, quando il mio bisnonno si avvicinò a cavallo non fu ucciso per sbaglio solo perché accese la pipa. La luce della fiamma illuminò il suo volto e l'assassino capì che non era colui che aspettava. Quando si incrociarono disse la frase “benedetta pipa è”. La storia della famiglia sarebbe potuta finire lì.

Fiumefreddo ha ancora lo stesso cielo azzurro che ha lasciato il nonno. Il Cocuzzo è sempre imponente, lo Stromboli in lontananza continua a fingersi addormentato, il Mar Tirreno continua calmo e tranquillo, la speranza continua alla stazione del treno. E l'anima della mia famiglia continua lì, in quel piccolo comune, ancora più piccolo che nel 1948.

Non ci si può non innamorare. In Italia, perfino i graffiti sui muri parlano d'amore. Tutto è portato al limite, all'estremo. L'amore è nel cibo, negli aromi, nei sapori, nel calcio, nella fede, nella lingua, nella musica, nelle arti e, soprattutto, nelle famiglie.

Helena Domingos

Pelas janelas do trem

Embarco para mais uma viagem de trem que, ao som de um forte apito, comunica sua partida e vai deslizando pelos trilhos até sair da cidade. Aos poucos vai pegando velocidade e como se fossem cortinas gigantes se abrindo para iniciar um novo espetáculo, as enormes janelas vão proporcionando o deslumbramento pelas mais diversas e estonteantes paisagens!

Margeando estradas em alta velocidade, o comboio vai ultrapassando os carros deixando-os para trás e transformando-os em miniaturas longínquas. No encontro com outros trens em sentidos opostos e com ruídos paralelos, minha imaginação percorre pelos mais variados destinos reforçando, assim, minha grande paixão por viajar pela Itália.

Os pensamentos divagam e também viajam na velocidade do motor. Sem perder os detalhes, a cada momento, em cada paisagem... trazem lembranças e recordações de lugares já explorados ou admirados em fotos, de histórias já vividas ou apenas do desejo de serem vivenciadas. O local escolhido para ser visitado ou revisitado gera a oportunidade de novos aprendizados e expectativas para desvendar sua história, admirar sua beleza, proporcionar encontros ou reencontros, conquistar novas amizades ou simplesmente contemplar o que o lugar oferece de mais interessante.

Percorrer a Itália de norte a sul é instigante e uma chance de redescobrir e presenciar os locais registrados por meio de imagens impressas nos livros de história ou de geografia. Viajar me faz sentir parte da própria história e até dentro dos cenários cinematográficos produzidos para os documentários e para os filmes nacionais e internacionais.

Cortando montanhas, no início do frio é possível avistar os picos já cobertos pela neve e, durante o rigoroso inverno, além dos lagos

Helena Domingos

Dalle finestre del treno

Salgo per un altro viaggio in treno che, al suono di un forte fischio, comunica la sua partenza e scorre sui binari fino ad uscire dalla città. Prende velocità a poco a poco e come se fossero tende giganti che si aprono per iniziare un nuovo spettacolo, le enormi finestre mostrano i più diversi e sconvolti paesaggi!

Costeggiando strade ad alta velocità, il convoglio oltrepassa le macchine lasciandole indietro e trasformandole in miniature lontane. All'incontro con altri treni in senso opposto e con rumori paralleli, la mia immaginazione percorre le più svariate mete rinforzando, così, la mia grande passione per i viaggi in Italia.

I pensieri divagano e viaggiano alla stessa velocità del motore. Senza perdere i dettagli, in ogni momento, in ogni paesaggio... portano ricordi di posti già esplorati o ammirati in fotografie, di storie già vissute o del solo desiderio di viverle. Il luogo scelto per essere visitato o rivisitato genera l'opportunità di nuovi insegnamenti e aspettative di svelare la loro storia, ammirare la loro bellezza, proporre incontri o rincontri, conquistare nuove amicizie o semplicemente contemplare ciò che il luogo stesso offre di interessante.

Percorrere l'Italia da nord a sud è intrigante ed è una chance di riscoprire e presenziare in luoghi registrati attraverso immagini stampate nei libri di storia o geografia. Viaggiare mi fa sentire parte della storia e dentro agli scenari cinematografici prodotti per i documentari e per i film nazionali e internazionali.

Tagliando montagne, all'inizio del freddo è possibile avvistare le cime già ricoperte di neve e, durante il rigoroso inverno, oltre ai laghi ghiacciati, le montagne diventano totalmente bianche e coperte come fossero immensi ammassi di cotone. In primavera e in estate tornano in vita, ricoperte di verdi boschi con frondosi alberi e del colore dei fiori.

congelados, as montanhas ficam totalmente brancas e encobertas como se fossem imensos amontoados de algodão. Na primavera e no verão ficam avivadas, dando lugar para o verde da mata com frondosas árvores e com o colorido das flores.

Ao longo do dia é provável avistar arcos e castelos medievais que, em poucos segundos, despertam a sensação de curiosidade sobre os mistérios intrínsecos marcados por suas histórias de realeza e de lutas medievais. Novamente meus pensamentos me remetem às grandes histórias e aos singelos contos de fadas.

Durante o verão o pôr do sol é algo fenomenal a ser apreciado pelas imensas janelas de um trem, quando se estende no horário e marca o final de um longo dia. Gradativamente ele vai descendo e sumindo, mesclando sua cor amarelada com o azul do céu e transformando num amarelo alaranjado. Em seguida, vai avermelhando e resultando numa explosão de tonalidades até o escurecer do céu que, aos poucos, vai sendo salpicado pelo brilho das estrelas.

Viajar à noite pela Itália é uma experiência e tanto. Por ser um país com regiões montanhosas, há a possibilidade de ver pontinhos de luz formando os vilarejos em praticamente todo o trajeto percorrido. No entanto, quando chega o cansaço decorrente da longa viagem é só fechar as cortinas e dormir nas camas ofertadas pelas companhias ferroviárias.

Ao abrir as cortinas com o friozinho lá fora o espetáculo matinal se inicia junto ao alvorecer. Numa paisagem esbranquiçada a neblina toma conta e vai cobrindo a relva e as plantações que, aos poucos, vão sendo irradiadas pelos raios do sol que começa a despertar.

O trem sempre leveiro vai trilhando por encostas, penhascos rochosos e segue cruzando montanhas, vales, pequenas e grandes cidades sob sol, chuva ou neve. Adentrando túneis, a escuridão externa toma conta, a pressão nos ouvidos é sentida e momentaneamente cai a conexão do celular. Porém, o mais emocionante é trilhar sobre impressionantes e gigantescas pontes com arquitetura milenar sobre a mata e rios caudalosos, bem como sobre as águas e canais misteriosos.

Partindo do sul da Itália, há trechos paralelos ao mar calmo e na cor azulada e verde esmeralda refletida pelo sol e, às vezes, agitado, revolto e cinzento formado pelas chuvas e temporais. Ahhh... durante

Durante il giorno è probabile vedere archi e castelli medievali che, in pochi secondi, risvegliano la sensazione di curiosità verso i misteriosi intrighi caratterizzati dalle loro storie reali e delle lotte medievali. Di nuovo i miei pensieri mi riportano alle grandi storie e ai racconti sulle fate.

In estate il tramonto è qualcosa di fenomenale da vedersi dalle finestre di un treno, quando si estende in orario e marca la fine di una lunga giornata. Gradatamente scende e sparisce, mescolando il suo colore giallo con l'azzurro del cielo e trasformandolo in un giallo aranciato. Poi, diventa rosso ed esplode in tonalità fino allo scurirsi del cielo che, a poco, si ricopre del brillare delle stelle.

Viaggiare di notte in Italia è proprio un'esperienza. Essendo un paese con regioni montane, c'è la possibilità di vedere puntini di luce che formano i paesini lungo praticamente tutto il tragitto. Comunque, quando arriva la stanchezza del lungo viaggio basta chiudere le tende e dormire nelle cabine offerte dalle compagnie ferroviarie.

Aprendo le tende con il freddo fuori lo spettacolo della mattina inizia con l'alba. In un paesaggio bianco la nebbiolina ricopre i prati e le coltivazioni che, a poco a poco, cominciano ad essere irradiate dai raggi del sole che comincia a svegliarsi.

Il treno sempre più veloce continua a fischiare tra le colline, i dirupi rocciosi e continua a incrociare montagne, valli, piccole e grandi città sotto il sole, la pioggia o la neve. Nei tunnel, l'oscurità dilaga, la pressione nelle orecchie si sente e momentaneamente cade la connessione del cellulare. Tuttavia, la parte più emozionante è fischiare sopra impressionanti e giganteschi ponti dall'architettura millenaria sul bosco e su fiumi impetuosi, proprio come su acque e canali misteriosi.

Partendo dal sud dell'Italia, ci sono tratti paralleli al mare calmo e al colore azzurro e verde smeraldo riflesso dal sole e, a volte, agitato, ribelle e argentato formato dalle piogge e temporali. Ahhhh... durante le piogge, le vetrate si bagnano e si annebbiano, donando varie sensazioni... di pulizia, di acqua che lava e purifica l'aria... di produttività, pregando e nutrendo le coltivazioni, soprattutto i tradizionali vigneti e uliveti... e, d'incanto, le gocce di pioggia incontrano i raggi di sole creando un bell'arcobaleno.

as chuvas, as vidraças ficam molhadas e embaçadas, gerando diversas sensações... de limpeza, da água lavando e purificando o ar... de produtividade, regando e nutrindo as plantações, principalmente as tradicionais videiras e oliveiras... e de encanto, das gotículas da chuva em contato com os raios solares produzindo um belo arco-íris.

De súbito, desperto de um breve cochilo com o chamado do supervisor uniformizado:

– Hei, moça, é preciso desembarcar, pois chegamos à linha final deste trem.

– Sim, claro, muito obrigada. Agradeço, apanho meus pertences e saio em busca da plataforma para novo embarque e prosseguir com meu roteiro.

Enquanto aguardo, observo a pequena estação ferroviária e logo me recordo de viagens anteriores e de lugares por onde já passei... das velhas às mais sofisticadas estações... dos trens antigos, mais lentos e barulhentos aos mais modernos e velozes... quando, de repente, meus pensamentos são interrompidos pelo anúncio do meu próximo destino. Então, lá vou eu... descortinar e assistir a novos espetáculos e registrar novas histórias!

All'improvviso, mi sveglio da un breve sonnellino con il richiamo del controllore in uniforme:

– Hey, ragazza, bisogna scendere, siamo arrivati alla stazione finale.

– Sì, certo, grazie mille. Ringrazio, prendo le mie cose ed esco alla ricerca del binario per prendere un altro treno e proseguire il mio viaggio.

Mentre attendo, osservo la piccola stazione e subito mi ricordo dei viaggi precedenti e dei posti in cui sono stata... dalle stazioni più vecchie a quelle più sofisticate... dai treni antichi, più lenti e rumorosi ai più moderni e veloci... quando, all'improvviso, i miei pensieri sono interrotti dall'annuncio della mia prossima meta. Allora, eccomi... ad aprire le tende e assistere a nuovi spettacoli e registrare nuove storie!

Kelly Cristina Galbieri

O amor à italiana

Ano de 2000. Lembro-me como se fosse hoje da imensa alegria que tomou meu ser quando soube pelo meu marido que nossa próxima viagem seria para a Itália...la mia Italia. O convite partia de um casal de amigos que todos os anos visitava aquele país onde eu queria ter nascido e vivido e, portanto, conhecia muito bem a região na qual, ainda não sabíamos, mas viveríamos as melhores férias das nossas vidas.

Partimos com muita expectativa para conhecer Milão, Arezzo, Siena, Pisa, Firenze, Veneza, Roma e nela o Vaticano, mas as expectativas foram superadas. E muito. O meu amor pela Itália e pelo meu marido se multiplicaram. Como não se apaixonar por aquele lugar? Por aquelas pessoas? A cada passo, a cada lugar que visitava o sentimento que me invadia era que eu ali já tinha estado em algum tempo anterior e era para ali que tinha que voltar...talvez em definitivo. Agora com a minha família (as crianças tinham ficado no Brasil).

Acordar com o meu amor e andar pelas ruas estreitas de Siena, visitar cada monumento de Roma e ver de perto a Torre de Pisa (cheguei a ter taquicardia quando me deparei com aquela construção) me fez ver como a vida poderia ser simples. Tudo aquilo que no Brasil eu entendia ser importante para o meu dia a dia, ali não tinha o mínimo valor. O amor pelo lugar e por tudo aquilo que eu li e sonhei desde menina estava bem diante dos meus olhos. E me bastava.

Estar em Veneza, passeando pelos canais, com o gondoleiro cantando sob um frio de alguns graus abaixo de zero não desanimou nenhum de nós. Muito pelo contrário; nos fez ter a certeza de que aquela paisagem correspondia exatamente ao que imaginávamos. Conhecer as lindas obras de Michelangelo no Vaticano, a Capela Sistina, era conferir tudo aquilo que aprendemos durante toda a vida nas missas a que assistímos na Igreja Católica da nossa cidade. Era

Kelly Cristina Galbieri

L'amore all'italiana

Anno 2000. Mi ricordo come fosse oggi l'immensa allegria che ha preso il mio essere quando ho saputo da mio marito che il nostro viaggio successivo sarebbe stato in Italia... la mia Italia. L'invito partiva da una coppia di amici che tutti gli anni andava in quel paese in cui avrei voluto essere nata e avrei voluto vivere e, quindi, conoscevo molto bene la regione nella quale, ancora non lo sapevamo, avremmo trascorso le migliori ferie della nostra vita.

Partimmo con molte aspettative di conoscere Milano, Arezzo, Siena, Pisa, Firenze, Venezia, Roma e il Vaticano, ma le aspettative furono superate. Di gran lunga. Il mio amore per l'Italia e per mio marito si moltiplicarono. Come non innamorarsi di quel luogo? Di quelle persone? Ad ogni persona, ad ogni luogo che visitavo il sentimento che mi invadeva era che ero già stata lì precedentemente e che fosse lì che dovevo tornare... forse definitivamente. Adesso con la mia famiglia (i bambini erano rimasti in Brasile).

Svegliarsi con il mio amore e camminare nelle strette strade di Siena, visitare ogni monumento di Roma e vedere da vicino la Torre di Pisa (mi venne perfino la tachicardia a vedere quella costruzione) mi fece vedere come la vita potesse essere semplice. Tutto ciò che in Brasile mi sembrava importante per la vita quotidiana, lì non aveva il minimo valore. L'amore per il luogo e per tutto quello che avevo letto e sognato fin da bambina era proprio davanti ai miei occhi. E mi bastava.

Essere a Venezia, passeggiando lungo le calli, con il gondoliere che cantava al freddo di alcuni gradi sotto lo zero non scoraggiò nessuno di noi. Al contrario; ci fece avere la certezza che quel paesaggio corrispondeva esattamente a ciò che avevamo immaginato. Conoscere le belle opere di Michelangelo nel Vaticano, la Cappella Sistina, era vedere tutto quello che avevamo imparato durante la

tanta cultura em tão pouco tempo, tudo tão encantador, que a paixão transbordava em nosso olhar.

As férias foram cheias de fotografias, de novos amigos, de muito vinho, pasta, bisteca fiorentina, mas sobretudo de muito amor. De cada parte da Itália há uma recordação que prova a irmandade entre nossos países, pois cada vez que dizíamos sermos brasileiros, a festa se instalava. Todos queriam conhecer os brasileiros que haviam chegado com a alegria típica do nosso país e não os decepcionamos.

Mas, como sempre, a vida não nos deixa decidir o futuro sem fazer suas intervenções. Achei mesmo que seria possível irmos, os quatro, em algum momento, tentar nossa vida em terras italianas. Ou, na pior das hipóteses, apenas jogar uma moeda na Fontana de Trevi, rindo e tomando um *gelato*. Entretanto, por conta de um acidente fatal, em 2004, meu marido nos deixou, restando este sonho interrompido e frustrado.

O meu amor, entretanto, segue à italiana, intenso, profundo. Minhas filhas continuam ao meu lado, hoje com meu sonho sofrendo uma pequena alteração. Continua sendo na Itália, mas vamos agora para outro canto: a Ligúria. Quero viver com elas um amor em Cinque Terre. Penso que este pode ser o sonho de todos aqueles que já estiveram, ainda que em pensamento, neste lugar.

Creio que Riomaggiore, Manarola, Corniglia, Vernazza e Monterosso contemplam meu sonho de estar em paz com meus sonhos. Cada um dos cinco vilarejos, com suas casinhas coloridas, praias, vinhos típicos da região, igrejas, restaurantes à beira de piscinas naturais me fariam recordar com muito amor o que vivi no ano de dois mil, mas tudo o que ainda posso viver até o fim dos meus dias.

Dedico este texto ao meu falecido marido, aquele que amei desde os dezessete anos de idade, Marcelo de Oliveira Agria e que nos deixou aos 41 anos de idade, mas que me brindou com a razão do meu viver, nossas filhas: Giovanna Galbieri Agria, 28 anos, casada com Kristen Kelley Burns Agria, vive hoje nos Estados Unidos da América. Isabella Galbieri Agria, 25 anos, solteira, vive comigo no Brasil; é minha companheira do dia a dia, amiga de todas as horas, amor além da vida.

nostra vita alle messe a cui assistevamo nella Chiesa Cattolica della nostra città. Era così tanta cultura in così poco tempo, tutto così incantevole che la passione passava dal nostro sguardo.

Le vacanze furono piene di fotografie, di nuovi amici, di molto vino, bistecca fiorentina, ma soprattutto di molto amore. In ogni parte dell'Italia c'è un ricordo che prova la fratellanza tra i nostri paesi, perché ogni volta che dicevamo di essere brasiliani, cominciava la festa. Tutti volevano conoscere i brasiliani che erano arrivati con l'allegria tipica del nostro paese e non li deludemmo.

Ma, come sempre, la vita non ci lascia decidere il futuro senza intervenire. Pensai davvero che sarebbe stato possibile andare, noi quattro, ad un certo punto, a tentare la nostra vita in terra italiana. O, nella peggiore delle ipotesi, almeno lanciare una moneta nella Fontana di Trevi, ridendo e mangiando un gelato. Tuttavia, a causa di un incidente fatale, mio marito ci lasciò, e questo sogno non si avverò.

Il mio amore, comunque, prosegue all'italiana, intenso, profondo. Le mie figlie continuano al mio fianco, e oggi il mio sogno è lievemente cambiato. Continua ad essere in Italia, ma da un'altra parte: in Liguria. Voglio vivere con loro un amore nelle Cinque Terre. Penso che questo possa essere il sogno di tutti quelli che ci sono stati, anche solo con il pensiero.

Credo che Riomaggiore, Manarola, Corniglia, Vernazza e Monterosso contemplino il mio sogno di essere in pace con i miei sogni. Ognuno dei cinque paesi, con le sue casette colorate, spiagge, vini tipici della regione, chiese, ristoranti a bordo piscina naturale, mi ricordano con molto amore ciò che ho vissuto nel duemila, e anche tutto ciò che posso vivere da qui alla fine dei miei giorni.

Dedico questo testo al mio defunto marito, quello che ho amato dai diciassette anni, Marcelo de Oliveira Agria, che ci ha lasciati a quarantun'anni ma che mi ha donato la mia ragione di vita, le nostre figlie: Giovanna Galbieri Agria, 28 anni, sposata con Kristen Kelley Burns Agria, vive oggi negli Stati Uniti. Isabella Galbieri Agria, 25 anni, nubile vive con me in Brasile; è la compagna delle mie giornate, amica di tutte le ore, oltre all'amore della vita.

Lorian Marta Zanini

Dora e Vito

Isabela observa o casal na foto antiga retocada por mãos pouco hábeis e tenta captar a essência daqueles rostos. A jovem loira, olhos azuis e cabelos encaracolados contrasta com o homem maduro, de olhos e cabelos escuros e olhar profundo: os avós do pai.

No moderno escritório, examina os pertences dos pais, mortos repentinamente numa falha mecânica do avião que os levava para casa após assistirem *Aída*, no Teatro Colón.

Viera de Paris para o enterro, em estado de choque, e não sabia o que fazer. Graduara-se em Arte na Sorbonne e se especializaria na *Ca' Foscari*. Filha única, rica e bonita, não pretendia ficar. Herdara a *bodega*, uma antiga vinícola pela qual nunca se interessara.

Sabia que os tintos eram ótimos e o Malbec, um dos melhores do mundo. Que foram os bisavós os pioneiros na região, aos pés dos Andes. Seu pai se orgulhava de *Dora e Vito*, i nonni fundadores daquele império.

Pouco afeita a esta realidade, queria voltar para a Europa. Ordenou que a produção fosse mantida enquanto providenciaria a venda. Seria um processo longo, certamente.

Olhava a foto, curiosa. Desconhecia suas histórias. Remexe papéis e encontra certidões. Descobre surpresa que seus nomes eram *Dorina e Vittore*. Que nasceram em regiões distintas, Vêneto e Toscana, e se indaga como teriam se encontrado. Conhecia os locais, tinha afinidades com a Itália, mas não vinculava isto à sua ancestralidade. Liga o computador e encontra os sites dos *paesi*. De impulso, redige mensagem pedindo informações. Quase esquecera o assunto quando recebe nota de que *Dorina*, pais e três irmãos migraram para o Brasil.

Surpresa, tentava entender quando recebeu outra informação perturbadora: *Vittore*, padre palotino, havia desaparecido em missão no Sul brasileiro.

Lorian Marta Zanini

Dora e Vito

Isabela osserva la coppia nella vecchia foto ritoccata da mani poco abili e tenta di catturare l'essenza di quei volti. La giovane bionda, occhi azzurri e capelli ricci contrasta con l'uomo maturo, dagli occhi e capelli scuri e sguardo profondo: i nonni del papà.

Nello studio moderno, esamina gli effetti personali dei genitori, morti improvvisamente per un guasto meccanico dell'aereo che li portava a casa dopo aver assistito all'Aida, al Teatro Colón.

Era arrivata da Parigi per la sepoltura, in stato di choc, e non sapeva cosa fare. Si era laureata in Arte alla Sorbona e specializzata a Ca' Foscari. Figlia unica, ricca e bella, non voleva restare. Aveva ereditato la *bodega*, un'antica azienda vinicola di cui non si era mai interessata.

Sapeva che i rossi erano ottimi e il Malbec, uno dei migliori del mondo. Che erano stati i suoi nonni i pionieri nella regione ai piedi delle Ande. Suo padre era orgoglioso di *Dora e Vito*, i nonni fondatori di quell'impero.

Poco legata a questa realtà, voleva tornare in Europa. Ordinò che fosse mantenuta la produzione mentre cercava di vendere. Sarebbe stato sicuramente un processo lungo.

Guardava la foto, curiosa. Non conosceva le loro storie. Scorre carte e trova certificati. Scopre sorpresa che i loro nomi erano *Dorina e Vittore*. Che erano nati in regioni diverse, Veneto e Toscana, e si chiede come si fossero incontrati. Conosceva i posti, aveva affinità con l'Italia, ma non lo collegava ai suoi antenati. Accende il computer e trova i siti dei paesi. Impulsivamente, scrive un messaggio di informazioni. Quasi dimentica il fatto quando riceve notizia che Dorina, genitori e tre fratelli erano emigrati in Brasile.

Sorpresa, cercava di capire quando ricevette un'altra informazione perturbante: Vittore, padre Palotino, era scomparso in missione nel sud del Brasile.

Atônita, busca sobrenomes de Dora nas redes sociais e encontra -os no Brasil. Dos inúmeros contatos, alguém confirma: sim, a família teve uma história “vergonhosa”, que era repassada à boca pequena. E é desta história que se origina a vinícola que Isabela herdou.

Dora, única menina do casal, nascera com irmãos já adolescentes. Filha temporâ, foi criada com carinho, esmero e proteção. Bonita, esperta e meiga era a alegria da família, que vivia confortavelmente até que a enfermidade do pai os levou à falência.

Decidiram pelo Brasil porque teriam terras para trabalhar. Instalados na serra gaúcha, a saúde do pai se agrava e ele morre. Os irmãos assumem suas responsabilidades, cuidam da mãe e da irmã.

As condições eram precárias, a vida difícil para todos. Sentiam falta de um religioso que os amparasse. Apelam à curia romana. *Vittore*, recém-ordenado, aceita a indicação sabendo dos desafios. Idealista, acreditava que seria útil à comunidade.

Sua chegada é saudada com alegria. Jovial, dinâmico e assertivo, tornou-se uma liderança natural. Iniciou campanha para construir a igreja. Carismático, acolhia e orientava com paciência e objetividade. Executava suas funções - batizados, missas, enterros - com dedicação. Fundou a Congregação Filhas de Maria.

Fora assim que Dora entrara em sua vida, para sempre. Os longos cabelos, a pele clara, os olhos azuis chamaram sua atenção assim que a viu. A espontaneidade, o caráter doce e determinado a tornaram mais do que uma seguidora de Maria.

Vito sequer admitia que estaria se enamorando. A proximidade no catecismo, aconselhamento e confissões acentuavam os sentimentos que tentava ignorar. Por outro lado, Dora o admirava, cumpria seus deveres, rezava, jejuava, obedecia à mãe e aos irmãos.

O sacerdote tinha dificuldade em dissimular o que sentia. Dora intuía algo, tentava ignorar os olhos negros que a atraíam. Nada aconteceria entre ele e as fiéis quando começou, não se sabe como, burburinho de que o padre estaria atentando contra a castidade das Filhas de Maria.

O boato se dissemina. A comunidade crédula, moralista e preconceituosa o despreza até que outra mentira vira escândalo. *Vito* e Dora estariam tendo um caso amoroso.

Attonita, cerca il cognome di Dora nei social network e lo trova in Brasile. Dei tanti contatti, qualcuno conferma: sì, la famiglia ha avuto una storia “vergognosa”, che veniva raccontata sottovoce. Ed è da questa storia che si era originata l’azienda vinicola ereditata da Isabela.

Dora, unica figlia della coppia, era nata che i fratelli erano già adolescenti. Figlia precoce, venne cresciuta con affetto, cura e protezione. Bella, furba e dolce, era la gioia della famiglia, che viveva bene finché la malattia del padre non li portò alla decadenza.

Decisero di partire per il Brasile perché avrebbero avuto terre da lavorare. Sistematisi nella *serra gaúcha*, la salute del padre si aggravò e morì. I fratelli si presero le loro responsabilità, prendendosi cura della madre e della sorella.

Le condizioni erano precarie, la vita difficile per tutti. Sentivano la mancanza di un religioso che li sostenesse. Chiamarono la curia romana. Vittore, che aveva da poco preso i voti, accetta l’indicazione sapendo delle sfide che l’avrebbero accompagnato. Idealista, credeva che sarebbe stato utile alla comunità.

Il suo arrivo è accolto con allegria. Gioviale, dinamico e assertivo, assume naturalmente le direttive. Inizia la campagna per costruire la chiesa. Carismatico, accoglieva e orientava con pazienza e obiettività. Svolgeva le sue funzioni – battesimi, messe, sepolture – con dedizione. Fondò la *Congregação Filhas de Maria*.

Fu così che Dora entrò nella sua vita, per sempre. I capelli lunghi, la pelle chiara, gli occhi azzurri attirarono la sua attenzione appena la vide. La spontaneità, il carattere dolce e determinato la resero più di una seguace di Maria.

Vito non riusciva nemmeno ad ammettere che si stava innamorando. La vicinanza al catechismo, consigli e confessioni accentuavano il sentimento che cercava di ignorare. D’altra parte, Dora lo ammirava, compiva i suoi doveri, pregava, digiunava, obbediva a mamma e fratelli.

Il sacerdote aveva difficoltà a dissimulare quel che provava. Dora intuiva qualcosa, tentava di ignorare gli occhi neri che la attraevano. Non era accaduto nulla tra lui e le fedeli quando cominciò, non si sa come, il mormorare che il padre stava tramando contro la castità delle *Filhas de Maria*.

Assombro! Imediatamente os três irmãos, impelidos por vingança, atacam o religioso em emboscada. Sem permitir-lhe reação o espancam e o expulsam, ameaçando-o de morte.

Dora leva uma surra, é informada que o padre fora expulso e ela seria levada para um convento. Tudo pela vergonha e desonra que causaram. Assustada, foge na mesma noite em tempo de encontrar Vito ferido na mata. Desesperados, partem a cavalo. Não se sabe como chegaram em Luján de Cuyo.

Vito, de família *contadina*, trabalha incansavelmente. Dora o apoia com determinação. Jamais contaram suas histórias, falaram dos familiares ou frequentaram igreja. O amor que tinham pela Itália fez com que criassesem um pequeno enclave toscano na inóspita região argentina. O cultivo das parreiras, a produção de vinhos foram aperfeiçoados com afinco. Eram felizes pelo amor que nutriam um pelo outro, pelos filhos e pela vinícola.

Isabela comove-se e reavalia. Afeiçoa-se à *bodega* e decide continuar. A história vivida por Dora e Vito a estimula e desafia. E, certamente, seus pais agradeceriam. Sentia-se orgulhosa e decidida.

La voce di sparge. La comunità credente, moralista e preconcetta lo disprezza finché un'altra bugia diventa scandalo. Vito e Dora avrebbero una storia d'amore.

Sgomerto! Subito i tre fratelli, chiamati alla vendetta, attaccano il religioso in una imboscata. Senza permettergli una reazione, lo picchiano e lo mandano via, minacciandolo di morte.

Dora è su tutte le furie/ viene picchiata, viene informata che il padre è stato espulso e che lei verrà mandata in convento. Tutto a causa della vergogna e del disonore che hanno causato. Spaventata, fugge la notte stessa in tempo per trovare Vito ferito nella foresta. Disperati, partono a cavallo. Non si sa come raggiunsero *Luján de Cuyo*.

Vito, di origine contadina, lavora instancabilmente. Dora lo appoggia con determinazione. Non raccontarono mai la loro storia, né parlarono dei familiari o frequentarono la chiesa. L'amore che provavano per l'Italia li portò a creare un piccolo enclave toscano nella inospitale regione argentina. La coltivazione delle viti, la produzione di vini vennero perfezionate con tenacia. Erano felici dell'amore che nutritivano l'uno per l'altro, per i figli e per l'azienda vinicola.

Isabela si commuove e rivaluta tutto. Si affeziona alla *bodega* e decide di continuare. La storia vissuta da Dora e Vito la stimola e la sfida. E, sicuramente, i suoi genitori avrebbero apprezzata. Si sente orgogliosa e determinata.

Luciana Bannitz Baccalá Righetto

Escolhas

— Lúcia, acorda! — ouço meu pai me chamar.

Perco a hora, troco de roupa e vou pegar o trem. Trabalho em uma tecelagem no bairro da Moóca, uma jornada dura, mas fazer o quê? Preciso trabalhar, esta é uma das únicas opções para uma moça pobre como eu.

Cinco horas, sigo para o trem. Vejo ao longe, ele me espera, moreno com lindos olhos verdes. Que olhar! Ao mesmo tempo em que me olha, seduz. Vou em frente. Ao me aproximar, dou-lhe um beijo carinhoso no rosto:

— *Andiamo!*

Pegamos o trem, o vagão está lotado. Seus braços me seguram aos solavancos. Seu coração bate forte. Ele me sorri:

— *Come sei bella!* — Estremeço.

Descemos e seguimos para a vila. Ele me deixa em minha porta e com um beijo molhado, diz:

— *Buonasera, amore mio!*

Meu pai cochila na poltrona. Faço as tarefas domésticas e vou para meu quarto. Começo a compor minhas músicas. Canto desde pequena no Coral da Igreja e nas quermesses. Tenho um trio. Eu no violão, Giuseppe no acordeom e Pedro no pandeiro. Aprendi a tocar sozinha, deve ser um dom herdado de meu pai, mas ele nunca me ensinou; perdeu o sentido da vida com a morte de minha mãe no parto. Talvez me culpe, mas é um bom pai, doente e triste. Não quero ficar aqui. Não pretendo me casar, ter filhos e viver entre brigas e reencontros. Mas é assim, temos o sangue quente italiano.

Ano de 1968. O jornal anuncia o festival de *San Remo*. Roberto Carlos ganha o concurso com uma canção de Sergio Endrigo, “*Canzone per te*”. Que sonho! Será que também posso sonhar? Quem sabe ir para a Itália. Sei que será difícil, terei que buscar uma forma de me

Luciana Bannitz Baccalá Righetto

Scelte

— Lucia, svegliati! — sento mio papà chiamarmi.

Sono in ritardo, mi cambio e vado a prendere il treno. Lavoro in una tessitura del quartiere di Moóca, una giornata difficile, ma cosa posso farci? Ho bisogno di lavorare, questa è l'unica opzione per una ragazza povera come me.

Sono le 5, vado al treno. Lo vedo in lontananza, mi aspetta, moro e con begli occhi verdi. Che sguardo! Mentre mi guarda, mi seduce. Vado avanti. Quando mi avvicino, gli do un bacio affettuoso sul viso:

— Andiamo!

Prendiamo il treno, il vagone è affollato. Le sue braccia mi proteggono dagli urti. Il suo cuore batte forte. Mi sorride:

— Come sei bella! — ho i brividi.

Scendiamo e proseguiamo per il villaggio. Mi lascia sulla porta e con un bacio umido mi dice:

— Buonasera, amore mio!

Mio padre fa un sonnellino sulla poltrona. Sbrigo le faccende domestiche e vado in camera mia. Comincio a comporre musica. Da quando ero piccola canto nel coro della chiesa e alle sagre. Sono in un trio. Io alla chitarra, Giuseppe alla fisarmonica e Pedro al tamburello. Ho imparato da sola a suonare, dev'essere un dono ereditato da mio padre, ma lui non mi ha mai insegnato; ha perso il suo motivo di vita quando mia mamma è morta di parto. Forse mi incolpa, ma è un buon padre, ammalato e triste. Non voglio restare qui. Non voglio sposarmi, avere figli e vivere tra litigi e rincontri. Ma è così, abbiamo il caldo sangue italiano.

1968. Il giornale annuncia il festival di San Remo. Roberto Carlos vince il concorso con una canzone di Sergio Endrigo: *Canzone per te*. Che sogno! Potrò sognare anche io? Magari andare in Italia. So che sarà difficile, dovrei cercare come mantenermi, ma non può essere

manter, mas não pode ser impossível, não posso deixar a vida passar. Tenho medo, mas a Itália é nossa pátria.

Preciso falar com Luigi. Nascemos e crescemos juntos. Ele não é apenas meu eterno sedutor, é um amigo, um cúmplice, um amor por mim sufocado, mas sempre presente. Saberá me aconselhar, teve sorte, estudou e se formou. Hoje possui um cargo de chefia, um orgulho para a vila.

– Luigi!

– Amore mio, tudo bem?

– Preciso lhe falar. – Penso. – Quero ir para a Itália.

Ele me olha sério, bravo, não entendo. Não é seu olhar. Me pega pelo braço e me leva para sua casa. Inesperadamente, me beija. Afasto, ele insiste. Dou-lhe uma bofetada. Ele não se contém. Agarra minha cintura, me prende em seus braços:

– Porque você vai embora, amore mio?

Meu coração dispara. Digo-lhe que tenho que ir, não sou feliz. Seus lábios me beijam cheios de desejos, de um amor contido. Começo a me entregar. Sinto um desejo incontrolável.

– Não posso! – E os meus sonhos? Não quero me envolver. Saio.

Decido. Vou para a Itália. Converso com meu pai e ao contrário do que eu imaginei, ele me apoia. Fala que este lugar não é pra mim. Se ficar, serei um rouxinol engaiolado. Abraço-o com carinho e choro. Meu pai tem familiares na Itália, em Roma e eles irão me ajudar.

Sábado, festa de *San Genaro*. Subo ao palco. Muita música, dança e alegria. Vejo *Luigi* assistindo e para minha surpresa uma moça ao seu lado. Ele acaricia seus ombros. Uma moça linda, loira, olhos azuis. Com certeza não é do nosso bairro. Meu coração ferve.

– Como, Luigi?

Estive em seus braços. Sei que vou embora. Mas e o amor? Irrito-me, canto com raiva. Volto para casa triste e a incerteza me toma.

Véspera da viagem. O pessoal da vila faz uma festa de despedida à moda italiana. Muito macarrão, vinho e música. Que delícia! Eu sempre sou a cantora. *Giuseppe* e *Pedro* ao meu lado. Cantamos muito, não queria que terminasse nunca. Eles são minha família. Meu coração está apertado e meus olhos não conseguem conter as lágrimas.

impossibile, non posso lasciar scorrere la mia vita. Ho paura, ma l'Italia è la nostra patria.

Devo parlare con Luigi. Siamo nati e cresciuti insieme. Non è solo il mio eterno seduttore, è un amico, un complice, un amore per me soffocato ma sempre presente. Saprà consigliarmi, ha avuto fortuna, ha studiato e si è diplomato. Oggi ha una posizione di alto livello, un orgoglio per il villaggio.

– Luigi!

– Amore mio, come stai?

– Ho bisogno di parlarti. – Penso. – Voglio andare in Italia.

Mi guarda serio, arrabbiato, non capisco. Non è il suo solito sguardo. Mi prende per il braccio e mi porta a casa sua. Inaspettatamente, mi bacia. Lo allontano, ma insiste. Gli do una sberla. Non si contiene. Mi prende la cintura, mi abbraccia:

– Perché vai via, amore mio?

Il mio cuore scatta. Gli dico che devo andare, che non sono felice. Le sue labbra mi baciano piene di desiderio, di amore trattenuto. Comincio ad essere coinvolta. Provo un desiderio incontrollabile.

– Non posso! – e i miei sogni? Non voglio farmi coinvolgere. Esco.

Decido. Vado in Italia. Parlo con mio papà e al contrario di ciò che avevo immaginato, mi appoggia. Dice che questo posto non fa per me. Se resto, sarò come un uccellino in gabbia. Lo abbraccio con affetto e piango. Mio papà ha dei parenti in Italia, a Roma, e mi aiuteranno.

Sabato, festa di San Gennaro. Salgo sul palco. Molta musica, danza e allegria. Vedo Luigi ad assistere e, con mia sorpresa, una ragazza accanto a lui. Le accarezza le spalle. Una ragazza bella, bionda, occhi azzurri. Di sicuro non è del nostro quartiere. Il mio cuore è in fermento.

– Luigi, come hai potuto?

Sono stata tra le sue braccia. So che andrò via. Ma l'amore? Mi irrito, canto con rabbia. Torno a casa triste e mi prende l'incertezza.

Vigilia del viaggio. La gente del villaggio fa una festa d'addio all'italiana. Molta pasta, vino e musica. Che meraviglia! Sono sempre la cantante. Giuseppe e Pedro al mio fianco. Cantiamo tanto, non volevo che finisse mai. Sono la mia famiglia. Sento una stretta al

Acabou, meia-noite. Despeço-me de todos. Que saudade vou sentir!
Não vi Luigi, não é capaz de se despedir de mim. Que ódio!

Recolho as cadeiras. De repente, uma mão me sufoca e me puxa para o bosque. Joga-me no chão, prende meu corpo com o seu e segura minhas mãos. Fico me debatendo. Seus olhos verdes me acalmam e ele me beija. Não contengo a vontade de estar com ele. Eu o amo, sempre o amei. Me pega no colo e me leva à sua casa. Não temos palavras e o desejo nos prende em um amor incontrolável. Nossos lábios se beijam, nossos corpos se unem. Ele me pede para não ir embora. Diz que eu sou o seu verdadeiro amor, que se ficarmos juntos podermos sair da vila. Possui um bom emprego e teremos uma boa condição de vida. Não consigo responder. Meu coração está quebrado. E agora, o que fazer? E a Itália? Indecisão. Fico calada e adormecemos.

Na manhã seguinte, visto cuidadosamente minhas roupas para não o acordar. Vou para a porta e ao abri-la, escuto:

- Você vai partir?
- Tenho que ir para casa, meu pai vai acordar e eu preciso estar lá.
- Não foi isso que eu perguntei. – ele diz, com seus olhos fixos em mim.

Volto-me. Meu olhar procura o dele. Hesito. Não respondo.

Finalmente chega a primavera em Roma.

Desço as escadarias da Piazza di Spagna. Trabalho em uma pequena loja de flores. Estou me adaptando. Vejo ao longe um olhar que me acompanha e me seduz.

cuore e i miei occhi non trattengono le lacrime. Fine, mezzanotte. Saluto tutti. Che *saudade* sentirò! Non ho visto Luigi, non è in grado di dirmi addio. Che odio!

Sistemo le sedie. Improvvvisamente, una mano mi copre la bocca e mi spinge nel bosco. Mi spinge per terra, tiene il mio corpo con il suo e mi stringe le mani. Lotto. I suoi occhi verdi mi calmano e mi bacia. Non trattengo la voglia di stare con lui. Lo amo, l'ho sempre amato. Mi prende in braccio e mi porta a casa sua. Non parliamo, il desiderio ci prende in un amore incontrollabile. Le nostre labbra si baciano, i nostri corpi si uniscono. Mi chiede di non partire. Dice che sono il suo vero amore, che se rimarremo insieme ce ne andremo dal villaggio. Non riesco a rispondere. Il mio cuore è in frantumi. E adesso, che fare? E l'Italia? Indecisione. Sto zitta e ci addormentiamo.

La mattina seguente, mi vesto in silenzio per non svegliarlo. Vado alla porta, la apro e sento:

- Partirai?
- Devo andare a casa, devo essere lì quando mio padre si sveglia.
- Non ti ho chiesto questo. – dice, con gli occhi fissi nei miei.

Mi giro. Il mio sguardo lo cerca. Esito. Non rispondo.

Finalmente arriva la primavera a Roma.

Scendo le scale di Piazza di Spagna. Lavoro in una piccola fioreria. Mi sto adattando. Vedo in lontananza uno sguardo che mi accompagna e mi seduce.

Lucila Teresa Papacosta Conte

O enigma das dálias

Bonito ele não era, apesar dos olhos negros e espertos e dos cabelos tão castanhos como a cauda de uma raposa. Contaram-lhe que viera do sul da Itália e fora aconselhada que tomasse cuidado com suas ousadias, tradição de família. O perigo, logo soube, estava em sua mãe que o mimava e o servia como a um nobre. Trabalhador, não se podia negar, até carregava caixas de legumes para abastecer o restaurante de seus pais. Nunca cantava, embora trouxesse prontos sorrisos para todas as ocasiões e gostos. Parecia um bom garoto aos dezesseis anos.

A casa onde vivia a família era daquela simplicidade onde os perfumes de caldeirões fumegantes e de pães ainda quentes enfeitavam a mesa rústica coberta por toalha branca bordada com ramagens que se confundiam com as hortaliças, plantadas em latas e em canteiros logo à porta da cozinha. No pequeno jardim, as dálias encantavam até os olhares mais distraídos.

Nesse tempo e lugar, os dias da semana seguiam a folhinha de santos, que se engordurava presa por uma fita verde na parede da cozinha. Era trocada ao nascer do primeiro de cada ano e assim comandava as tarefas das segundas-feiras que não poderiam ser transferidas para quinta-feira e jamais para o domingo. Cada dia e hora com seu labor e com seu sabor.

O *Angelus* era acompanhado por todos da família e a cada suspiro da mãe todos os três filhos e as duas filhas confirmavam a santidade dessa corajosa e forte mulher a quem deviam a vida e a saúde. O pai tinha plena certeza de que estava diante de sua Santa.

Quando a menina Clara, de 15 anos, foi levada até o escrutínio da sábia senhora percebeu que nunca seria a mulher de Salvatore se Dona Santa não a aprovasse.

Apesar das pernas finas, cabelos lisos demais e mãos graciosas, Clarinha foi aceita na família desde que varresse a casa e o quintal

Lucila Teresa Papacosta Conte

L'enigma delle dalia

Bello non era, aldilà degli occhi neri e brillanti e dei capelli così castani come la coda di una volpe. Gli avevano raccontato che era arrivata dal sud Italia e le era stato consigliato di prendersi cura delle sue audacie, tradizione di famiglia. Il pericolo, seppe subito, era in sua mamma che lo viziava e lo serviva come un re. Lavoratore, non si poteva negare, caricava casse di verdura per rifornire il ristorante dei suoi genitori. Non cantava mai, nonostante avesse sorrisi pronti per tutte le occasioni e i gusti. Sembrava un bravo ragazzo di diciassette anni.

La casa in cui viveva la famiglia era di quella semplicità in cui i profumi delle pentole fumanti e del pane ancora caldo adornavano la tavola rustica coperta dalla tovaglia bianca dai bordi ricamati che si confondevano con gli ortaggi, piantati in latte e in aiuole proprio alla porta della cucina. Nel piccolo giardino, le dalia incantavano anche gli occhi più distratti.

A quel tempo e in quel luogo, i giorni della settimana seguivano il calendario dei santi che si sporcava, appeso con un nastro verde alla parete della cucina. Veniva cambiato il primo di ogni anno e così comandava i compiti dei lunedì che non potevano essere spostati al giovedì né tantomeno alla domenica. Ogni giorno e ora aveva il suo lavoro e il suo sapore.

L'*Angelus* era seguito da tutti i membri della famiglia e ad ogni sospiro della mamma tutti i tre figli e le due figlie confermavano la santità di quella donna coraggiosa e forte alla quale dovevano la vita e la salute. Il papà aveva la piena certezza che era di fronte alla sua Santa.

Quando la giovane Clara, di 15 anni, fu portata a conoscere la saggia signora capì che non sarebbe mai diventata la moglie di Salvatore se la Signora Santa non l'avesse approvata.

Nonostante le gambe fini, i capelli troppo lisci e le mani graziose, Clareta venne accettata nella famiglia fintantoché pulisse la casa e il

sem ruídos nem poeira; seguisse os passos e as receitas dos molhos e das massas sem tirar nem pôr. Que não ultrapassasse em nenhum detalhe todas as perfeições das cunhadas e da matriarca!!! Ah, as dálias ficariam sob seus cuidados e seriam a sua diversão. E que só falasse quando algo lhe fosse perguntado e que nunca escutasse nada além das ladainhas. Também que fosse capaz de produzir filhos e soubesse lavar os panos de suas intimidades sem ruídos excessivos.

Aceitadas as condições simples e cotidianas, Salvatore e Clara receberam as bênçãos de Deus e da vizinhança na Igreja Matriz e se instalaram no segundo quarto. A cama do casal os esperava com os lençóis enxovalhados para as efemérides.

Como sei desses detalhes, vocês podem estar se perguntando, caríssimos amigos. Uma vizinha de uma de minhas tias contou a ela, que depois a contava em todas as reuniões de família. Chegou até mim através de uma prima mais velha, que me passava receitas mais sofisticadas de pizzas, de lasanhas e diversidades que aprendera lendo as revistas para moças e pensando sobre os motivos que a fizeram solteira até os 29 anos. O impacto do desfecho desta história em mim foi tão intenso que o guardei até agora. Causa-me tremor e terror. Parece-me que escrever será profanar segredos dessa família que nem ao menos conheci ...

Depois de muitas indecisões sobre o como dizer sem muito revelar, eis que omitindo detalhes da tragédia que culminou com a morte da jovem por motivos ignorados, consigo lhes contar que um rama-lhete de dálias enfeitava as mãos da defunta e que na missa de sétimo dia da Clarinha foram distribuídas clandestinamente para as mães dos moços da cidadezinha palavras de magia que protegeriam seus filhos da possibilidade de serem desonrados, os pobrezinhos!

Recebi uma cópia fiel dessas palavras que nunca ousei ler em voz alta ... permanece sob os pés de Santo Antônio de Pádua, que recupera as coisas perdidas em momentos de descuido e que cuida dos amores e das enfermidades causadas pelos vícios humanos.

giardino senza rumori né polvere; seguisse i passi e le ricette dei sughi e degli impasti senza togliere né mettere. Che non oltrepassasse in nulla tutte le perfezioni delle cognate e della matriarca!!! Ah, le dalie sarebbero state alle sue cure e sarebbero state il suo divertimento. E che parlasse solo quando interpellata e non ascoltasse nulla oltre alle litanie. Magari, che riuscisse a fare figli e a lavare i panni sporchi della sua famiglia senza rumori eccessivi.

Accettate le semplici condizioni quotidiane, Salvatore e Clara ricevettero la benedizione di Dio e dei vicini nella Chiesa Matriz e si sistemarono nella seconda camera. La camera della coppia li aspettava con le lenzuola del corredo per le ricorrenze.

Potreste chiedervi come so questi dettagli, carissimi amici. Una vicina di una delle mie zie gliele ha raccontate, e poi lei le raccontava ad ogni riunione di famiglia. Sono arrivate a me attraverso una cugina più grande, che mi passava ricette sofisticate per le pizze, le lasagne e altro che aveva imparato leggendo giornali per ragazze e pensando ai motivi che la lasciavano nubile fino ai suoi a 29 anni. L'impatto che mi fece questa storia è stato così intenso che l'ho custodita fino adesso. Mi terrorizza. Mi sembra che scrivere sia profanare segreti di questa famiglia che nemmeno conosco...

Dopo molte indecisioni su come raccontare senza rivelare troppo, ecco che omettendo dettagli della tragedia che culminò con la morte della giovane per motivi ignoti, riesco a raccontarvi che un rametto delle dalie adornava le mani della defunta e che alla messa del settimo giorno di Clareta sono state distribuite clandestinamente alle mani dei ragazzi della cittadina insieme a parole di magia che li avrebbero protetti dalla possibilità di essere disonorati, poveri!

Ho ricevuto una copia fedele di queste parole che non oserò mai leggere a voce alta... rimane sotto i piedi di Sant'Antonio da Padova, che recupera le cose perse nei momenti di disattenzione e che si prende cura degli amori e delle malattie causate dai vizi umani.

Márcio Martelli

Um sorriso para Romeu

Cai a noite em Verona. Nas ruas, os mascarados caminham apressados. É noite de gala na casa dos Capuleto e não há corona vírus que atrapalhe o tradicional baile de gala. É do conhecimento de todos a necessidade de ir mascarado para que ao final da festa os rostos se revelem. Talvez neste ano o mistério de quem se esconde por detrás dos panos fique mesmo na surdina. Afinal, quem ser arriscaria a tirar a máscara nestes tempos tão danosos...

Romeu nem mesmo precisou articular plano algum para adentrar na surdina. Era somente cara e coragem e... quem sabe... encontraria alguém que acordasse o seu coração.

Nos cafés ao redor da Arena de Verona as pizzas mal saíam do forno e já eram devoradas. Pizza de cogumelos... de muçarela... Romeu já degustava seu segundo pedaço.

Mas quem era aquela ali... que sorriso era aquele? Num ímpeto, ele saiu correndo atrás daquele sorriso dissimulado que passou sobre a bicicleta. Romeu corre, corre..., mas não a alcança. Ela entrou no beco da casa Capuleto e ele, sorrateiro, praticamente pisando em ovos, chega-se à varanda do local. Abaixo dela escuta duas mulheres conversando.

– Quer dizer então que ele está pintando seu retrato? – pergunta uma delas.

– Sim, e não me deixa ver o resultado, tampa-o com um pano branco deixando-me morrendo de curiosidade. – comenta a outra.

– E não passou por sua cabeça entrar escondido para tentar espiar? – instiga a outra.

– Você teria coragem de ir comigo?

Essa Julieta, pensou Romeu, já me falaram que ela é meio esnobe. Agora estão pintando o retrato dela. Coisa mais antiga.

Foi quando ele percebeu a bicicleta escondida sob a escada.

Márcio Martelli

Un sorriso per Romeo

Cala la notte a Verona. Nelle strade, i mascherati camminano in fretta. È notte di gala nella casa dei Capuleti e non c'è il coronavirus che disdice il ballo tradizionale. Tutti sanno che bisogna andare mascherati perché alla fine della festa si scoprano i volti. Forse quest'anno il mistero di chi si nasconde dietro le maschere rimarrà segreto. Alla fine, chi rischierebbe di togliersi la maschera in questo periodo... così nefasto.

Romeo non ha nemmeno dovuto pensare ad un piano per entrare di nascosto. Ci voleva solo coraggio e... chissà... avrebbe incontrato qualcuno che risvegliasse il suo cuore.

Nei bar intorno all'Arena di Verona le pizze non uscivano neanche dal forno che già erano state divoriate. Pizza con i funghi... mozzarella... Romeo degustava il suo secondo pezzo.

Ma chi era quella lì? Che sorriso era quello? In un impeto, esce correndo dietro a quel sorriso dissimulato che era passato sopra la bicicletta. Romeo corre, corre... ma non la raggiunge. È entrata nel vialetto della casa dei Capuleti e lui, subdolo, praticamente camminando sulle uova, si avvicina alla veranda del locale. Lì sotto, sente due donne parlare.

– Quindi stai dicendo che sta dipingendo il tuo ritratto? – chiede una di loro.

– Sì, e non mi lascia vedere il risultato, lo copre con un panno bianco lasciandomi morire di curiosità. – commenta l'altra.

– E non ti è passato per la testa di entrare di nascosto e provare a spiare? – istiga la prima.

– Avresti coraggio di venire con me?

Questa Giulietta, pensa Romeo, mi hanno già detto che è un po' snob. Adesso le stanno facendo un ritratto. Che cosa antica.

A quel punto intravede la bicicletta nascosta sotto la scala.

"Ah... deve ser ela que conversa com Julieta" – pensou. – "Agora, sim, não perco esse baile por nada!" – e seguiu pelas ruas de Verona.

No quarto as duas mocinhas espiam pela janela e percebem Romeo no andar de baixo. Elas riem. E a prima diz a Julieta:

– Eu o vi no Café da Arena, ele me acenou e eu corri o mais rápido que pude para cá.

– Não se meta com ele, já sabe a história né? Nossas famílias não se suportam há mais de 500 anos.

– Mas ele me parece interessante...

– E é. – suspirou uma Julieta semiapaixonada...

– Hum... agora entendi o porquê que quer que eu mantenha distância...

– Para com isso... vamos bolar nossa invasão ao atelier... qual é mesmo o nome do artista?

– Leonardo! Acha que meu pai deixaria que outro me pintasse?

– Ora, e o tal Michelangelo?

– Dizem que é um mulherengo... então, nada de ser com ele. O Leo já é maduro e não parece estar interessado em mocinhas indefesas (muitos risos).

– Indefesa? Indefeso é o artista ao lado dessa minha prima tão atirada...

E a conversa continuou até a chegada dos preparativos para o baile.

Para quem ainda não sabe, esse baile é uma tradição. Dizem que é coisa dos ingleses, que trouxeram o costume para Verona e, então, há mais de 500 anos tal baile acontece oferecido sempre por uma família tradicional da cidade. E a cada ano muda-se o anfitrião. Ano passado foram os Montecchio e, claro, nenhum Capuleto pôde comparecer. Mas parece que este ano alguma coisa irá mudar.

O tenor recepcionava os convidados cantando defronte ao pátio de entrada. Conforme chegavam, os convidados dirigiam-se às suas mesas e admiravam o luxo e a ostentação do local. Era sempre uma competição. Já os jovens se agrupavam em algum canto para observarem as moçoilas e seus atributos.

"Ah... dev'essere lei che parla con Giulietta" – pensa. – "Adesso sì, non perdo questo ballo per niente al mondo!" – e prosegue per le strade di Verona.

Nella camera le sue ragazze spiano dalla finestra e intravedono Romeo al piano di sotto. Ridono. La prima dice a Giulietta:

– L'ho visto bel Bar dell'Arena, ha accennato un saluto e sono corsa qui più veloce che potevo.

– Non metterti con lui, la sai la storia, no? Le nostre famiglie non si sopportano da più di 500 anni.

– Ma lui mi sembra interessante...

– Lo è. – sospira una Giulietta innamorata...

– Hum... adesso ho capito perché vuoi che ci stia distante...

– Smettila... pensiamo alla nostra invasione all'atelier... qual è il nome dell'artista?

– Leonardo! Credi che papà permetterebbe a qualcun altro di ritrarmi?

– E quel Michelangelo?

– Dicono sia un donnaiolo... quindi niente. Leo è già maturo e non sembra interessato a ragazzine indifese (molte risate).

– Indifese? Indifeso è l'artista affianco a questa mia cugina così tanto attraente...

E la conversazione continua fino all'arrivo dei preparativi per il ballo.

Per chi ancora non lo sapesse, il ballo è una tradizione. Dicono sia arrivata dagli inglesi che hanno portato l'usanza a Verona e da più di 500 anni si fa un ballo offerto da una delle famiglie antiche della città. Ogni anno si cambia anfitrione. L'anno scorso erano stati i Montecchi e, ovviamente, nessun Capuleti era andato. Ma sembra che quest'anno qualcosa andrà diversamente.

Il tenore accoglieva gli invitati cantando di fronte ad un patio in entrata. Come arrivavano, gli invitati andavano alle loro tavole e ammiravano il lusso e l'ostentazione del posto. Era sempre una competizione. I giovani si raggruppavano in qualche angolo per osservare le ragazze e le loro caratteristiche.

Romeu já tinha entrado e, desta vez, com duas máscaras. Não podia ser reconhecido e não queria se expor ao vírus que quase causou o cancelamento do evento.

Foi quando ela passou à sua frente e ele sabia que era ela. Tirou-a para dançar e dançaram a noite toda. Ela perguntou seu nome. Ele disse que era Leo. Ela se denominou Gi. E a noite foi passando. Romeu tinha certeza de que era a moça da bicicleta. Havia reparado que ela tinha uma tatuagem de uma flor-de-lis que subia delicadamente ao pescoço. Então, não tinha como ele errar. Ela achou engraçado ele se denominar Leo, pois sabia que era o Romeu que estava ali e deixou que tudo acontecesse até que...

Os dois saíram para a varanda. A mesma varanda da cena do balcão, tão conhecida por todos. E foi ali que se beijaram, retirando as máscaras e se revelando.

– Você é o Romeu Montecchio!

– E você, quem é? – perguntou o Romeu apaixonado.

– Eu sou a prima da Julieta, moro em Florença e este ano vim para o baile.

Ficaram a noite inteira juntos até a hora da despedida.

– Venha me visitar em Florença.

– Eu irei!

Ao voltar ao salão encontra Julieta desesperada.

– O que aconteceu?

– Eu achei que ele viria.

– Ele quem, prima?

– O Romeu!

– Mas você sabe que ele não é bem-vindo... – e riu dissimuladamente.

Foram dormir e na manhã seguinte Julieta acompanha sua prima até Florença para que juntas possam invadir o atelier e conhecer a pintura. Escondidas, entram e destampam a obra. Ficam maravilhadas com a sua beleza.

– Eu sou assim?

– Sim, você é... mas esse sorriso... Acho que Leonardo se apaixonou por você...

Romeo era già entrato e, stavolta, portava due maschere. Non poteva essere riconosciuto e non voleva esporsi al virus che aveva quasi cancellato l'evento.

È stato quando gli è passata davanti che ha capito fosse lei. L'ha presa a ballare e hanno ballato tutta la notte. Lei gli ha chiesto il suo nome. Le ha risposto di chiamarsi Leo. Lei Gi. E la notte è passata. Romeo era sicuro che fosse la ragazza della bicicletta. Si era accorto che aveva un tatuaggio di un giglio che le saliva delicatamente sul collo. Quindi, non poteva sbagliarsi. Lei trovava carino che si facesse chiamare Leo, perché sapeva che era Romeo e aveva lasciato che accadesse tutto fino a che...

I due sono usciti in veranda. La stessa veranda della scena del balcone, tanto conosciuta da tutti. E lì si baciano, togliendosi le maschere e rivelando i loro volti.

– Sei Romeo Montecchi!

– E tu, chi sei? – chiede Romeo, innamorato.

– Sono la cugina di Giulietta, abito a Firenze e quest'anno sono venuta per il ballo.

Restano insieme tutta la notte fino all'ora dell'addio.

– Vienimi a trovare a Firenze.

– Verrò!

Tornando in salone incontrano Giulietta, disperata.

– Che è successo?

– Credevo venisse.

– Chi, cuginetta?

– Romeo!

– Ma sai che non è il benvenuto... - dissimula.

Vanno a dormire e la mattina seguente Giulietta accompagna sua cugina a Firenze perché possano andare insieme di nascosto all'atelier per vedere il ritratto. Nasconde, entrano e scoprono l'opera. Restano meravigliate dalla sua bellezza.

– Ma io sono così?

– Sì... ma questo sorriso... credo che Leonardo si sia innamorato di te...

– Anche io ieri ho conosciuto un Leo.

- Ontem eu também conheci um Leo.
- Será que era o pintor?
- Não... esse era diferente.

E para encurtar a história. Leo, quer dizer, Romeu se apaixonou não por Julieta e sim, por Gi, a Gioconda cujo sorriso até hoje encanta o mundo das artes. E a pobre da Julieta até hoje não sabe dessa história.

- Sarà il pittore?
- No, era diverso...

E per terminare la storia, Leo, ossia Romeo, si innamora non di Giulietta ma di Gi, la Gioconda il cui sorriso incanta il mondo delle arti ancora oggi. E la povera Giulietta ancora oggi non sa di questa storia.

Maria Perpétua Silvestrin

Sobre o amor que não se mede

Meu coração batia forte, muito forte. Eu nem piscava, tanto era o medo de ser descoberto. Com as costas coladas na parede de um estreito corredor eu, um *bambino* de oito anos, me escondia. A briga na rua foi feia, mas fugir assim da surra do pai não seria ainda pior? Tinha muita gente no porto, não foi difícil escapar dos olhos da mãe. Será que ela está me procurando? Como eu faço se quiser voltar para casa? Cansado das pernas e do medo, as perguntas foram cessando junto com os gritos, choros e conversas ao redor. E embalado pelo movimento do navio, agachei-me e adormeci.

– Édo! Édo! Éeeeeedo! – Esfregando os olhos, procurei por minha mãe, que sempre vinha me acordar bem cedo. Mas...onde eu estava? Uma luz amarela e bruxuleante transformara meu quarto num comprido corredor. Aos poucos, lembrei do que havia acontecido e, me colocando em pé, fui andando em direção à porta.

Ouvia vozes, nenhuma familiar. Onde estariam meus tios? E se eles tiverem desistido da viagem à América? E se eu não conseguir encontrá-los? Com um fiapo de coragem, entrei na sala cheia de mesas e cadeiras. Alguns homens me olhavam. Envergonhado, puxei uma cadeira e sentei-me de cabeça baixa, esperando pelo pior. Minutos depois, um rapaz se aproximou e perguntou o que eu fazia ali. Não consegui juntar as palavras, que se amontoavam na garganta, e comecei a chorar.

Sem insistir na pergunta, ele pegou minha mão e seguimos por corredores estreitos e muitas escadas até um grande salão apinhado de gente. Ele então quis saber os nomes dos adultos da família e começou a chamar por meus tios, muitas e repetidas vezes. Sua voz, entretanto, virava nada em meio ao barulho de tanta gente. Meu estômago roncava de fome e de enjoo. Uma mistura de medo e arrependimento fez um mar de lágrimas descer dos meus olhos. Quando já

Maria Perpétua Silvestrin

Sull'amore che non si misura

Il cuore mi batteva forte, molto forte. Non sbattevo neanche le palpebre, tanta era la paura di essere scoperto. Con la schiena attaccata alla parete di uno stretto corridoio, io, un bambino di otto anni, mi nascondevo. La lite in strada era stata brutta, ma fuggire così dalle botte di papà non sarebbe stato anche peggio? C'era molta gente al porto, non era stato difficile scappare dagli occhi della mamma. Mi starà cercando? Come farei se volessi tornare a casa? Con il male alle gambe e spaventato, le domande cessarono con le grida, i pianti e le conversazioni intorno. E, cullato dal movimento della barca, mi accucciai e addormentai.

– Edo! Edo! Edooooo! – sfregandomi gli occhi, cercai mia mamma, che veniva sempre a svegliarmi presto. Ma... dov'ero? Una luce gialla intermittente aveva trasformato la mia camera in uno stretto corridoio. Lentamente, ricordai quello che era successo e, mettendomi in piedi, andai verso la porta.

Sentivo delle voci, ma nessuna era familiare. Dov'erano i miei zii? E se avessero desistito dal viaggio in America? E se non fossi riuscito ad incontrarli? Con un po'di coraggio, entrai nella sala piena di tavole e sedie. Alcuni uomini mi guardavano. Pieno di vergogna, presi una sedia e mi sedetti a testa bassa, aspettando il peggio. Minuti dopo, un ragazzo si avvicinò e mi chiese cosa ci facesse lì. Non riuscii a dire nulla, le parole di bloccavano in gola e scoppiai in lacrime.

Senza insistere, mi prese per mano e camminammo lungo stretti corridoi e molte scale fino ad un salone grande pieno di gente. Lui volle sapere i nomi degli adulti della mia famiglia e cominciò a chiamare i miei zii, molte volte. La sua voce, però, diventava un nulla in mezzo al rumore di tanta gente. Il mio stomaco brontolava per la fame e il mal di mare. Un mix di paura e rimorso mi fece scendere un mare di lacrime dagli occhi. Quando stavamo per desistere, accadde

estávamos quase desistindo, o milagre aconteceu. Vozes de criança vieram em minha direção e, logo atrás, o timbre inconfundível de tia *Pierina*, querendo saber o motivo da algazarra. Com o coração saindo pela boca, larguei a mão do meu guardião e quando vi, já estava pendurado em seus braços, enquanto ela perguntava assombrada:

– *Che fai qui, Edo?!* – Para mim, nada mais importava. Eu estava salvo.

Ao se darem conta da gravidade do ocorrido, os adultos choveram em reprimendas. Lágrimas inundavam meu rosto. Eu não sabia o que responder. Olhando ferozmente para os meus tios, tia *Pierina* mais uma vez veio em meu socorro:

– *Perchè punire, adesso, il bambino?*

Ninguém ousou responder. E às crianças, disse com firmeza:

– *Da questo giorno ad avanti, Edoardo sarà vostro fratello e nostro bambino, come voi.* Tia *Gema* também me abraçou, cochichando em meu ouvido:

– *Tu sarai sempre nostro bambino e noi custodiremo di te.*

Sem poder compreender direito o vaticínio daquelas palavras, corri para meus primos, que me traziam biscoitos e um pouco de água.

Da viagem, hoje lembro-me das famílias e suas comidas, cuidadosamente divididas para durar muitos dias. A água era pouca e de gosto horrível. Mesmo o vinho era luxo, porque servia para tudo, de espantar o frio a aliviar o peso do desterro. Tínhamos um bom farnel, reunido entre os vizinhos menos corajosos ou já envelhecidos para aventuras. Dormíamos sobre as bagagens que durante o dia nos serviam de cadeiras: caixas, malas, sacos e até mesmo o chão, sentados, encostados, amontoados. Das crianças, eu era o décimo quinto, ligando os sete de cada família. Minhas tias, como se dizia, tinham a cabeça no lugar e os pés bem plantados no chão, ao contrário dos homens, que esperavam muito ouro para um dia voltar à sua Itália vitoriosos. Elas sabiam que a luta e o trabalho não seriam menos duros.

Água após água, um dia a terra se fez à vista. Era manhã pequena quando o navio atracou. Os tios escreveram uma carta para meus pais, contando o que aconteceu e comprometendo-se a cuidar de mim como de seus próprios filhos. Depois dos dias na cidade, a viagem

il miracolo. Voci di bambini venivano nella mia direzione e, subito dopo, il timbro inconfondibile della zia Pierina, che voleva sapere il motivo di un tale baccano. Con il cuore che mi usciva dalla bocca, tolsi la mano da quella del mio guardiano e, quando arrivò, ero già appeso in braccio a lei, che mi domandava:

– Che fai qui, Edo? – non mi importava nulla. Ero salvo.

Resisi conto della gravità dell'accaduto, gli adulti iniziarono le loro ramanzine. Le lacrime mi inondavano il viso. Non sapevo cosa rispondere. Guardando feroemente i miei zii, zia Pierina mi venne di nuovo in soccorso:

– Perché punire, adesso, il bambino?

Nessuno osò rispondere. E ai bambini, disse con fermezza:

– Da questo giorno in avanti, Edoardo sarà vostro fratello e nostro figlio, come voi.

Anche zia Gema mi abbracciò, sussurrandomi all'orecchio:

– Tu sarai sempre il nostro bambino e ci prenderemo cura di te.

Senza poter capire davvero il significato di quelle parole, corsi dai miei cugini, che avevano biscotti e un po' di acqua.

Del viaggio oggi ricordo le famiglie e il loro cibo, suddiviso con attenzione per farlo durare molti giorni. L'acqua era poca e dal gusto orribile. Anche il vino era un lusso, perché serviva per tutto, per scaldarsi dal freddo o alleviare il peso dell'esilio. Avevamo un bel fardello, tra vicini meno coraggiosi o già vecchi per le avventure. Dormivamo sui bagagli che di giorno usavamo come sedie: casse, valigie, sacchi e perfino il pavimento, seduti, attaccati, ammassati. Dei bambini, io ero il quindicesimo, contando i sette di ogni famiglia. Le mie zie, come si diceva, avevano la testa a posto e i piedi ben piantati al suolo, al contrario degli uomini, che si aspettavano molto oro per tornare, un giorno, vittoriosi nella loro Italia. Le donne sapevano che la lotta e il lavoro non sarebbero stati meno duri.

Acqua dopo acqua, un giorno si avvistò la terra. Era appena l'alba quando la nave attraccò. Gli zii scrissero una lettera ai miei genitori, raccontando cosa fosse successo e impegnandosi a prendersi cura di me come un figlio. Dopo i giorni in città, il viaggio continuo lungo il fiume, fermandosi di tanto in tanto per lasciare ogni famiglia nella sua foresta vergine, che avrebbero dovuto lavorare a lungo per

continuou por rio, parando de tanto em tanto para deixar cada família em sua mata virgem, que custaria muita vida para ser transformada em lar. Como de menino saí de casa, a dor da lembrança logo foi substituída pela força da vida que se fazia inteira à nossa frente. Todo final de tarde, quando o sino improvisado da capelinha anunciava a hora do Ângelus, tudo parava para rezar a Ave Maria. Nessa hora, o que restou de minha mãe em minha memória se fazia presente, e eu pedia por ela.

Meus tios construíram suas primeiras casas bem perto uma da outra, quintal com quintal. Dizem que era por segurança, naquele mundo tão hostil de bichos e gentes dos primeiros anos. Eu, no entanto, prefiro acreditar que foi o jeito mais simples que eles encontraram para honrar a promessa de amor que me haviam feito no porão do navio. Minha cama esteve sempre lá, uma em cada casa, para que eu pudesse ir e voltar quando quisesse, sem nunca me sentir intruso. Eu é que demorei a entender que o amor não precisa de grandiosidades.

trasformare nella loro casa. Poiché ero andato via di casa da bambino, il dolore del ricordo venne subito sostituito dalla forza della vita che avevamo davanti. Tutte le sere, quando la campana improvvisata della cappellina annunciava l'ora dell'*angelus*, tutto si fermava per recitare l'Ave Maria. In quel momento, tutto ciò che era rimasto di mia mamma nei miei ricordi tornava a farsi sentire, e chiedevo di lei.

I miei zii costruirono le loro prime case molto vicine, cortile con cortile. Dicevano fosse per sicurezza, in quel mondo tanto ostile di animali e persone sconosciuti. Io, però, preferisco credere che fosse il modo più semplice che trovarono per onorare la promessa di amore che mi avevano fatto sulla stiva della nave. La mia camera è sempre stata lì, una in ogni casa, perché potessi andare e tornare quando volevo, senza mai sentirmi intruso. Sono io che ho tardato a capire che l'amore non necessita di grandi gesti.

Maria Rosa Fontebasso

A meu modo

Coloco a xícara sobre a mesinha e vou apoiar-me na balaustrada do terraço. Daquele canto vejo melhor o enorme plátano do outro lado da rua. Estamos no outono, o dourado de suas folhas brilha no meio do verde ao redor. No lugar onde nasci, todas as árvores se tornavam douradas e depois se despiam à espera da primavera. Eu pintava essas árvores com bolinhas laranja coladas em alguns galhos. Não lembro o porquê.

Há pouco tempo, naquela região, estavam desparecendo às dezenas aqueles que eram crianças e jovens no final da segunda guerra. Outro tipo de guerra os levou agora. Era a estação das árvores despidas. Como reagiriam meus pais se estivessem aqui? Eles se foram prematuramente. Eles são da geração que fez a guerra e quis emigrar com medo da explosão de outra; como vozes, espalhavam o temor poucos anos depois que ela havia terminado. Os da geração deles que permaneceram, porque não quiseram ou não puderam emigrar, também já não devem existir. Os que estão morrendo agora, e continuam a morrer, são os da minha geração.

Eu estou longe e, ao mesmo tempo, tão perto. São as histórias que nos acompanham desde o nascimento que se entrelaçam e nos situam num mesmo lugar.

Por tudo o que está acontecendo, não tenho vontade de cantar. Mas há sempre uma música que sussurra em alguma dobra da memória e me alcança, quando lembro de meus pais. Minha mãe adorava cantar nos primeiros anos em que chegamos aqui, onde o verde é perene. Tinha reencontrado a alegria que se derramava em *Parlami d'amore Mariù / Tutta la mia vita sei tu / Gli occhi tuoi belli brillano / Fiamme di sogno scintillano* quando aqui chegamos. Não lembro de brilho no olhar dela, mas ficou-me tatuado um jeito de cantar que eu não sabia explicar na época. Tinha uma voz muito bonita, e eu

Maria Rosa Fontebasso

A modo mio

Metto la tazza sul tavolino e mi appoggio alla ringhiera del terrazzo. Da quest'angolo vedo meglio l'enorme platano dall'altra parte della strada. Siamo in autunno, l'oro delle sue foglie brilla in mezzo al verde tutt'intorno. Nel luogo in cui sono nata, tutti gli alberi diventavano dorati e poi si spogliavano in attesa della primavera. Io disegnavo questi alberi con palline arancioni appese ad alcuni rami. Non ricordo il perché.

Poco tempo fa, in quella regione, stavano sparando a decine quelli che erano bambini e giovani alla fine della seconda guerra. Un altro tipo di guerra li ha portati via. Era la stagione degli alberi seminudi. Come reagirebbero i miei genitori se fossero qui? Se ne sono andati prematuramente. Sono della generazione che ha vissuto la guerra ed erano voluti emigrare per la paura che ne esplodesse un'altra; come voci, spargevano il timore pochi anni dopo che era finita. Anche quelli della loro generazione che sono rimasti, perché non hanno voluto o non sono potuti emigrare, probabilmente sono mancati. Quelli che stanno morendo ora, e continuano a morire, sono quelli della mia generazione.

Io sono lontana e, contemporaneamente, così vicina. Sono le storie che ci accompagnano dalla nascita che si intrecciano e ci portano nello stesso luogo.

A causa di tutto ciò che sta succedendo, non ho voglia di cantare. Ma c'è sempre una musica che sussurra in qualche angolo della memoria e mi raggiunge, quando ricordo i miei genitori. Mia mamma adorava cantare i primi anni in cui arrivammo qui, dove il verde è perenne. Aveva ritrovato l'alegria che incontrava in *Parlami d'amore Mariù / Tutta la mia vita sei tu / Gli occhi tuoi belli brillano / Fiamme di sogno scintillano* quando arrivammo qui. Non ricordo il luccichio del suo sguardo, ma mi è rimasto impresso un modo di

simplesmente pensava “como ela gosta de cantar”. Ela alternava uma música e outra enquanto limpava ou cozinhava. Não era sempre.

Repassando aquelas cenas, agora vagas, acredito que ela cantava quando estava particularmente feliz. Recordo os primeiros anos (meu pai tinha vindo um ano antes para sondar as condições da terra) como os anos dourados, para usar uma expressão da época e que serve para espelhar o que então se passou na nossa família.

O sol está se pondo. Gosto destes momentos de luminosidade jogada sobre o dourado das folhas do plátano como num quadro de Veermer ou de Caravaggio. Só um lado da copa reluz e parece olhar para o sol que a ilumina antes de se esconder, e faz sua cor ficar viva. Precisa estar à espera antes que aconteça para colher aqueles breves momentos. Logo a luz vai se encolhendo nesta época do ano. E a cor vai se despedindo rápida, ficando opaca.

Entro para colocar um agasalho e consultar as notícias no celular. A chegada do vírus por aqui, prevista há semanas, está se concretizando. Uma mulher vinda da Lombardia apresentou sintomas da doença. Mora numa cidade próxima, mas deve ter chegado pelo aeroporto da capital, que é a entrada do exterior. Imagino quanto tempo demorará para termos que nos isolar aqui também.

O olhar severo de meu pai abraçado à minha mãe na prateleira leva-me também à música. O toca-discos embutido num móvel sob medida era coisa extraordinária para aqueles tempos. Morávamos na Serra e ele vinha à capital para negócios. Sempre voltava com alguns discos. Primeiro, em 78 rotações. Depois, LPs. Passei os anos da infância e os poucos da adolescência antes dele morrer ouvindo música dentro de casa. Com ele aprendi a gostar das grandes orquestras. Lembro de Fausto Papetti. Grandes cantores também impregnaram as paredes da casa de madeira na qual vivíamos no início. Vozes vigorosas eram de sua preferência. Por acaso, se é que o acaso existe, ouvi Tito Schipa alguns dias atrás cantar *Vivere*. Na voz potente, palavras de amor romântico como aquelas que minha mãe cantava. Trouxeram de volta os dois ao meu redor.

Não havia exuberância em expressar afeto entre eles, os gestos eram comedidos, cúmplices. Nunca ouvi um desautorizar a palavra do outro na frente de qualquer pessoa. O pedido de permissão para

cantare che all'epoca non sapevo spiegare. Aveva una voce così bella, e io pensavo semplicemente "come le piace cantare". Alternava una musica all'altra mentre puliva o cucinava. Non sempre.

Ripercorrendo quelle scene, ora vuote, credo cantasse quando era particolarmente felice. Ricordo i primi anni (mio papà era venuto un anno prima per sondare le condizioni della terra) come gli anni d'oro, per usare un'espressione dell'epoca che serve a rispecchiare ciò che accadde nella nostra famiglia.

Il sole sta tramontando. Mi piacciono questi momenti di luminosità sull'oro delle foglie del platano come in un quadro di Veermer o di Caravaggio. Solo un lato della tazza riflette la luce e sembra guardare il sole che la illumina prima di nascondersi, e rende viva la sua luce. Bisogna aspettare che accada per cogliere quei brevi momenti. La luce affievolisce subito in questo periodo dell'anno. E il colore se ne va presto, diventando opaco.

Entro per mettermi un giubbino e leggere le notizie al cellulare. L'arrivo del virus qui, previsto da settimane, si sta concretizzando. Una donna venuta dalla Lombardia ha avuto i sintomi. Abita in una città vicina, ma dev'essere arrivata dall'aeroporto della capitale, che è entrata dall'estero. Immagino quanto tempo ci vorrà perché ci isolino anche qui.

Lo sguardo severo di mio papà abbracciato a mia mamma sulla mensola mi riporta alla musica. Il giradischi su un mobile misura era una cosa straordinaria per l'epoca. Abitavamo nella *Serra* e andava nella capitale per affari. Tornava sempre con qualche disco. Prima, 78 giri. Poi LP. Ho passato gli anni dell'infanzia e i pochi dell'adolescenza prima che morisse ascoltando la musica in casa. Con lui ho imparato ad amare le grandi orchestre. Mi ricordo Fausto Papetti. Anche i grandi cantanti hanno impregnato le pareti di legno della casa in cui vivevamo all'inizio. Preferiva le voci vigorose. Per caso, se esiste, pochi giorni fa ho sentito Tito Schipa cantare *Vivere*. Nella voce potente, parole d'amore romantico come quelle che cantava mia mamma. Li hanno riportati da me.

Non c'era esuberanza per esprimere l'affetto tra loro, i gesti erano sommessi, complici. Non li ho mai sentiti scontrarsi di fronte a nessuno. Il permesso per qualcosa veniva chiesto da mia mamma, ma dovevano essere entrambi d'accordo.

alguma coisa era feito a minha mãe, mas passava pela concordância dos dois.

Durante muito tempo permaneci com o modelo de relação que via neles e me serviram de espelho. Mas o exemplo não foi seguido, minha caminhada foi outra. Minhas próprias experiências afetivas ajudaram a entender os sinais de um ou outro conflito que eles deveriam resolver na intimidade. A perfeição que eu via transfigurou-se na complexidade do mundo dos afetos.

Hoje, amo a música daquele tempo, ali estão minhas raízes. Mas encanto-me com *C'era un cartello giallo/ Con una scritta nera/ Diceva "addio bocca di rosa/ Con te se ne parte la primavera"* de De André e *A modo mio/ Avrei bisogno di carezze anch'io/ A modo mio/ Avrei bisogno di sognare anch'io* de Lucio Dalla. Vozes distantes da lírica. Espalham afetos, sonhos, descobertas, com tons e timbres que pintam múltiplos modos de amar.

Fecho a porta da sacada. Enquanto aguardo, alimento-me de música.

Per molto tempo mi rimase il modello di relazione che avevo visto in loro che mi servivano da specchio. Ma l'esempio non è stato seguito, ho seguito un altro cammino. Le mie esperienze affettive mi hanno aiutata a capire i segnali dell'uno o dell'altro conflitto che risolvevano in intimità. La perfezione che vedeo si è trasformata nella complessità del mondo degli affetti.

Oggi, amo la musica di quel tempo, le mie radici sono lì. Ma mi incanto con *C'era un cartello giallo / Con una scritta nera / Diceva "addio bocca di rosa / Con te se ne parte la primavera* di De André e *A modo mio / avrei bisogno di carezze anch'io / A modo mio / Avrei bisogno di sognare anch'io* di Lucio Dalla. Voci distanti dalla lirica. Spargono affetto, sogni, scoperte, con toni e timbri che dipingono modi diversi di amare.

Chiudo la porta del balcone. Mentre aspetto, mi nutro di musica.

Maria Teresa Sponchiado

Luiz e Otávio

Década de 30. A expansão das indústrias se dava a todo vapor e os imigrantes italianos faziam parte dela.

Era uma época em que a relação entre empregados e patrões se regia pela ajuda mútua e tinha apelo familiar. Foi assim onde eu trabalhei, meu pai trabalhou, assim como o pai dele e ainda o avô, que emigrou da Itália.

Por quatro gerações as famílias lutaram e trabalharam juntas. Cada uma com seus objetivos e possibilidades. Em mundos diferentes, mas partilhados, respeitados e compreendidos. A ajuda mútua se percebia nos momentos de dificuldade ou de doença, ou no nascimento dos filhos. As festas e comemorações da empresa eram o que realmente explica e significa a palavra confraternização. Sempre com muita alegria e muita gente, e não importava muito quem era quem. O importante era se divertir.

Aquela atmosfera familiar sempre foi presente na minha vida. E foi nessa saga que presenciei uma das mais bonitas amizades. Um era palmeirense; o outro, corintiano. Um, franzino; o outro, corpulento.

Um era patrão e o outro não. Apaixonados por futebol, como todo bom italiano. Em dia de Derby, aos domingos, no final do jogo já se sabia do ritual: o vencedor pegava o telefone e escancarava as mais diversas provocações com seus adjetivos mais peculiares: seu *Baúco! Carcamano! Impiastro!* Burro ‘véio’... entre outras blasfêmias, que é melhor nem mencionar...

No dia seguinte, no trabalho, eles se encontravam com aquele largo sorriso e fortes abraços. E assim esperavam ansiosamente pelo próximo Derby.

Mas um dia, sem aviso prévio, um deles adoeceu e tristemente deixou a todos. Depois desse dia, ao final de cada Derby, ficava aquele vazio, o telefone mudo e a saudade do amigo que partiu.

Maria Teresa Sponchiado

Luigi e Ottavio

Anni '30. L'espansione delle industrie proseguiva a tutta birra e gli immigrati italiani ne facevano parte.

Era un'epoca in cui la relazione tra lavoratori e capi si reggeva sul mutuo aiuto e sulla chiamata familiare. È stato così dove ho lavorato io, ha lavorato mio padre, così come suo padre e suo nonno, che era emigrato dall'Italia.

Per quattro generazioni le famiglie avevano lottato e lavorato insieme. Ognuna con i suoi obiettivi e possibilità. In mondi diversi, ma condivisi, rispettati e compresi. Il mutuo aiuto si sentiva nei momenti di difficoltà o malattia, o alla nascita dei figli. Le feste e le commemorazioni dell'azienda erano ciò che spiega davvero la parola fraternità. Sempre con molta allegria e molta gente, e non importava chi fosse chi. L'importante era divertirsi.

Quell'atmosfera familiare è sempre stata presente nella mia vita. Ed è stata in questa saga che ho potuto vedere una delle amicizie migliori. Uno era un *palmeirense*, l'altro un *corintiano*. Uno gracilino, l'altro corpulento.

Uno era un capo, l'altro no. Innamorati del calcio, come tutti i bravi italiani. Nei giorni del Derby, di domenica, alla fine della partita il rituale era sempre lo stesso: il vincitore prendeva il telefono e spalancava le più diverse provocazioni con gli aggettivi più peculiari: i loro *Baucco! Carcamano! Impiastro!* Asino “vecchio”... tra le tante blasfemie che è meglio non dire...

Il giorno seguente, al lavoro, si incontravano con quel largo sorriso e con forti abbracci. E così aspettavano ansiosamente il Derby seguente.

Ma un giorno, senza preavviso, uno dei due si ammalò e lasciò tutti con tristezza. Dopo quel giorno, alla finale di ogni Derby, c'era quel vuoto, il telefono muto e la *saudade* per l'amico partito.

Anos depois o outro também se foi.

Hoje, em tempos atribulados, na falta de tempo e correndo contra ele, os descendentes sabem exatamente quem é quem, mas seguem seus dias, seus caminhos e seus destinos, ficando apenas na lembrança dos mais velhos aqueles tempos em que a pessoa valia mais do que o lucro, e que a amizade valia mais do que um gordo salário.

Foi uma amizade que ficou eternizada em minha memória e que se materializou quando meu filho nasceu e recebeu o nome dos dois.

Assim descobri que o amor se apresenta das mais variadas e inusitadas formas.

O amor forte que os unia pelas origens, por toda a herança de honestidade, luta e trabalho, carinho, dignidade, costumes e paixões.

Era, sem sombra de dúvida, um *vero* amor à italiana.

L'anno seguente se ne andò anche l'altro.

Oggi, in periodi tribolati, in mancanza di tempo e sempre di corsa, i discendenti sanno esattamente chi è chi, ma proseguono nei loro giorni, cammini e destini, con il solo ricordo dei più anziani e di quei tempi in cui la persona valeva di più del lucro, e in cui l'amicizia valeva più di un grande salario.

È stata un'amicizia che rimarrà eternamente nella mia memoria e che si è materializzata quando è nato mio figlio: gli ho dato il nome di entrambi.

Così ho scoperto che l'amore si presenta nelle forme più varie e inusuali.

L'amore forte che li univa per le loro origini, per l'eredità dell'onestà, lotta e lavoro, affetto, dignità, costumi e passioni.

Era, senza ombra di dubbio, un vero amore all'italiana.

Maricy Montenegro

Cafeteira Italiana

Enfim, vou estrear a cafeteira italiana. Coragem! Como é linda!
Não sei o que faço com o Paolo. Namoro?
Aquela faixa na porta da minha casa, de ponta a ponta, me deixou
envergonhada:

“PRINCIPESSA! FELICE RITORNO! TI AMO!”

O que os vizinhos vão pensar?
E as mensagens exageradas no celular durante minha viagem:
– Sol da minha vida! Ilumina meu coração! Não sou nada sem
você! Saudades!

Acabamos de nos conhecer! Como posso ser o sol da vida dele?
– Escalafóbético! – diria minha avó.

Tive que aceitar o anel de brilhante, um lindo solitário!
– Está bento! Fui na igreja e pedi para o padre benzer, pelo nosso
amor. Disse que era um presente para você e agora só pode ser seu.
Não vou embora da sua casa se não aceitar esta prova de amor. - insis-
tiu Paolo.

Que amor? Não tenho nada com ele.

Exagerado! Um carro de som na minha porta tocando músicas
românticas, declarações de amor, balões em forma de coração! Que
maluco!

Minhas amigas dizem:

– Que gentil! Quantos presentes! Deve gostar mesmo de você! O
que está esperando para casar com ele?

Já meus amigos:

– Cuidado! Qualquer hora te dá um tiro!

Agora, que ele cozinha bem, ele cozinha! Namorar um chef ita-
liano é tudo de bom! *Nhoque, carpaccio, tortellini de bolonha, risotto*

Maricy Montenegro

Caffettiera italiana

Alla fine, sfoggerò la caffettiera italiana. Coraggio! Che bella che è!
Non so cosa faccio con Paolo. Flirt?
Quella fascia sulla porta di casa mia, da punta a punta, mi ha
imbarazzata:

“PRINCIPESSA! FELICE RITORNO! TI AMO!”

Cosa penseranno i vicini?
E i messaggi esagerati nel cellulare durante il mio viaggio:
– Sole della mia vita! Illumini il mio cuore! Senza te non sono
nulla! Mi manchi!

Ci siamo appena conosciuti! Come posso essere il sole della sua
vita?

– Esagerato! – direbbe mia nonna.

Ho dovuto accettare il diamante, un bel solitario!

– È benedetto! Sono stato in chiesa e ho chiesto al sacerdote di
benedirlo, per il nostro amore. Gli ho detto che era un regalo per te
e adesso può essere solo tuo. Non uscirò da casa tua se non accetti
questa prova d'amore. – ha insistito Paolo.

Che amore? Non ho niente con lui.

Esagerato! Una macchina alla mia porta, suonando musiche
romantiche, dichiarazioni d'amore, palloncini a forma di cuore! Che
pazzo!

Le mie amiche dicono:

– Che gentile! Quanti regali! Devi piacergli molto! Cosa aspetti a
sposarti con lui?

Invece i miei amici:

– Attenta! Quando meno te l'aspetti ti colpisce!

Però, che cucini bene è vero! fidanzarsi con uno chef italiano

ai funghi, os meus preferidos! E os doces, então? Tiramisú, struffoli, pastiera di grano! Humm! Delícia!

Só para me impressionar e se exibir dá um show ao abrir a garrafa de chamanhe com uma facada no gargalo. Incrível! Eu nunca tinha visto!

Bom, vamos ao presente do Paolo:

COMO USAR A CAFETEIRA ITALIANA

Encha o pote de baixo com água até abaixo do nível da válvula de segurança.

Coloque o filtro em forma de funil.

No filtro, coloque o pó de café até encher, mas sem pressionar.

Rosqueie a parte superior.

Coloque no fogão com chama baixa.

– Que doido! A água vai subir em vez de descer? Contra a lei da gravidade?

O fogo aquece a água, borbulha barulhenta, forma vapor, a água sobe, passa pelo pó, e no recipiente de cima está pronto o café italiano! Como é possível? Tudo de cabeça para baixo.

– Escalafobético! – diria minha avó!

No preparamos brasileiro colocamos o pó no coador e a água em cima do pó desce tranquila, de forma natural, soando suave...

É, deve ser jeito de italiano mesmo, invertido, fervilhante, de ponta cabeça, destrambelhado, barulhento.

– Humm! Delícia de café! Saboroso!

– E agora? Namoro ou não namoro?

va sempre bene! Gnocchi, tortelli bolognesi, risotto ai funghi, i miei preferiti! E i dolci poi? Tiramisù, struffoli, pastiera di grano! Humm! Che delizia!

Solo per impressionarmi ed esibirmi fa uno show per aprire la bottiglia di champagne sciabolando. Incredibile! Non l'avevo mai visto!

Bene, andiamo al regalo di Paolo:

COME USARE A CAFFETTERIA ITALIANA

Riempire la caldaia di sotto con acqua fino a poco sotto la valvola di sicurezza.

Collocare il filtro a forma d'imbuto.

Riempire il filtro con il caffè macinato, senza premere.

Avvitare la parte superiore.

Collocare sul fuoco, a fiamma bassa.

Che pazzo! L'acqua sale invece di scendere? Contro la legge di gravità?

Il fuoco scalda l'acqua, bolle rumorosa, forma vapore, l'acqua sale, passa nella polvere e nel raccoglitore in cima è pronto il caffè italiano! Com'è possibile? Tutto a testa bassa.

– Esagerato! – direbbe mia nonna!

Nella preparazione brasiliana mettiamo la polvere nel colino e l'acqua sulla polvere scende tranquilla, naturalmente, con un suono soave.

Dev'essere il modo italiano, inverso, febbre, sottosopra, strano, rumoroso.

– Humm! Che delizia di caffè! Gustoso!

– E adesso? Mi fidanzo o no?

Romildo Gouveia Pinto

Por um Amor na Sardenha

I

Na pequena cabine do *ferry* que singrava o *Mare di Sardegna*, Paulo permanecia inquieto, rolando no leito sem conseguir abraçar o sono e, por isso, fora para o convés desfrutar um pouco da salobra brisa. Na noite escura não havia quase o que ver, apenas pontos luminosos que poderiam ser faróis em rochedos ou barcos cortando as águas calmas. O cenário trouxe-lhe sossego e começou a sentir o entorpecimento que buscava. De volta à cabine não dormiu de pronto, mas o redemoinho da ansiedade amainou, transmutando-se em pensamentos suaves.

Ele tornou a pensar em Caterina. Fora apaixonado por ela. Namoraram quando a italiana viajou ao Brasil levada por um projeto de solidariedade aos povos da América, para vivenciar mundo e realidade diferentes. Ao regressar um ano depois à Itália, ela até o convidara para acompanhá-la, mas lhe faltou a coragem de enfrentar mudança tão radical em sua trajetória. Separaram-se, mas ele nunca a esqueceu, agora admitia.

Perderam o contato, mas recentemente reencontrou-a em uma rede social e reataram a antiga amizade. Sobrevidente de relacionamentos fracassados, o rapaz passou a alimentar a fantasia de que talvez pudesse retomar a relação amorosa com Caterina. Então, quando ela o chamou para encontrá-la na Sardenha, ele não vacilou.

Estava feliz porque iria rever seu antigo amor da juventude, mas tenso por não saber o que isso provocaria em suas vidas. Com a alma tomada pela inquietude, e enquanto o barco suavemente deslizava em direção ao seu destino, Paulo ruminava contraditórias emoções. Porém, sabia que na vida de cada um tudo tem o seu tempo e a sua hora.

Romildo Gouveia Pinto

Per un amore in Sardegna

I

Nella piccola cabina del traghetti che solcava il Mare di Sardegna, Paulo era inquieto, rotolandosi nel letto senza riuscire ad addormentarsi e, per questo, andò sul ponte per godersi un po' di brezza salmastra. Nella notte scura non si vedeva quasi nulla, solo punti luminosi che potevano essere fari sugli scogli o barche tagliando l'acqua calma. Lo scenario gli portò pace e cominciò a sentire l'intorpidoimento che cercava. Di ritorno alla cabina non dormì subito, ma il vortice di ansietà terminò, trasformandosi in pensieri soavi.

Tornò a pensare a Caterina. Era stato innamorato di lei. Si erano innamorati quando l'italiana era in viaggio in Brasile per un progetto di solidarietà ai popoli americani, per fare esperienza di mondi e realtà differenti. Al suo tornare in Italia un anno più tardi, addirittura lo aveva invitato ad accompagnarla, ma lui non ebbe il coraggio di affrontare un cambiamento così radicale nella sua vita. Si separarono, ma non la dimenticò mai, ammetteva ora.

Persero i contatti, ma recentemente l'aveva rincontrata in un social network e avevano ripreso la vecchia amicizia. Dopo varie relazioni andate male, il ragazzo aveva preso ad alimentare la fantasia del possibile ritorno della relazione amorosa con Caterina. Allora, quando lei lo chiamò per incontrarla in Sardegna, non vacillò.

Era felice di rivedere l'amore della sua gioventù, ma teso perché non sapeva che cosa avrebbe provocato nelle loro vite. Con l'anima presa dall'inquietudine, mentre la nave salpava verso la meta, Paulo ruminava emozioni contraddittorie. Tuttavia, sapeva che nella vita di ognuno tutto ha il suo tempo.

II

Caterina vivia na belíssima Alghero, mas seu interesse não eram só o mar colorido de esmeraldas, os belos corais cor de fogo ou a preciosa herança catalã, como também a marcante herança histórica da cultura nurágica, da qual ainda são encontradas na ilha ruínas de sete mil torres cônicas de pedra denominadas *nuraghi*, remanescentes da Idade do Bronze. Inclusive ali mesmo, em Alghero, no sítio histórico de Palmavera.

Arqueóloga, Caterina mergulhara há anos na pesquisa dessas estruturas únicas no mundo em busca de indícios da hipótese desenvolvida por estudiosos de que aquela civilização seria a lendária Atlântida; segundo Platão, fora uma potência naval localizada “para lá das Colunas de Hércules”, que conquistara povos da Europa Ocidental e África, por volta de 9.600 anos antes de nossa era. A Atlântida, segundo o filósofo grego, afundara no oceano “em um único dia e noite de infortúnio”.

Resgatar a Atlântida era a missão da sarda Caterina.

III

Paulo tinha um interesse paralelo na Sardenha por força de seu trabalho, o de aprofundar-se na cultura daquele povo singular que, embora tido como essencialmente pastoril – envolvido com a criação de ovelhas de forma intensiva desde a época do domínio cartaginês – surpreendeu o mundo quando *Grazia Deledda* tornou-se, em 1926, a segunda mulher no mundo a conquistar o Prêmio Nobel de Literatura.

Como professor de Letras ele poderia juntar o útil ao agradável, aproveitando para pesquisar a vida e a obra de *Gavino Ledda*, escritor que foi pastor de ovelhas na juventude, em meio à milenar cultura rural opressora; tornou-se um famoso estudioso das línguas italiana e sarda, embora só tenha sido alfabetizado durante o serviço militar.

Gavino Ledda narrou sua saga no livro *Padre Padrone*, que depois se transformaria num filme dirigido pelos Irmãos Taviani em 1977, ganhador da Palma de Ouro de Cannes.

Se possível o entrevistaria, pois já estivera com ele em 2004 durante a Bienal de São Paulo. O escritor vive na ilha e Paulo também

II

Caterina viveva nella bellissima Alghero, non era interessato solo dal mare verde smeraldo, dai bei coralli color del fuoco o dalla preziosa eredità catalana, ma anche dall'eredità storica della cultura nuragica, della quale si trovano ancora rovine nell'isola, sette mila torri coniche di pietra chiamate *nuraghi*, dell'Età del Bronzo. Anche lì ad Alghero, nel sito archeologico di Palmavera.

L'archeologa, Caterina si era immersa da anni nella ricerca di queste strutture uniche al mondo, cercando indizi dell'ipotesi sviluppata da alcuni studiosi: che quella sarebbe la leggendaria Atlantide. Secondo Platone, era una potenza navale localizzata “aldilà delle Colonne d'Ercole”, che aveva conquistato popoli dell'Europa Occidentale e dell'Africa, circa 9600 anni prima degli anni nostri. Atlantide, secondo il filosofo greco, sarebbe affondata nell'oceano “in un unico giorno e notte di sfortuna”.

La missione della sarda Caterina era recuperare Atlantide.

III

Paulo aveva un interesse parallelo in Sardegna grazie al suo lavoro, quello di approfondire la cultura di quel popolo singolare che, nonostante fosse essenzialmente pastorale – coinvolto con l'allevamento intensivo di pecore fin dall'epoca del dominio cartaginese – aveva sorpreso il mondo quando Grazia Deledda aveva ricevuto il Premio Nobel per la Letteratura, nel 1926, la seconda donna al mondo.

Come professore di lettere poteva unire l'utile al dilettevole, approfittando per ricercare la vita e l'opera di Gavino Ledda, scrittore che era stato pastore di pecore in gioventù, in mezzo alla millenaria cultura rurale opprimente; era diventato un famoso studioso delle lingue italiana e sarda, nonostante si fosse alfabetizzato durante il servizio militare.

Gavino Ledda aveva narrato la sua saga nel libro *Padre Padrone*, che poi era diventato un film diretto dai fratelli Taviani nel 1977 e aveva vinto la Palma d'Oro di Cannes.

Se possibile, l'avrebbe intervistato, visto che era già stato con lui nel 2004 durante la Biennale di San Paolo. Lo scrittore vive nell'isola

visitaria a região onde Ledda cresceu, para conhecer *in loco* o famoso queijo de ovelhas local, produto milenar dos pastores, o *pecorino sardo*.

Se o encontro com Caterina ao fim acabasse por limitar-se a um bom período de férias, pelo menos retornaria ao Brasil com material suficiente para o seu próximo livro.

IV

Era uma plácida manhã, plena do mais belo sol mediterrâneo, quando o *ferry* atracou. Gaivotas sobrevoavam o convés enquanto as pessoas se aglomeravam ruidosamente nas proximidades das escadas. Algumas famílias com filhos e outras com seus cães desciam sorridentes.

Uma brisa suave e fresca roçava as peles, mas aquele seria um dia quente e acolhedor.

Paulo perscrutava o cais para encontrar Caterina. Reconheceu-a à distância. E lembrou das palavras de Deledda, do livro *Cosima*, vendo nela “uma pele branca aveludada, belíssimos cabelos negros levemente ondulados e olhos grandes amendoados de um negro dourado e, às vezes, esverdeado, com a pupila grande, exatamente como as mulheres de raça camítica que um poeta latino chamou *pupilla dupla*, de um fascínio passional irresistível.”

Ela ainda o instigava com aquele mesmo sorriso manso, sensual e encantador que sempre o deixava desnorteado.

Quando no Brasil, ele acreditava que iniciaria uma viagem rumo ao passado, mas por uma força misteriosa que agora o atraía àquele chão, súbito entendeu que estava mesmo era desembarcando em seu próprio futuro.

e Paolo avrebbe visitato anche la regione in cui era nato Ledda, per conoscere *in loco* il famoso formaggio di pecora locale, prodotto millenario dei pastori, il *pecorino sardo*.

Se l'incontro con Caterina alla fine si fosse limitato ad un buon periodo di ferie, almeno sarebbe tornato in Brasile con materiale sufficiente per il suo prossimo libro.

IV

Era una mattina tranquilla, piena del più bel sole mediterraneo, quando il traghetto attraccò. I gabbiani volavano sul ponte mentre le persone si ammassavano rumorosamente vicino alle scale. Alcune famiglie con figli e altre con i loro cani scendevano sorridenti.

Una brezza soave e fresca soffiava sulla pelle, ma quello sarebbe stato un giorno caldo e accogliente.

Paulo scrutava la banchina per trovare Caterina. La riconobbe da lontano. E si ricordò delle parole della Deledda, nel libro *Cosima*, vedendo in lei “una pelle bianca vellutata, bellissimi capelli neri lievemente ondulati e grandi occhi a mandorla di un nero dorato e, a volte, dai riflessi verdi con la pupilla grande, esattamente come le donne di razza camita che un poeta latino aveva soprannominato *pupilla doppia*, di un fascino passionale irresistibile”.

Lo istigava ancora con quel sorriso calmo, sensuale e incantevole che lo aveva sempre messo in difficoltà.

In Brasile, credeva che sarebbe partito per un viaggio verso il proprio passato, ma dalla forza misteriosa che lo attraeva al terreno, capì subito che stava sbarcando nel suo futuro.

Valéria Dellome Fougere

Estranhos amores

Mulheres morenas, elegantes e discretas despertavam seu interesse.

Aceitava serem elas levemente histéricas e ciumentas, ingredientes que conferem ardor à relação e são intrínsecos a toda mulher, segundo sua concepção pessoal.

– Intencional predileção! Foges da figura simbólica, do obscuro objeto de desejo. – declarara o psicólogo.

A Mãe! Cabelos cacheados, pele clara, corpo sinuoso, ideias e sentimentos traduzidos em gestos e palavras sonoras, não podia negar suas origens. Renunciara ao amor, somente o filho, além da morte.

“Ti amo, figlio mio!” “È tuo il mio cuore!”

Dele exigia rigorosa disciplina, repetindo-lhe recomendações com enlevo e paciência ao longo dos dias, dos meses, dos anos.

Quando enfermo, ela infatigável, noites sem dormir impingindo-lhe elixires, purgantes, infusões e o cataplasma de polenta e alho. Cuidados excessivos ministrados enquanto repetia uma de suas ladinhas patéticas: “Estarei sempre aqui para protegê-lo, *mio pulcino!*”

Rebelava-se, o filho!

Resultado: choros convulsivos, dias doentios.

O filho cedia e ouvia uma outra litania: *“Insieme amore mio, ti amerò per sempre!”*

Ao sentir a atração do menino-adolescente por outras mulheres, ela proferira, não sem pesar, ferida em seu instinto maternal exclusivista:

– O amor é sonho e pesadelo. Ambíguo e traiçoeiro. Manifesta-se através de palpitações, um nó na garganta, mãos febris, sensações inexplicáveis. Causa imensos sofrimentos! *“Grand’amor, gran dolor!”* Mas aqui estarei para amparar-te!

Explodiam, estas palavras, quando ele bifurcava pelos labirintos de uma nova relação e o resultado era o mesmo: desilusões.

Valéria Dellome Fougere

Strani amori

Donne more, eleganti e discrete risvegliavano il suo interesse.

Accettava che fossero lievemente istiche e gelose, ingredienti che conferiscono ardore alla relazione e sono intrinseci ad ogni donna, secondo la sua personale opinione.

– Predilezione intenzionale! Fuggi dalla figura simbolica, dall’oggetto oscuro del desiderio – dichiara lo psicologo.

La Mamma! Capelli ricci, pelle chiara, corpo sinuoso, idee e sentimenti tradotti in gesti e parole sonore, non poteva negare le sue origini. Avrebbe rinunciato all’amore, soltanto il figlio, oltre alla morte.

“Ti amo, figlio mio! È tuo il mio cuore!”

Da lui esigeva disciplina rigorosa, ripetendogli raccomandazioni con stupore e pazienza durante giorni, mesi, anni.

Quando stava male, lei era infaticabile, notti senza dormire propinandogli elisir, purghe, infusioni e la poltiglia di polenta e aglio. Cure eccessive portate avanti mentre ripeteva le sue litanie patetiche:

“Ti proteggerò per sempre, pulcino mio!”

Si ribellava, il figlio!

Risultato: pianti convulsi, giorni malati.

Il figlio cedeva e sentiva un’altra litania: *“Insieme amore mio, ti amerò per sempre!”*

A sentire l’attrazione del ragazzo-adolescente per altre donne, si professava, non senza farlo pesare, ferita nel suo istinto materno esclusivo:

– L’amore è allo stesso tempo sogno e incubo. Ambiguo e traditore. Si manifesta attraverso palpitzazioni, un nodo alla gola, mani febbrili, sensazioni inspiegabili. Causa sofferenze immense! *“Grand’amor, gran dolor!”* Ma sarò sempre qui per sostenerti!

Esplodevano, queste parole, quando lui si lanciava nei labirinti di una nuova relazione e il risultato era lo stesso: delusione.

A mãe não mais ali estava para socorrê-lo! Partira inesperadamente. Desamparado, ele oscilava entre sentimentos antagônicos: saudade e raiva. Ela não cumprira a promessa!

"Il suo cuore era malato!" – declarara o velho Doutor napolitano.

Uma catástrofe sua vida sentimental, feita de paixões e rompimentos. A mãe, forma indefinida e evanescente, ora bálsamo, ora veneno. Atormentava-o.

“Não podes fugir de mim, passamos um pacto, ainda eras um *piccolo bambino*”! Um novo refrão ou ele o havia esquecido propostadamente?

Sua última conquista partira batendo a porta com estrondo, irritando-o, pois tinha horror de barulho. Uma maneira de opor-se à mãe explosiva e rumorosa. Levara consigo “A amante”, seu quadro preferido e o ameaçara de processo. Reconhecerá-se como personagem principal de seu último romance, um ultraje à sua vida privada. Sem nenhum reconhecimento pelo confronto estético que ele desenvolvera ao longo das páginas, comparando-a a *“una bella donna”* de perfil cubista!

Um outro confronto à mãe, para quem os perfis cubistas eram frutos de mentes doentias! A ex-amante pouco o conhecia!

Após esse incidente perdera a atração por mulheres amoreadas.

Considerações nostálgicas ao longo do passeio no parque em um domingo chuvoso.

Surpreso, deparou-se com ela. Seu corpo, branco, tênuas veias azuladas, um seguimento de linhas esculturais, cabelos encaracolados, muda, ela seria o elemento de sua cura. Poderia vir até ela quando quisesse. Sua perna suspensa, os pés nus, despertavam-lhe leve comoção. Acariciou-lhe a face com a ponta dos dedos, pouco à vontade face à sua nudez sem ostentação. Sentiu um desejo transcendental. Interrompido. Pelas palavras da mãe: *“Beltà e follia, van spesso in compagnia”*.

Helena, ela se chamaria Helena como sua mãe, pois somente esta, apesar de ruidosa, havia-lhe proporcionado, em tempos idos, a leveza etérea experimentada agora.

Sua vida iria de novo oscilar para o desespero, um dia de inverno. Uma tempestade fustigara a cidade. O bosque, para onde ele se

La mamma non era più lì a soccorrerlo! Era mancata inaspettatamente. Impotente, oscillava tra sentimenti contrastanti: saudade e rabbia. Non ha mantenuto la promessa!

“Il suo cuore era malato!” – aveva dichiarato il vecchio Dottore napoletano.

Una catastrofe la sua vita sentimentale, fatta di passioni e roture. La mamma, in forma indefinita ed evanescente, ora balsamo, ora veleno. Lo tormentava.

“Non puoi fuggire da me, abbiamo fatto un patto, eri ancora un piccolo bambino”! Un nuovo ritornello o l’aveva scordato di proposito?

La sua ultima conquista se n’era andata sbattendo la porta con forza, irritandolo, perché il rumore lo terrorizzava. Un modo di opporsi alla mamma esplosiva e rumorosa. Si era portata via “L’amante”, il suo quadro preferito, e lo aveva minacciato di denuncia. Si era riconosciuto come personaggio principale del suo ultimo romanzo, un oltraggio alla sua vita privata. Senza nessun riconoscimento attraverso il confronto estetico che aveva sviluppato lungo la lettura, comparandola a *“una bella donna”* dal profilo cubista.

Un altro affronto alla mamma, per la quale i profili cubisti erano frutto di menti malate! L’ex-amante lo conosceva poco!

Dopo questo incidente aveva perso l’attrazione per le donne more.

Considerazioni nostalgiche durante le passeggiate al parco in una domenica piovosa.

Sorpresa, la incontrò. Il suo corpo, bianco, tenui vene azzurrine, un labirinto di linee scultoree, capelli ricci, muta, lei sarebbe stata la sua cura. Sarebbe potuto andare da lei quando lei avesse voluto. La sua gamba sospesa, i piedi nudi, risvegliavano in lui una lieve commozione. Le accarezzò la fronte con la punta delle dita, a disagio di fronte alla sua nudità senza ostentazione. Sentì un desiderio trascendentale. Interrotto. Dalle parole della mamma: *“Beltà e follia, van spesso in compagnia”*.

Helena, si sarebbe chiamata Helena come sua mamma, perché solo questa, nonostante fosse chiassosa, gli aveva proportionato in tempi andati la leggerezza eterea sperimentata ora.

precipitara acometido de estranhos pressentimentos, acordara devastado. Ramos jaziam, nódoras de resina brotavam dos caules, feridas expostas.

Procurava-a com os olhos, não conseguiavê-la, apesar de já estar próximo. Desaparecera também a árvore secular, em cujas frondes Helena ocultava-se dos olhares indiscretos daqueles que passavam pelas aleas do parque.

Horror! Ali estava ela, degolada, entre os galhos ao solo. Estes haviam amortecido a queda, amparando sua cabeça, conservando-a intacta. Lágrimas. As dele, verdadeiras. As dela, gotas de chuva que escorriam pelo mármore em relevo dos cabelos.

Voltou ao bosque dias depois, os resíduos haviam desaparecido, o pedestal vazio, um túmulo!

Custou a reconstruir-se e ajudou-o uma outra Helena, desta vez de carne e osso, branca, linhas cheias e sensuais, silenciosa, similitudes como a “*donna*” marmórea.

Transtorno! Rapidamente suas noites tornaram-se medonhas, acordava sobressaltado. Helenas desaparecidas, feridas, destruídas!

Helena, de carne e osso ali presente, não acalmava suas crises de demência.

Um novo pesadelo veio assolá-lo. Via-se! Nas mãos uma lâmina afiada, pronto a decapitar Helena, em carne e osso, dormindo ao seu lado placidamente. A mãe, aparição fantasmagórica, sorria e esvanece-se.

Decidiu romper com o amor, definitivamente. Saiu sem bater a porta, pois tinha horror de barulho.

La sua vita sarebbe di nuovo oscillata verso la disperazione, un giorno d'inverno. Una tempesta si sarebbe abbattuta sulla città. Il bosco, verso cui si sarebbe precipitato colpito da strani presentimenti, si sarebbe svegliato devastato. Rami giacevano, chiazze di resina macchiavano gli steli, ferite esposte.

La cercava con gli occhi, non riusciva a vederla, nonostante le fosse già vicino. Sarebbe sparito anche l'albero secolare, tra le cui fronde Helena si nascondeva da sguardi indiscreti di quelli che passavano tra le aiuole del parco.

Orore! Era lì, con la gola tagliata, tra i rami al suolo. L'avevano uccisa/ UCCISA cadendo, staccandole la testa, conservandola intatta. Lacrime. Quelle di lui, vere. Quelle di lei, gocce di pioggia che scorrevano sul marmo in rilievo dei capelli.

Tornò nel bosco giorni dopo, i resti erano scomparsi, il piedistallo vuoto, un tumulo!

Costò ricostruirla e lo aiutò un'altra Helena, questa volta in carne e ossa, bianca, linee piene e sensuali, silenziosa, similitudini con la “*donna*” marmorea.

Disordine! Rapidamente le sue notti divennero orribili, si svegliava di soprassalto. Le due Helena sparite, ferite, distrutte!

Helena, in carne e ossa lì presente, non calmava le sue crisi di demenza.

Un nuovo incubo arrivò ad opprimerlo. Nelle mani una lama affilata, pronto a decapitare Helena, in carne e ossa, che dormiva al suo fianco placidamente. La mamma, apparizione fantasmagorica, sorrideva e svaniva.

Decise di finirla con l'amore, definitivamente. Uscì senza sbattere la porta, perché il rumore lo terrorizzava.

Vera Maria Mussi Nunes Hage

O amor à italiana

Quando o coração lhe chamar, persiga-o!

Foi assim com Sofia.

Na virada de 2020, Sofia pediu um amor ao novo ano. Um amor graúdo. De quilates e brilho intenso. Não era a melhor época, mas o desejo era autêntico, irrecusável. Não hesitou. Deixou o coração decidir. O destino seria o mesmo de tantas e lindas viagens: a inebriante Itália. Elegeu Toscana, na cidade pitoresca de *Borgo San Lorenzo*, com suas trilhas de aventuras ecológicas. Para garantir a diversão, conclamou três boas amigas, companheiras de outras inesquecíveis viagens. Das quatro, ela era a mais bonita. Traços marcantes e características que o homem italiano aprecia, valoriza.

Inspirada na história de amor que uma delas viveu na última viagem, sentiu-se desafiada. Seu coração não lhe seria leviano. Estava franqueada e livre para encontrar um amor.

“O homem italiano é o melhor dos homens para amar”, dizia ela baixinha, mas convicta de seus pensamentos. O amor que não foi possível à amiga grudou na retina, colou na sua mente. Instigava ainda mais seu desejo. Uma obsessão, com certeza.

Outra certeza era a de que não queria homem comprometido. Nada de paixão de temporada. De amor que não se instala. Desejava todo brilho e permissão de um amor à italiana. Com a verdade, tantas vezes declarada pela amiga de que o homem italiano é o melhor dos homens para amar, Sofia era só desejo. Sua beleza seria parceira na conquista. Pensamentos em êxtase, ela seguia em delírios a um lugar de sonhos onde seu amor estaria. Nem ela entendia de onde vinha tanta imaginação! Acreditava, cada vez um pouco mais, que aquela viagem lhe daria um novo norte. Um caminho inédito, com mais sentido e plenitude.

Já em *Borgo San Lorenzo*, a garota entendeu finalmente (e de uma vez por todas) que não se deve adiar uma palavra, um sorriso, um

Vera Maria Mussi Nunes Hage

L'amore all'italiana

Quando il cuore ti chiama, seguielo!

È stato così con Sofia.

Con l'arrivo del 2020, Sofia aveva chiesto un amore al nuovo anno. Un grande amore. Di carati e brillo intenso. Non era il momento migliore, ma il desiderio era autentico, irrinunciabile. Non esitò. Lasciò decidere il cuore. La meta sarebbe stata quella di tanti viaggi belli: l'inebriante Italia. Si decise per la Toscana, la pittoresca città di Borgo San Lorenzo, con i suoi sentieri di avventure ecologiche. Per garantire il divertimento, invitò tre buone amiche, compagne di altri viaggi indimenticabili. Delle quattro, lei era la più carina. Tratti sorprendenti e caratteristiche che l'uomo italiano apprezza, valorizza.

Inspirata alla storia d'amore che una di loro aveva vissuto nell'ultimo viaggio, si sentì sfidata. Il suo cuore non era superficiale. Era libera per incontrare un nuovo amore.

“L'uomo italiano è il migliore da amare”, diceva sottovoce, ma convinta del suo pensiero. L'amore che non era stato possibile per l'amica, si attaccò alla retina, si sistemò nella sua mente. Istigava ancor più il suo desiderio. Un'ossessione, di sicuro.

Un'altra certezza era che non voleva un uomo impegnato. Non voleva una passione stagionale. Di amore che non si ferma. Voleva tutto il luccichio e il permesso di un amore all'italiana. Con la verità tante volte dichiarata dalla sua amica, che l'uomo italiano è il migliore da amare. Sofia era tutta un desiderio. La sua bellezza l'avrebbe aiutata nella conquista. Pensieri in estasi, continuava i suoi deliri verso un luogo dei sogni in cui sarebbe stato il suo amore. Nemmeno lei capiva da dove venisse tanta immaginazione. Credeva, ogni volta un po' di più, che quel viaggio le avrebbe dato un nuovo nord. Un cammino inedito, con più significato e pienezza.

olhar, uma carícia. Pensou como lhe doía não ter se declarado um dia ao seu amado. Não ter-lhe feito, a tempo, confissões extremas, do âmago e das belezas do amor recíproco. Acabava sempre se justificando, adiando sentimento, economizando afeto, deixando passar o melhor da vida.

Isso não iria repetir.

Sofia vestiu o desejo de viver um amor à italiana! Intenso, despojado, forte, ácido, romântico. Por que não à luz de velas, “caliente”, poucas palavras, sussurros? Corpos colados, cheiro de sofreguidão. Sem máscaras e nem pudor. Insaciável. Seus lábios tremiam, ansiam na espera e na busca tão decidida, crua e nua de sua decisão. Da vontade de um amor verde, branco e vermelho. Tricolor da sedução.

Aos treze anos de idade, ela viu, pela primeira vez, uma mulher a seduzir um homem. O olhar guloso do homem para o decote certeiro da mulher que fingia mistério acompanha Sofia até hoje, aos 50 anos. Foi sua primeira relação com o universo de amor e erotismo entre homem e mulher. Foi quando começou a existir como fêmea. Memórias de uma adolescente com notas marcantes do perfume da flor da vida!

“*Mamma mia!*” gritou baixinho Sofia, rindo-se dela mesma. – “Podem recordações ser sinais após tantos anos?” – perguntou-se, curiosa.

Uma intuição a fez procurar o concierge do hotel onde se hospedava. Fez reserva em um show para aquela noite. Não indagou sobre o elenco ou o tema da atração. Convidou as companheiras de viagem. Quis a trama – aquela que tece os fios da vida – que apenas a amiga que foi apaixonada por um italiano aceitasse lhe acompanhar. Vestiu sua roupa mais chique. Comprou especialmente para a ocasião, pois a maioria dos trajes da bagagem era para o ecoturismo.

No auditório repleto, três toques indicam o começo da apresentação. Um belíssimo concerto musical numa arena ainda mais bela. O artista principal atrai ambas.

Conforme ele cantava, olhares se entrecortavam. Todo o corpo de Sofia vibrava, numa atração incontrolável. A amiga, em desconforto e aflição, identifica no cantor o homem por quem se apaixonou quando esteve na Itália. Em lágrimas, abandona o lugar. Sofia permanece com olhar fixo na sedução, na vibração e no mistério que a arrebatava.

Già a Borgo San Lorenzo, la ragazza aveva finalmente capito (e una volta per tutte) che non si deve rimandare una parola, un sorriso, uno sguardo, una carezza. Pensò a come le avrebbe fatto male non essersi dichiarata un giorno al suo amato. Non avergli fatto, in tempo, confessioni estreme, del cuore e delle bellezze dell'amore reciproco. Finiva sempre per giustificarsi, rimandando il sentimento, risparmiando l'affetto, lasciando passare il meglio della vita.

Non si sarebbe ripetuto tutto questo.

Sofia vestì il desiderio di vivere un amore all'italiana! Intenso, spoglio, forte, acido, romantico. Perché non a lume di candela, “caliente”, poche parole, sussurri? Corpi incollati, profumo d'ardore. Senza maschere né pudore. Insaziabile. Le sue labbra tremavano, ansimavano nell'attesa e nella ricerca tanto decisa, cruda e nuda della sua decisione. Dalla voglia di un amore verde, bianco e rosso. Tricolore della seduzione.

A tredici anni vide, per la prima volta, una donna sedurre un uomo. Lo sguardo goloso dell'uomo per il decolleté ben messo della donna che fingeva mistero accompagna Sofia anche oggi, a 50 anni. È stata la sua prima relazione con l'universo dell'amore ed erotismo tra uomo e donna. È stato quando ha iniziato ad esistere la femmina. Memorie di un'adolescente con note peculiari del profumo del fiore della vita!

“*Mamma mia!*” gridò sottovoce Sofia, ridendo di se stessa. – “I ricordi possono essere segnali dopo così tanti anni?” – si chiese, curiosa.

Un'intuizione le fece cercare il concierge dell'hotel dove alloggiava. Prenotò uno show per quella sera. Non indagò sull'elenco o sul tema dell'attrazione. Invitò le compagne di viaggio. Volle la trama – quella che tesse i fili della vita - che solo l'amica che era stata innamorata di un italiano accettasse di accompagnarla. Indossò il vestito più chic. Lo comprò proprio per l'occasione, perché la maggior parte degli indumenti nella valigia erano per l'ecoturismo.

Nella sala piena, tre note indicano l'inizio della presentazione. Un bellissimo concerto musicale in un'arena ancora più bella. L'artista principale attrae entrambe.

Mentre cantava, gli sguardi si intrecciavano. Tutto il corpo di Sofia vibrava, in un'attrazione incontrollabile. L'amica, sconfondata e afflitta,

Feito um sonho, o homem a convida ao palco. Estremece, mas não resiste. Começam a bailar na linguagem de abraços e beijos tão aguardados. Não como se fosse a primeira vez, mas como dois amantes conhecidos, eternos, conectados na plenitude dos planos divinos. À vontade e íntimos. Almas gêmeas, indissociáveis. Embriagados de amor, a noite selou um novo par. Um casal sem urgências. Romance à espera de existir e ser vivido. Paixão e entrega à luz do amor.

O amor que sonhou Sofia. A reviravolta que pressentiu na vida. A brasileira Sofia, jornalista das melhores, transformou-se numa espetacular dançarina. Sofia à italiana. Com ela, o seu par amante. Os dois, para sempre, exibiram a deliciosa coreografia de um Amor à Italiana.

Quando o amor lhe chamar, siga-o! Até e principalmente na maturidade.

Tudo acontece quando estamos prontos. Inteiros.

identifica nel cantante l'uomo di cui si era innamorata quando era stata in Italia. In lacrime, se ne va. Sofia rimane con lo sguardo fisso nella seduzione, nella vibrazione e nel mistero che la rapiva.

Come in un sogno, l'uomo la invita sul palco. Rabbrividisce, ma non resiste. Cominciano a ballare nella lingua degli abbracci e dei baci tanto attesi. Non come fosse la prima volta, ma come amanti conosciuti, eterni, connessi nella pienezza dei piani divini. Desiderosi e intimi. Anime gemelle, inseparabili. Ebbri d'amore, la notte sigilla una nuova coppia. Una coppia senza urgenze. Storia d'amore in attesa di esistere e di essere vissuta. Passione e dedizione alla luce dell'amore.

L'amore che Sofia aveva sognato. La giravolta che aveva previsto nella vita. La brasiliana Sofia, migliore tra le giornaliste, si trasformò in una spettacolare ballerina. Sofia all'italiana. Con lei, il suo partner amante. I due, per sempre, si sarebbero esibiti nella deliziosa coreografia dell'Amore all'italiana.

Quando l'amore ti chiama, seguilo! Soprattutto durante la maturità.

Tutto accade quando siamo pronti. Interi.

Vilma Pavão Folino

Serenata nas estrelas

História de Ana, genética vêneta e de Enzo, ancestralidade calabresa. Ativos universitários dos anos 60, apreciadores da romântica música italiana, se conheceram quando ela se integrou a um movimento estudantil por ele presidido. Noite fria, vestindo casaco rosa, cabelo gatinho, a jovem chegou à reunião, enrubescedo enquanto ele se levantava perguntando “Quem é essa Jackie Kennedy?” Desde então, amigos inseparáveis.

No baile de calouros da Medicina, ela foi convidada para dançar já na porta e entrou no salão bailando com outro. Chegando à mesa, Enzo, irado, a crivou de perguntas enquanto as amigas cantavam “*Il ballo del mattone*”. Aí, dançaram juntinhos a noite toda. Namoro assumido. Na saída, ela com o *smoking* dele sobre os ombros, seus corações pulsavam “*Dio come ti amo*”. O pai da moça, por questões atávicas, não gostou da escolha, mas o namoro continuou e o rapaz conquistou a família. Encantada com o romantismo do amado que lhe oferecia flores e serenatas, ela quis surpreendê-lo com uma foto especial e buscou um renomado fotógrafo. Dias depois, os colegas de classe perguntaram a Enzo se já vira a linda foto de Ana na vitrine do Paparazzo; abandonando a aula o rapaz foi exigir a retirada da foto. Ao buscar seu retrato, a garota ouviu surpresa: “Ciumento, seu namorado!”

Ele aperfeiçoou os estudos na capital onde residiram e nesse período escreveram cartas apaixonadas diariamente. Longo namoro repleto de encanto, comovente casamento. Ana deixou a família, o trabalho, os amigos impulsionada por “*Io che non vivo senza te*”. Casados, levavam uma vida plena, alegria ampliada com o nascimento do filho; ele trabalhando muito, inclusive em plantões, ela lecionando à tarde e apoiando incondicionalmente as iniciativas profissionais e pessoais do marido. A felicidade parecia imperar na vida do Casal 20.

Prestes às bodas de prata, um choque brutal. Enzo disse estar

Vilma Pavão Folino

Serenata nelle stelle

Storia di Ana, genetica veneta, e di Enzo, antenati calabresi. Attivi universitari degli anni '60, amanti della romantica musica italiana, si conobbero quando lei si integrò in un movimento studentesco presieduto da lui. Notte fredda, con indosso una giacca rosa di pelliccia, la giovane arrivò alla riunione, e diventò rossa quando lui si alzò in piedi chiedendo “Chi è questa Jackie Kennedy?”. Da allora, amici inseparabili.

Al ballo delle matricole di medicina, venne invitata per ballare già alla porta e entrò nel salone ballando con un altro. Arrivando a tavola, Enzo, arrabbiato, la riempì di domande mentre le amiche cantavano *Il ballo del mattone*. Da lì, ballarono insieme tutta la notte. Corteggiamento iniziato. All'uscita, lei con la giacca di lui sulle spalle, i loro cuori pulsavano *Dio come ti amo*. Al padre della ragazza, per questioni ataviche, non piacque la scelta, ma la storia continuò e il ragazzo conquistò la famiglia. Incantata dal romanticismo dell'amato che le regalava fiori e serenate, volle sorprenderlo con una foto speciale e cercò un fotografo famoso. Giorni dopo, i colleghi di università domandarono ad Enzo se avesse già visto la bella foto di Ana nella vetrina del Paparazzo; abbandonando l'aula il ragazzo esigé il ritiro della foto. Andando a prendere il suo ritratto, la ragazza sentì, sorpresa, “Geloso, il tuo ragazzo!”

Lui perfezionò gli studi nella capitale dove sarebbero andati a vivere e in quel periodo si scrissero lettere innamorate ogni giorno. Dopo un lungo corteggiamento / fidanzamento colmo d'incanto, il matrimonio commovente. Ana lasciò la famiglia, il lavoro, gli amici, spinta da “*Io che non vivo senza te*”. Sposati, conducevano una vita piena, la gioia crebbe con la nascita del figlio; lui lavorava molto, anche nelle piantagioni, lei dava lezioni nel pomeriggio e appoggiava incondizionatamente le iniziative professionali e personali del marito.

em crise existencial e que ia embora. A esposa indignada, ele quase mudo. Com seu mundo desmoronado, uma música passou a assombrá-la: “*Si tu vuoi lasciarmi, dimmi almeno perché*” e com lágrimas, desilusão e sensação de fracasso, rasgou fotos e todas as cartas. Terapia por um ano e muita leitura sobre separação a levaram a uma conclusão que a serenou. Ninguém erra sozinho e não se deve amar demais. A ira se dissipou e a canção “*L'amore se ne va*” se evanesceu. Apoiada pela família, amigos e amigas, com muita resiliência mudou de trabalho, cursou pós-graduação, ministrou aulas em faculdades e nas férias prazerosamente viajava pelo mundo. Era só, mas não se sentia solitária. A única vez que o ex-casal se viu foi no casamento do filho. Encontro constrangedor.

Ana decidiu voltar a residir no interior levando consigo sua mãe e instaladas confortavelmente na nova cidade, conseguiu emprego e novos amigos. O passado lhe parecia remoto, estava em paz, mas seu mundo desabou novamente com a terrível descoberta de um câncer de mama e a guerreira se preparou com desvelo para a vital batalha. Véspera da cirurgia, foi avisada pelo filho que o pai, arrasado, estava na cidade e pedia autorização para levá-los ao hospital. Passada a estupefação, concordou. Um apoio para o filho. Após a operação, muito sensível à anestesia, dormiu o dia todo, nem viu que Enzo ficara de pé 24h ao lado da cama acariciando seus cabelos que em breve nem mais teria. Ele passou a enviar e-mails diariamente e a acompanhou à primeira quimioterapia. No retorno pediu perdão; resgatar o tempo perdido era seu único sonho. Ela disse que o perdoara há algum tempo, mas o momento traumático e de muita comoção era inoportuno. Um dia, conversaram longamente. Ela externou todas as mágoas e ele seu arrependimento. Havia morado com outra por pouco tempo, pois Ana povoava seus pensamentos, inclusive com o seu casaco cor de rosa e afirmou “*Come te, non c'è nessuno*”. Quanto mais ela progredia, mais difícil a reaproximação, e sem nenhum apoio encontrou refúgio na bebida, pois pensava “*Se non avessi più te, meglio morire*”. Suas lágrimas se fundiram, quase tinham se autodestruído. Almas leves, de mãos dadas saíram cantando “*Noi due per sempre*”. Ana curada, novas alianças e o recomeço de uma vida iluminada com espaço até para serenata. A história terminaria aqui com o clássico “viveram

La felicità sembrava non finire mai nella vita della coppia.

Prossimi alle nozze d'argento, uno choc brutale. Enzo disse di essere in crisi esistenziale e che voleva andarsene. La sposa indignata, lui quasi muto. Il mondo sembrava crollarle addosso, e una musica iniziò ad ossessionarla: *Se tu vuoi lasciarmi, dimmi almeno perché*, e con lacrime, delusione e sensazione di distruzione, strappò le foto e tutte le lettere. La terapia di un anno e molta lettura sulle separazioni la portarono ad una soluzione che la rasserenò. Nessuno sbaglia da solo e non si deve amare troppo. L'ira si dissipò e la canzone *L'amore se ne va* scomparve. Appoggiata da famiglia, amici e amiche, con molta resilienza cambiò lavoro, seguì il corso di laurea magistrale, diede lezioni nelle facoltà e durante le ferie viaggiava felice per il mondo. Era sola, ma non si sentiva così. L'unica volta in cui rivide l'ex marito fu al matrimonio del figlio. Incontro imbarazzante.

Ana decise di tornare a vivere all'interno, portò con sé sua mamma e, sistematesi confortabilmente nella nuova città, trovò un lavoro e nuovi amici. Il passato le sembrava lontano, era in pace, ma il suo mondo crollò nuovamente con la terribile scoperta di un cancro al seno e la guerriera si preparò con premura alla battaglia per la vita. La sera prima dell'intervento, venne avvisata dal figlio che il padre, distrutto, era in città e chiedeva il permesso di accompagnarli in ospedale. Passato lo stupore, concordò. Un appoggio per il figlio. Dopo l'operazione, molto sensibile all'anestesia, dormì tutto il giorno e non vide che Enzo rimase in piedi 24h accanto al suo letto accarezzandole i capelli che a breve non avrebbe più avuto. Iniziò ad inviarle delle e-mail giornaliere e l'accompagnò alla prima chemioterapia. Nella strada del ritorno, chiese perdono; recuperare il tempo perso era il suo unico sogno. Lei disse che lo avrebbe perdonato dopo qualche tempo, ma il momento traumatico e molto commovente era inopportuno. Un giorno, avrebbero parlato a lungo. Lei esternò tutte le sue ferite e lui il suo rimorso. Aveva vissuto con un'altra per un po' di tempo, ma Ana popolava i suoi pensieri, con la sua giacca rosa, e affermò: *Come te, non c'è nessuna*. Quanto più lei andava avanti, tanto difficile era riavvicinarsi, e senza nessun appoggio trovò rifugio nel bere, perché pensava *Se non avessi più te, meglio morire*. Le sue lacrime si fusero, quasi se fosse autodistrutto.

felizes para sempre”, mas um AVC o levou e ela ficou novamente só, sob o som de “*Non c’è*”.

Meses depois, em um sarau, uma desconhecida se aproximou de Ana perguntando se estava bem. Estranhando, respondeu e a mulher se afastou. No intervalo a pessoa voltou dizendo estar muito pressionada por Enzo que estava ali, atrás da esposa, insistente pedindo que lhe falasse sobre perdão, amor eterno e casaco cor de rosa. Ana, em lágrimas, virou-se, mas para sua tristeza não o viu. Buscou a janela para respirar. Atônita notou que a imensa lua sorria e as estrelas, com brilho e nuances intensos, piscavam ritmando “*Al di là*.”

Anime lievi, uscirono mano nella mano cantando *Noi due per sempre*. Ana in salute, con nuove fedi e ricominciando una vita illuminata dallo spazio perfino per una serenata. La storia terminerebbe qui con il classico “e vissero per sempre felici e contenti”, ma un ictus lo colpì e lei rimase nuovamente sola, al suono di *Non c’è*.

Mesi dopo, ad una serata, una sconosciuta si avvicinò ad Ana chiedendo se stesse bene. Stranita, rispose e la donna si allontanò. All’intervallo la persona tornò dicendo che era stata pressata molto da Enzo che era lì, dietro la sposa, che chiedeva insistente che gli si parlasse di perdono, amore eterno e giacca rosa. Ana, in lacrime, si girò, ma con tristezza non lo vide. Andò alla finestra per respirare. Attonita, notò che la luna immensa sorrideva e le stelle, luccicanti e dai colori intensi, brillavano al ritmo di *Al di là*.

Contatos / Contatti

COORDENADORA/COORDINATRICE:

Rosalie Gallorgallo1945@gmail.com

TRADUTORAS/TRADUTRICI:

Giada Mattugiada.mattu@live.com

Helen Gnocchihelengnocchi@gmail.com

AUTORES/AUTORI:

Angelica Royoangelicaroyo@uol.com.br

Camila Gattai Veigacamiveiga@icloud.com

Carmem Teresa Eliascarmemteresaelia@hotmail.com

Cida Micossicida.micossi@gmail.com

Dalva Maria Bannitz Bacalládalvabacalla@gmail.com

Dalva Inês Michelon Bentodalvaines.michelon@gmail.com

Débora Piodebora.pio@gmail.com

Deusdedit Anselmo D'Onofrioopeltrezero@gmail.com

Dosmar Sandro Valeriodosmar.sandro@terra.com.br

Eliana Magrini Fochiemfochi@gmail.com

Elisabetta Chiacchellae.chiacchella2020@libero.it

Elô Bittencourtelo.bittencourt@gmail.com

Eugenio Bega Saboyaebsaboya@gmail.com

Fabio Spinastelaefabio@hotmail.com

Fernanda Nardy Bellicierifernandavns@icloud.com

Heitor Saporitoheitor@saporito.net.br

Helena Domingoshelenadomingos2007@hotmail.com

Kelly Cristina Galbierikellygalbieri@hotmail.com

Lorien Marta Zaninilorienza@gmail.com

Luciana Bannitz Baccalá Righettolubaccala@hotmail.com

Lucila Teresa Papacosta Contelucila.papacosta@hotmail.com

Márcio Martellimarciomartelli05@gmail.com

Maria Perpétua Silvestrinmperpetuam04@yahoo.com.br

Maricy Elisabeth Montenegromaricyem@uol.com.br

Maria Rosa Fontebassomrfontebasso@gmail.com

Maria Teresa Sponchiadomtsponchiado@gmail.com

Romildo Gouveia Pintoromildo@uol.com.br

Valéria Dellome Fougèredellomev@yahoo.fr

Vera Mussi Hageveramussihage@gmail.com

Vilma Pavão Folinovipfolino2@uol.com.br

**COMITES 2015-2020**

Comitê dos Italianos no Exterior /
Comitato degli Italiani all'Estero

Circunscrição / Circoscrizione:

São Paulo, Mato Grosso,
Mato Grosso do Sul, Acre e Rondônia

Presidente: Renato Sartori

Presidente Coadjuvante /

Presidente Coadiuvante: Daniela Dardi

Vice Presidente: Fabiola Natali

Diretor Secretário / Direttore Segretario:

Bruno Romi

Diretor Tesoureiro / Direttore Tesoriere:

Eleonora Salvato (*in memoriam*)

Conselheiros / Consiglieri:

Angela Maria Pereira Curiati

Antonella Bassani de Souza

Antonio Carlos Delben

Antonio Laspro

Camila Massarelli

Flavia Paone

Flavia Archetti Conrado

Flavio Cesar Rossi

Jacopo Angelozzi

Julio Cesar Ragazzi



Leandro Nalini
Luciana Laspro
Marcos Barboza da Silva
Maria Carolina Casati
Ricardo Olivati
Rosa Marra Pacifico
Rosalie Gallo
Sebastião Zoli Junior

Revisores das contas do Comites**Revisori dei conti Comites:**

Felice Perrella / Elio Pardelli / Ruy Bottesi

Revisor das contas do Comites para o Consulado /**Revisore dei conti Comites per il Consolato:**

Giovanni Manassero

Contato / Contatto: Comites SP

Secretária: Sergia Bertolotti Aymard

Edifício Itália - Avenida São Luís, 50 - Conjunto 32-A

República - São Paulo/SP - CEP 01046-926

Fone: 55 11 3287-3717

E-mail: comites.sp@comites.org.br

www.comites.org.br

Facebook: www.facebook.com/comitessaopaulo

Twitter: twitter.com/ComitesSP

Instagram: instagram.com/comites_sp/



Caro Leitor / Caro Lettore

Nós esperamos que esta obra tenha correspondido às suas expectativas.

Speriamo quest'opera
vi sia di piacevole lettura.

Envie suas dúvidas e sugestões
através do nosso e-mail:
In caso di dubbi e suggerimenti,
rivolgersi a noi tramite l' email:

editorainhouse@gmail.com

Compre outros títulos em
Per comprare altri libri
www.livrariainhouse.com



www.editorainhouse.com.br
Curta nossa página no Facebook: Editora In House
Fones: (55 11) 4607-8747 / 99903-7599



Fotógrafo anônimo - início do século XX.
Colorização WJ - Wagner Jorge.

Capa: cartaz de propaganda para imigração,
tanto para o Brasil quanto para a
América Central e Nova York (1890).

Realização / Realizzazione

 COMITES SP

www.comites.org.br

E-mail:comites.sp@comites.org.br

4º concurso
literário
BrasilItália
São Paulo, 2020



 ISTITUTO
italiano
DI CULTURA
SAO PAULO

ISBN: 978-65-86978-61-2



9786586978612

Apoio cultural
Supporto culturale



editorainhouse
www.editorainhouse.com.br